

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

MÁRCIA LÁZARA PINHEIRO SILVA

**GRACEJOS E ARTIMANHAS COMO JOGOS DISCURSIVOS
NA FEIRA LIVRE: CONTRIBUIÇÕES PARA SE PENSAR OS
SABERES E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NA
PRÁTICA SOCIAL DE VENDA E COMPRA**

Itatiba
2012

MÁRCIA LÁZARA PINHEIRO SILVA

RA 002201000733

**GRACEJOS E ARTIMANHAS COMO JOGOS DISCURSIVOS
NA FEIRA LIVRE: CONTRIBUIÇÕES PARA SE PENSAR OS
SABERES E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NA
PRÁTICA SOCIAL DE VENDA E COMPRA**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, *campus* de Itatiba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação. Elaborada sob orientação da Prof.^a D.ra Jackeline Mendes Rodrigues.

Itatiba
2012

37.013.43 Silva, Márcia Lázara Pinheiro.

S581g Gracejos e artimanhas como jogos discursivos na feira livre: contribuições para se pensar os saberes e os processos de aprendizagem na prática da social de venda e compra. / Márcia Lázara Pinheiro Silva. -- Itatiba, 2012.
 96 p.

 Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.

 Orientação de: Jackeline Mendes Rodrigues.

 1. Jogos discursivos. 2. Comunidade. 3. Sujeito.
 4. Poder-saber. I. Rodrigues, Jackeline Mendes. II. Título.

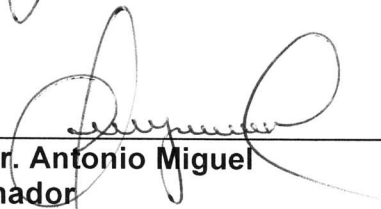
Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO

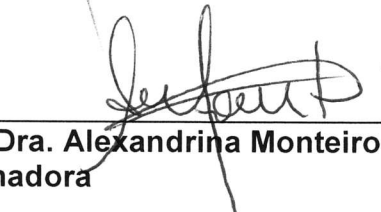
Márcia Lázara Pinheiro Silva defendeu a dissertação “**Gracejos e Artimanhas como Jogos Discursivos na Feira Livre: contribuições para se pensar os saberes e os processos de aprendizagem na prática social de venda e compra**” aprovada no programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 24 de fevereiro de 2012 pela Banca examinadora constituída pelos professores:



Profa. Dra. Jackeline Rodrigues Mendes- Orientadora e Presidente



Prof. Dr. Antonio Miguel
Examinador



Profa. Dra. Alexandrina Monteiro
Examinadora

AGRADECIMENTOS

É uma alegria e um prazer apresentar meus agradecimentos a todos que me dirigiram comentários e críticas, no decorrer desta caminhada. A todos que se indignavam ao ouvir sobre a minha dissertação, e a aqueles que rapidamente entendiam a importância de dar a feira livre uma atenção especial na contemporaneidade. Desse modo, é com satisfação que deixo a minha gratidão muito especial a todos, principalmente aos feirantes que, apoiaram e permitiram que esse trabalho se tornasse possível.

Também é com satisfação que anoto a minha gratidão, com aquela que se aventurou comigo nessa empreitada, a minha orientadora **Jackeline Mendes Rodrigues**, que enquanto coordenadora do programa de mestrado em educação e diante de meu nervosismo ao me receber, soube com toda paciência, orientar-me a dar início as atividades como aluna especial para que, a partir dali ocorresse uma aproximação com as linhas de pesquisa. Por permitir não somente a aproximação com os livros, como também de me possibilitar constituir com eles uma enorme paixão.

As Professoras: **Márcia Aparecida Mascia** e **Alexandrina Monteiro**, entusiastas da Educação que muito me ensinaram, e que deixaram uma marca valiosíssima em mim impregnada, a de não julgar, mas sim de buscar compreender a perspectiva do outro.

Ao meu marido **Robson**, que sempre me apoiou nessa trajetória, aquele que nas longas madrugadas de sábado ao ver-me dedicada aos estudos, fazia questão de ali permanecer a minha espera para se deitar. Aquele que, ao ver-me aflita com os prazos para entrega dos ensaios, pegava a nossa filha pelas mãos e cuidando pacientemente dela, levava-a para passear. Aquele que, além de um grande parceiro, um grande companheiro, é também um grande entusiasta da Educação, que sofre ao olhar para seus alunos sem direção, e que como muitos se vê de mãos atadas frente às relações de poder e as relações familiares enfraquecidas na pós-modernidade.

A minha filha, minha pequena **Rebecca**, sinônimo de alegria e motivo de continuidade. Motivo de busca incessante por um mundo de relações mais afetuosas, por um mundo menos violento.

A minha melhor e única amiga, que está sempre presente, de pouco estudo e muita sabedoria, minha mãe **Rosalina Gregório Pinheiro**.

*Toda leitura é leitura de um lugar
estrangeiro, de um primeiro lugar.
Edmond Jabès*

SILVA, Márcia Lázara Pinheiro. **Gracejos e artimanhas como Jogos Discursivos na Feira Livre: Contribuições para se pensar os saberes e os processos de aprendizagem na prática social de venda e compra.** 2012, 96p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, linha de pesquisa: Linguagem, discurso e práticas educativas. Itatiba, SP; Universidade São Francisco

RESUMO

A feira livre pode ser entendida na contemporaneidade como um espaço social-educativo não formal, permeado por saberes, possíveis de denotar significação as práticas educacionais formais. Desse modo, o presente trabalho, discute como se engendram esses saberes no contexto da feira livre e adota como eixo norteador as relações de poder-saber (Michel Foucault) por meio do discurso proferido pelo sujeito feirante, como figura de integração, interação e convencimento na contemporaneidade. Outro fator significativo é entender como se alicerça essa comunhão de sujeitos, os feirantes, diante das relações capitalistas e da Globalização que regem as relações sociais, políticas e econômicas na atualidade, e a forma como os sujeitos feirantes conduzem essa dinâmica para manter a feira livre ávida frente às diversas possibilidades que acometem todos os sujeitos pós-modernos. E, a partir desse tocante, presenciar a cena e o acontecimento por meio do estudo etnográfico e pensar a feira livre como uma comunidade alicerçada sob os usos e costumes (Thompson, 1998) e sobre a prática (Wenger, 1998). Logo, a pesquisa se fundamenta nas teorias pós-críticas e, na análise do discurso a partir de Michel Foucault e de seus sistemas conceituais sobre o discurso, o sujeito, a linguagem e o poder-saber.

Palavras-Chave: Jogos Discursivos, Comunidade, Sujeito, Poder-Saber.

SILVA, Márcia Lázara Pinheiro. **Jokes and tricks as Discursive Games in Market Fair: Contributions to think about knowledge and learning processes in the social practice of selling and buying**. 2012, 96p. Dissertation (Master's Degree in Education). Post-Graduation Stricto Sensu Program in Education; research focus: language, speech and educational practices. Itatiba, SP; University of São Francisco.

ABSTRACT

The Educational Market Fair can be defined nowadays as an informal social-educational zone, surrounded by diverse types of knowledge which are likely to bring meaning to formal educational practices. That way, this paper discusses how these types of knowledge engender in the Educational Market Fair context and adopts as a reference, the power and knowledge relations (Michel Foucault) through the salesman speech, which play an integration, interaction and persuasion role nowadays. Another meaningful item is to comprehend how this integration of subjects, the salesman, connect before the capitalist relations and the globalization which rule the social, political and economical relations nowadays and the way how the salesman e conduct this dynamic element to keep the market fair exciting inspire of all the different possibilities that are presented to the post modern subjects nowadays. From this issue on, it was necessary to witness the scene and the event through the ethnographic study and define the market fair as a community based upon uses e costumes (Thompson, 1998) and practice (Wenger, 1998). Therefore, this research is based on post critics theories and in the analysis of the speech which has as a starting point Michel Foucault and his conceptual systems about the speech, the subject, the language, power and knowledge.

Key Words: Discursive games, Community, Subject, power and knowledge.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I.....	11
O CAMINHAR ETNOGRÁFICO: SONS, CORES, CHEIROS,.....	11
FATOS E RELATOS NO CONTEXTO DA FEIRA LIVRE	11
1.1 Significando o espaço da feira livre	11
1.2 Entre o Estético e o Lúdico: As Jocosidades dos sujeitos feirantes	15
1.3 A Xepa: Agitação e melancolia na realidade da feira livre	26
1.4 Fazendo parte da feira livre: descobertas e enganos no percurso da pesquisa	30
CAPITULO II	38
FEIRA LIVRE: ITINERÂNCIA E RESISTÊNCIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	38
2.1 A institucionalização da Feira Livre: O movimento de resistência pelos costumes e usos.....	38
2.2 O espaço da feira livre, pertencimento e significado para a comunidade feirante	43
2.1.2 As articulações políticas e os embates para a continuidade da Feira Livre.....	48
2.3 Artimanhas e gracejos no trabalho feirante	55
CAPITULO III.....	63
FEIRA LIVRE: JOGOS DISCURSIVOS NA MOBILIZAÇÃO	63
DE SABERES	63
3.1 Saberes e aprendizagens na Comunidade Feirante.....	63
3.2 As práticas de cálculo na comunidade feirante	74
3.3 Os jogos discursivos na prática da comunidade feirante: poder e sedução.....	77
ALGUMAS PALAVRAS FINAIS	91
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	94

INTRODUÇÃO

Foi na tensão de compreender como um local amplo, sem muros e sem amarras ainda é diante de tantas mudanças ocorridas ao longo dos tempos, reconhecido e freqüentado pelos sujeitos, um lugar onde saberes e processos de aprendizagem se desenrolam por meio do discurso. O local ao qual nos referimos não precisa de convite para entrar, não precisa de vestimentas formais, sofisticadas ou padronizadas, não precisa de conhecidos para lá estar, mas é preciso reconhecer que é um local de trabalho árduo, um local social, um local onde os cinco sentidos são aflorados, a fala, o cheiro, o olfato, a audição e o tato.

É nesse lugar, que a presente pesquisa tem por finalidade apresentar apontamentos sobre os modos de constituição desse espaço pelos jogos discursivos que ali se desenrolam. Para isso, focalizamos uma feira livre que acontece aos domingos em uma cidade que está situada a 40 km do centro do Estado de São Paulo, que tem apresentado um crescimento significativo pela facilidade de acesso às Rodovias Anhanguera e Bandeirantes, apoiando o crescimento de empresas do segmento logístico. Atualmente a cidade possui uma infraestrutura diferenciada das cidades interioranas do estado de São Paulo, pois por meio das ações apresenta uma preocupação em oferecer educação, projetos culturais, saúde e espaços para o lazer.

Contudo, vale ressaltar que a cidade ainda apresenta uma vegetação preservada ambientalmente, e que foi constituída por ter um solo fértil e um clima favorável para a plantação e cultivo da uva. Essa prática foi um legado dos italianos que encontraram na cidade o aconchego para construir uma nova morada, e por isso a cidade é conhecida até os dias de hoje como a terra da uva, e mesmo diante de toda a urbanização, a atividade agrícola é ainda significativa e envolve várias famílias.

E, algumas dessas famílias relataram que essa prática de venda dos produtos agrícolas, em tempos atrás acontecia em locais de passagem dos cidadãos, e foram eles que em dado momento histórico intensificaram as relações políticas para o exercício da prática da feira livre de maneira organizada, vislumbrando locais fixos para o trabalho e reconhecimento da profissão.

Durante a construção da pesquisa, foi observado que o trabalho realizado pelos feirantes é intenso, pois ele não cessa no período de acontecimento da feira livre, ele se desenrola da madrugada ao fim da tarde, pois aqueles que não se envolvem com a agricultura, se voltam para o processo de compra em locais específicos para a comercialização.

Há, portanto, duas formas de organização do trabalho na feira livre, aqueles feirantes que compram em centros de distribuição e vendem, e aqueles que se envolvem com a agricultura e vendem. Hoje, dada a organização da secretaria da agricultura, somente é possível adquirir um espaço para comercialização na feira livre, se algum feirante desejar desfazer-se, e nesses casos o espaço é ofertado para parentes ou outros que estejam envolvidos com a feira livre.

O que se percebe é que independente do caminho para a execução do trabalho feirante existe nesse grupo um reconhecimento pelo ato do fazer a feira livre. Considerando que o fazer está aqui voltado para o seu acontecimento, para o compromisso dos feirantes de envolverem-se de modo que a feira livre esteja presente tanto às margens da cidade, quanto nas regiões onde residem as pessoas de classe social ascendente.

O fazer se refere, também, ao envolvimento dos feirantes para que a feira livre seja significativa ao freguês, e que independente da região que a feira livre se ergue diariamente, o tratamento com os que dela participam são sempre de envolver, seduzir e gracejar, na esperança de permitir que os fregueses sintam-se satisfeitos com os produtos que estão adquirindo, e ainda, permitindo que eles recebam as informações sobre o produto, desde cuidados com a higienização, saberes nutricionais até os métodos de conservação e preparação na cozinha.

E, é exatamente por esse motivo que se torna possível um olhar diferenciado para o espaço da feira livre, por permitir vários arranjos e poder ser visualizada como um verdadeiro salão de pesquisa para as práticas educativas não formais.

E, dessa forma, pensar o espaço da feira livre requer antes de mais nada, conceber as imbricações que perpassam as relações estabelecidas entre os sujeitos feirantes e os fregueses. Para tomar essa situação conhecida foi necessário na realização da pesquisa, uma imersão na feira livre olhando para os acontecimentos ao vivo, presenciando as trocas e os depoimentos orais. Para tanto, se tornou extremamente necessário estabelecer com os feirantes vínculos que possibilitassem a convivência social, e foi a partir do estar presente que se fez possível narrar à feira livre nos três capítulos da pesquisa.

No primeiro capítulo a feira livre será apresentada sob um olhar geral, trazendo aspectos relevantes sobre o sujeito feirante, seu modo de ser e de se relacionar com os outros sujeitos, seu ambiente de trabalho e o caminho seguido pela pesquisadora.

Na narrativa do segundo capítulo, a feira livre será apresentada sob a ótica do se sentir presente no mundo contemporâneo, e a partir das perspectivas de Thompson (1998)

apresentar que há na comunidade da feira livre manifestações de luta e de resistência para a continuidade do trabalho realizado pelo feirante, que muitas vezes compõe uma arena conflituosa com o poder público.

Neste capítulo, para olhar essa comunidade o fazemos a partir de duas instâncias. Uma primeira sob a perspectiva do processo de resistência pela realização da feira livre no mundo contemporâneo. Para isso discutimos, a partir da noção de usos e costumes de Thompson (1998), as formas de resistência que tem assegurado a existência das práticas de venda e compra no espaço da feira livre.

Um outro olhar é lançado sob a perspectiva das relações de poder que atravessam as diversas instâncias da realização da feira livre, que fazem parte das tensões que são geradas nas relações dos sujeitos da feira livre com o executivo. Para isso, tomamos Michel Foucault (2009), nas questões de vigilância e controle que se colocam nas relações de poder tecidas na relação da feira livre com o executivo.

No último capítulo a proposta se afirmará na direção da produção dos saberes e processos de aprendizagem sob a perspectiva de Wenger (1998) que permitirá olhar para a feira livre como uma comunidade de prática, já que é no desenrolar da realização do trabalho que os saberes e as formas de aprendizagem se mobilizam. Desse modo, evidencia-se neste capítulo a relevância da pesquisa que trará os jogos discursivos como uma estratégia de constituição dos saberes no discurso dos feirantes, com o objetivo de realizar a venda.

Desse modo, as contribuições de Foucault (2009), para pensar as questões do discurso serão os eixos norteadores para apontamentos sobre o espaço da feira livre como uma teia social onde poder e saber se imbricam, permitindo que seja observado o próprio discurso que os feirantes colocam em funcionamento na prática cotidiana do trabalho.

CAPITULO I

O CAMINHAR ETNOGRÁFICO: SONS, CORES, CHEIROS, FATOS E RELATOS NO CONTEXTO DA FEIRA LIVRE

Nesse momento se pretende possibilitar a apresentação da feira livre, não sob a ótica de um espaço específico para o comércio livre, mas como um espaço rico e possível de manifestações de saberes que se desenrolam nas relações sociais entre os sujeitos: feirantes e fregueses. E, para reforçar essa perspectiva, torna-se necessário propiciar o contato direto entre a cena e o acontecimento social que se manifestam entre os sujeitos, possibilitando sua inserção nesse espaço repleto de contribuições para debates que envolvem a educação não formal.

1.1 Significando o espaço da feira livre

A proposta de observação de pesquisa restringiu-se a visitar a comunidade feirante aos domingos, visto que a maior feira da semana se dá nesse dia, possibilitando em virtude da grande movimentação localizar o que a pesquisa pretendia com maior dinamismo.

Dessa maneira, não houve a intenção de legitimar a rima popular que congrega a feira à quarta-feira. Embora, segundo os feirantes em uma época distante ela acontecia na Cidade somente às quartas-feiras. E, foi ao longo do tempo ganhando notoriedade, espaço e também um número maior de dias para a realização desse evento.

Segundo os feirantes, essa possibilidade de atuação é um resultado do crescimento acelerado provocado pelo grande número de empresas que se instalaram na região, por isso atualmente ela acontece em diversos bairros e, exceto às segundas-feiras, nos demais dias da semana.

O ingresso na comunidade da feira livre e as observações realizadas durante todo o período da pesquisa me permitiram o seguinte questionamento: Como será esse espaço de acontecimento da feira livre nos dias em que as feiras não são realizadas nesse local?

Para responder a essa pergunta, me desloquei ao local de acontecimento da feira livre em outro dia. Lá estava eu, em um dia de sol, quinta-feira, tomando como local de observação

e contemplação a escada que leva à Estação Ferroviária, e que caracteriza o cenário de fundo da feira livre, aos domingos.

Foi uma sensação única, o ambiente sem o vai e vem dos sujeitos, cedia lugar aos mais diversificados modelos de veículos o que, me restringiu a um espaço vazio, gélido, sugerindo que o mundo havia congelado e que, aquele lugar com uma diversidade de sujeitos circulando em dia de feira livre, havia se tornado um retrato em minha mente, cedendo o espaço para o mundo característico da modernidade¹, concreto e funcional.

Do ponto em que eu estava, era possível visualizar também a estação central do ônibus urbano e a avenida onde a feira é edificada. A minha frente visualiza a grande rotatória gramada e que, nesse dia somente era funcional como uma arquitetura comum que, permitia aos ônibus a realização da manobra para a entrada na estação urbana de ônibus.

A utilidade dessa rotatória no domingo é bastante diferente, pois ela é transformada em arquitetura que ganha movimento, pois pode ser ocupada pelos sujeitos, já que é nela que ficam as mesas da banca de pastel, e que, são constantemente disputadas pelos sujeitos e suas famílias, ou amigos.

Como não poderia faltar, a frente da Estação ferroviária de trem, ficam também os taxistas e seus veículos em fila, deixando ou levando sujeitos de hora em hora, o mais significativo é que, durante a realização da pesquisa, eles não faziam parte do cenário, ou tão significativo é o espaço da feira livre que, pouca atenção era a eles dada.

Assim, sem o despertar das emoções positivas, o que me consumiu nessa quinta-feira foi o mau cheiro do local, o fedor de urina humana que se misturava às fezes de animais, um mau cheiro que, não é característico do cheiro adocicado ou do cheiro do pastel nos dias em que a feira livre ocupa esse ambiente.

Fui tomada também, pela quantidade de lixo: garrafas descartáveis, garrafas de vidro, pacotes vazios de biscoitos e bolachas, um lugar típico da cidade urbana, repleto de sujeitos que ainda não possuem a sensibilidade de depositar o lixo nos locais destinados a eles. Capazes de não pensar as questões implícitas da feira livre como a continuidade e a preservação dos meios naturais e sociais.

Todavia, como toda ação gera uma reação, essa observação me fez perceber o quanto a feira livre toma corpo na vida cotidiana dos sujeitos, mesmo que ela seja vista como uma atividade itinerante e periódica, ela é apropriada para aquele ambiente, ela se torna um evento

¹ É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar... (Marx e Engels, 1973, p.70 apud Hall, 2006, p.14)

social capaz de mobilizar a arquitetura local e as relações sociais, estabelecendo uma forma de pertencimento e de significar à prática da feira livre cotidianamente.

Até mesmo o som, as diversas vozes que se misturam e se espalham pelo ambiente, feirantes chamando fregueses, oferecendo produtos, brincando ou cantando, me fez perceber que, esse som é mais humano do que, os motores de carros, ônibus ou dos caminhões que ali circulavam.

Faltava também a figura mais marcante da feira livre: o freguês. Tão expressivo é ele nesse ínterim que sem ele não seria possível olhar para as trocas, desse modo como não há feira sem a presença do sujeito feirante, também não existe o sujeito feirante sem a existência do freguês.

Os feirantes promovem com eles aos domingos uma troca cheia de cuidado, essa manifestação do feirante na realização de sua prática se traduz sempre na atenção que ele deseja oferecer aos seus fregueses.

O que possibilita que as relações sociais entre os feirantes e fregueses, pautem-se em formas cordiais de convivência, em geral as trocas realizadas se traduzem em histórias de vida, experiências passadas, jogos de adivinhações, brincadeiras e que possibilitam que os feirantes sejam capazes no dia a dia de construir novos meios de condução dos trabalhos.

Além da sensibilidade para o trato com seus fregueses, usam o discurso como forma estratégica de abordagem. Os feirantes discursam sobre tudo, política, economia, religião, esportes, novela, celebridades, enfim, um repertório eclético que muitas vezes foi constituído a partir do discurso do outro, o freguês.

O freguês é constantemente ouvido pelo feirante, que reflete e aprende, fazendo uso daquele discurso em momentos apropriados, mas também discordam, e nessas trocas sociais que se fundam, os feirantes visam manter uma relação pautada no respeito, pois raramente entram em discussões calorosas com os fregueses.

Uma capacidade do feirante, de expressar o que pensa ou o que sente, sem desconsiderar a percepção ou o sentimento do outro. Mesmo havendo nessa comunidade poucos feirantes que conseguiram atingir o nível fundamental de escolarização, eles se sobressaem na contemporaneidade em decorrência dos usos e costumes, pois foram educados nesse meio social e compreendem a importância que o outro, o freguês, exerce para dar continuidade a feira livre.

E, para receber o outro nesse meio público e também social de acontecimento da feira livre, que os feirantes trabalham muito. Iniciam suas atividades a partir de uma hora da madrugada e, somente sairão desse espaço por volta das quatorze horas.

Contudo, o trabalho não se finda, já que durante o período da tarde continuam a jornada na plantação, na colheita ou na compra dos produtos. São habituados a poucas horas de sono, e nem por esse motivo, desdenham a profissão ou queixam-se de cansaço.

Aos domingos na feira livre nenhum dia é como o outro, torna-se impossível uma estimativa de participação dos fregueses por meio de observação. Algumas vezes nesse espaço há um número maior de homens e em outros dias um número maior de mulheres. Somente é possível afirmar que os primeiros a chegarem à feira livre são sempre os idosos, algumas vezes solitários outras vezes acompanhados.

Os casais idosos chamam a atenção, eles vivem entre a tradição e a contemporaneidade. As mulheres caminham um passo a frente e param escolhendo as frutas, verduras e outros produtos, os homens caminham um pouco atrás, levando a sacola de produtos e a carteira de dinheiro.

Notoriamente, os fregueses homens conversam mais nessa comunidade, as mulheres se comportam de maneira mais retraída, exceto as senhoras que questionam os produtos e sua procedência, como data da colheita, mole, duro, e fazem questão de provar a fruta.

Nessa quinta-feira não havia um espetáculo que é um chamariz a degustação, ou prova, como os feirantes chamam. Dinâmicos os feirantes convidam homens, mulheres, crianças, jovens e idosos para realizarem a prova do fruto da estação, que sempre é apresentado com uma coloração magnífica e com um perfume agradabilíssimo. Em segundos uma agitação e um aglomerado de fregueses se organizam como um quebra-cabeça na frente da banca. Em seguida, o freguês apresenta uma conduta de tolerância posicionando-se ao lado para ser atendido. Outros, desinteressados na fruta, pegam o pedaço e saem rapidamente do local deixando aberto para que o próximo realize a degustação.

Em seguida ao espetáculo, os fregueses aguardam para convidarem os feirantes a ensinar-lhes como escolher o melhor fruto, tão doce e bonito quanto o degustado, eles sem qualquer cerimônia ensinam uma, duas, três, quatro e assim sucessivamente a mesma coisa, sem que os questionamentos os levem ao nervosismo ou provoquem irritabilidade.

Uma questão bastante relevante, que nos coloca frente ao controle emocional, que a pressa da contemporaneidade não permite aos sujeitos pós-modernos. Dessa forma, os atores da feira livre são capazes de promoverem aos domingos uma exibição fazendo do lúdico e do

estético, ferramentas imprescindíveis nas relações humanas estabelecidas, legitimando os seus hábitos e costumes nas trocas sociais que estabelecem.

Sob esse olhar, senti a quinta-feira como um dia pouco atrativo, que cedendo lugar a outro campo de atividade humana como o transporte, se distanciava muito do domingo que é tomado pelo vai e vem dos sujeitos na feira livre, que começa de mansinho, lentamente e de repente toma uma intensidade magnífica de sujeitos circulando. Carrinhos que se chocam, sacolas que se enroscam. Pessoas que pedem passagem: algumas com muita pressa outras sem pensar no tempo. Algumas solitárias, outras acompanhadas de uma grande família.

Idosos, jovens e crianças, uma heterogeneidade de estilos de vida, das mais diferentes raças, das mais diferentes classes. Ricos ou pobres, isso não importa, o que importa é a alegria contagiante e a cortesia que essa comunidade deposita sobre seus diversos fregueses. E assim, a feira livre assume o seu papel na vida cotidiana das cidades urbanas.

1.2 Entre o Estético e o Lúdico: As Jocosidades dos sujeitos feirantes

Cores vivas da natureza, barulho de trem, som das diversas vozes, cheiros das frutas, mau cheiro dos peixes, fatos e relatos entre feirantes e fregueses.

Com a manhã ainda sobre o breu da noite, feirantes aguardam ansiosos pela chegada dos fregueses. Faça frio, chuva ou sol, isso não importa para a comunidade. O que importa é o seu acontecimento, o seu sucesso.

Para Coracini (2006), o sucesso na perspectiva neoliberal contemporânea é medido pelo dinheiro. Tanto que o discurso contemporâneo dos sujeitos está sempre em pensar a felicidade atrelada ao dinheiro, usando o seguinte jargão: “O que importa é dinheiro no bolso”.

Os feirantes obviamente precisam dele para dar continuidade às suas atividades, porém, contrário ao discurso contemporâneo, o discurso que atravessa essa comunidade é: - *O que importa é a saúde. Ou – Tendo saúde tá bão!*

E a saúde, nessa perspectiva, é compreendida como uma maneira de manter o corpo e a mente sadios, para que por meio do trabalho seja possível ganhar o dinheiro. E assim, a saúde responderá pelo sucesso do evento social que é a feira livre. Uma maneira diferenciada de pensar no mundo capitalista ao qual se vive na contemporaneidade, mais sábia do meu ponto de vista, pois o capital não é resposta para tudo aquilo que se deseja e que se precisa.

A partir desse olhar, uma problemática me tomou: O que diferencia a feira livre de uma grande rede de hipermercados, onde pode encontrar tudo que se precisa, além do que está disponível na feira livre?

Na feira livre não há, preocupação com padronizações existentes em hipermercados nem tão pouco ambientes resfriados pelo ar condicionado, mas encontra-se as raízes de uma comunidade que visa tornar a prática da feira livre a mais viva possível.

Seu tempo de duração para aqueles que a freqüentam é curto, pois ao contemplarmos as redes de hipermercado que ocupam as cidades urbanas na contemporaneidade, funcionando vinte e quatro horas, parte do princípio de que haveria aproximadamente dezoito horas a mais para que os fregueses realizassem suas compras ou optassem pelo horário desejado para fazê-las. Mas compreende-se que o período da realização da feira livre é tão intenso para os fregueses, como se lá ela estivesse presente por vinte e quatro horas.

A feira livre é, nessa concepção, mais humana do que racional. Os sujeitos não são apenas razão e a troca existente nesse espaço é significativa. Assim são as manifestações sociais que mobilizam as emoções, dando a sensação de um corpo sempre presente, mesmo que na contemporaneidade se desenrole a redução do contato pessoal no processo de socialização entre os sujeitos, da ausência do “olho no olho”, do distanciamento dos laços afetivos, como de amabilidade, de respeito, de cordialidade e de cooperação que, se manifesta em algumas circunstâncias pelo movimento incessante da tecnologia como nos aponta Coracini (2006), na feira livre essas relações são constantes e perceptíveis.

Os feirantes são capazes de valorizar o olhar ao falar com os fregueses e entre eles; o abraço e o aperto de mão ao realizarem os cumprimentos; o respeito ao ouvirem cuidadosamente o que o freguês está falando, que muitas vezes se traduz em queixas e reclamações da vida.

Nessa comunidade o freguês, o ser humano, tem alma e merece atenção. Trata-se de um manifesto soberano para com o próximo e que, permite que seja instaurado um contrato de participação. Ali não estão expostos somente as frutas ou os legumes, estão expostos a compaixão e a união de uma comunidade que, transita entre os costumes e a contemporaneidade, visando não somente o seu sustento, mas viver fraternalmente nesse mundo de diferenças e violência.

Contudo, como os feirantes promovem relações sociais respeitáveis, eles se implicam com as formas de tratamento mal-intencionadas dos fregueses e demonstram imediatamente por meio do semblante que reprovam aquela ação. Que se produz muitas vezes pela ausência

de resposta do freguês ao “bom dia” ou pelo desinteresse do freguês em ter uma conversa com o feirante. É a materialização da contemporaneidade: individual e vaidosa.

Skliar (2003) ao questionar: “E se o outro, não estivesse ali? Hipoteticamente seria respondida por essa comunidade: A feira livre não existiria mais, as trocas sociais que se realizam cotidianamente não existiriam mais. E, até o “ser humano” não existiria mais, a possibilidade de colocar em movimento o que sabem, ou todo um conjunto de saberes não se fariam mais.

Sim, pois é sabido que eles têm muito mais a oferecer aos fregueses do que os produtos que comercializam, eles oferecem saberes por meio da oralidade, mas também se constituem a partir dos saberes dos outros feirantes e dos fregueses.

A história contada pelo João Pedro de onze anos de idade (banca de frutas), aos seus fregueses é a seguinte:

- “O abacaxi está super docinho, quer ver? Quem é o rei da selva? O leão. Quem é o rei da França? Sarkozy. Quem é o rei da horta? O único que tem a coroa mais bonita...Então, pode levar não vai se arrepender, ainda mais se cortar de pé, sem tirar a coroa, ai ele fica feliz na geladeira uma semana”.

Por meio do conto ele consegue ensinar como manter o fruto por mais tempo, e chama a atenção dos fregueses que param para ouvir aquele pequenino garoto de aproximadamente 1 m. e 20 cm. de altura falar como um intelectual.

Uma possibilidade encontrada por ele, para aproximar os fregueses, permitindo-se enquanto criança, trazer à tona o “leão como rei da selva” e de se aproximar ao mundo adulto, ao chamar o presidente da França de Rei da França, incluindo a essa história a sua prática e o seu saber.

Não é qualquer garoto de sua idade que encontra estratégias de comercialização como essa. É perceptível que essa conexão que ele faz entre o presidente da França e a prática de conhecer o produto tem impregnado os saberes de adultos que, também demonstra que ele aprende e se articula para ensinar o outro da sua maneira, construindo uma relação sábia, se interagindo até mesmo da política.

E por essa articulação bem humorada entre os feirantes e fregueses, que o estar na feira livre não se resume somente em degustar a combinação maravilhosa de pastel com caldo de cana ou de pastel com coca-cola de garrafinha, vai para além, pois permite participar da

dinâmica social, da troca dos diversos assuntos ali tratados e de sentir um contentamento que se mistura ao saber.

Tanto que, há fregueses que muitas vezes não compram nada, fazem questão de parar e trocar meia dúzia de palavras com os feirantes, de perguntar onde comprar determinado produto, de manifestar uma brincadeira e de comprovar que tem o contrato de participação internalizado.

Muitas vezes as trocas das palavras são piadas, um passa tempo agradável que satiriza o time preferido de futebol, ou a política do país, ou o próprio modo de ser. Outras vezes tratam de adivinhações que em algumas ocasiões estão atrelados a um produto comercializado.

“Por que a manga cai da mangueira? Porque ela não sabe descer pelo galho!”

Os fregueses param para ouvir, para pensar e, respondem positivamente com um sorriso ou com a aproximação para olhar e tocar os produtos.

Há ainda pelos feirantes alguns discursos que criticam assuntos polêmicos, e que produzem um movimento reflexivo:

“Qual é o prato preferido dos Políticos? As massas.”

Os feirantes ao lançar uma brincadeira por meio do discurso, permitem que esse seja internalizado pelo freguês, que gosta do que ouve. E que irá possivelmente reproduzir esses dizeres em outros locais e em outros momentos.

A troca por meio das brincadeiras é também um jogo de linguagem que se estabelece na prática de comercialização no contexto da feira livre, é ainda, parte integrante das formas de interação na comunidade.

-Moça não compra dele, eu sou mais bonito!

O vizinho, após ouvir os dizeres sempre se manifesta, positiva ou negativamente, contudo a resposta não é agressiva e sim, bem humorada, o que o faz também ganhar a atenção do freguês e de outros que por ali passam. Parece que eles transformam o momento em algo pensado, em um jogo de envolvimento e não de competição, uma realidade oposta ao que vemos na contemporaneidade.

Como os locais são organizados pela Secretaria da Agricultura, as bancas se alternam entre as pequenas também chamadas de varejões, médias e grandes feiras.

O vizinho, na ótica de Bauman (2003), é na contemporaneidade aquele que deve ser mantido como um desconhecido, ou aquele que, os sujeitos não fazem questão de conhecer.

Como colocado por Mario Quintana², na contemporaneidade marcamos encontros, mas fora de nossas casas, combinamos eventos sociais, mas fora de nossas casas, a modernidade tratou de esclarecer que podemos nos ver, mas desde que longe de casa.

Entretanto, os vizinhos na feira livre querem estender as relações além da prática da feira livre, por isso eles falam da família, dos amigos, dos passeios, permitem a participação em reuniões familiares, ou seja, são convidados a compartilharem dos eventos sociais e da casa. E, nessa perspectiva os feirantes mais agregam do que segregam.

Não seria correto apresentar um ambiente distante da contemporaneidade e sem qualquer momento de conflito, eles existem e fazem parte da realidade dessa comunidade, mas os choques ou embates quando manifestados são sanados e resolvidos entre eles, parecem ser tratados de forma velada, assim pude observar na comunidade.

A região é hoje uma das maiores em renda “per capita” do Estado de São de Paulo, se ocupa da sétima economia, com praticamente 70% de seu espaço totalmente urbanizado é também chamada de Cidade Dormitório. Muitos que aqui moram trabalham em outras Cidades.

A cidade tem acompanhando as exigências pós-modernas e tem demonstrado grande preocupação estética, tanto que, a estação de trem que apresentava uma fachada rústica de Cidade de Interior, ganhou à aproximadamente oito anos atrás uma aparência digna da atualidade e, como o trem se estende até São Paulo é muito utilizada pelas famílias mais carentes como meio de transporte para o trabalho ou para a escola, ou por aqueles que desejam fazer um passeio de trem aos fins de semana. Essa circulação torna o local altamente movimentado e praticamente um pólo atrativo.

Aos domingos, de hora em hora, somos tomados pelo estribilho do trem deslizando nos trilhos de ferro, pais ou mães tentando mostrar às crianças aquela grande máquina de cor vermelha, que se torna um cenário ao fundo das bancas de frutas e verduras.

E dado a possibilidade de locomoção, alguns jovens aguardam a montagem da banca de pastel, após diversão noturna do sábado para lancharem e utilizarem o trem para voltar para casa.

Há também na estação de trem, um movimento inverso, já que alguns fregueses vêm das Cidades vizinhas para o “fazer a feira”, alegando que:

“as frutas e verduras são mais frescas, são de produtores e duram mais tempo na geladeira, vale a pena o deslocamento. E o trem é baratinho”.

² Poema Saudade

No domingo na cidade, é também dia de missa. Muito próximo a Avenida que acontece o evento social se localiza uma grande e bela Igreja. Os fregueses, após o cumprimento religioso vão às compras, alguns chegam a ficar a manhã toda em uma única banca conversando, o que é compreensível, o tempo em companhia dos feirantes faz com que as horas passem rápido demais.

A avenida de acontecimento da feira livre é extensa, porém pouco movimentada por veículos aos domingos se tornado um local convidativo para a prática esportiva, como caminhadas, bicicletas, corridas. Esses sujeitos preocupados com a saúde fazem uma paradinha para tomar água de coco e se sentar para descansar, reativar as energias e retomar a atividade física. Alguns se sentam nas bancas de pastel e praticamente ali almoçam, já que é à tarde que se vão.

Casais de namorados e amigos se encontram lá, para então após um pastel fazerem um passeio dominical, como podemos notar o espaço da feira livre é um local de “encontro”.

Entretanto, pouco favorecido nos dias de chuva. Nos dias nublados, de garoas e de chuva, a passagem pela feira livre é soberana aos idosos. Ao olhar para o corredor da feira se percebe as mais variadas cores, mas que não são dos frutos, legumes ou verduras, mas sim das sombrinhas que se chocam, pedindo passagem.

Os fregueses sempre apressados, dispostos somente ao bom dia, e ao retorno rápido para a casa. Esses dias são de grande tensão para os feirantes, olhares sempre preocupados pelo baixo movimento, e no segundo semestre do ano de dois mil e dez as chuvas aos domingos foram “presentes de grego” para eles, que tentavam a todo custo não permitir que o mau humor que o dia sugeria, fizesse parte de seus semblantes.

Mesmo em dias de chuva é comum a todos os feirantes colocar o corpo em movimento, andando de um lado para o outro, promovendo a arrumação dos produtos, conversando com outros feirantes, e até dançando. Ensaíam diversas coreografias com os demais, é como se fosse um estender de mãos para aproximar os fregueses.

O uso do corpo é de certa maneira o que valida o senso comum da comunidade, no qual o feirante não pode ser ocioso, tem que ter disposição e estar sempre alerta e de bem com a vida e com os outros.

Foi somente depois de compreender esse discurso dos feirantes que, passei a me levantar muito cedo para lá estar, pois ao iniciar a pesquisa fui tomada pelo horário do comércio local (8 h), como sendo adequado para iniciar as minhas observações, contudo vim

a perceber que a realidade ali era outra, por ser questionada várias vezes com referencia ao horário.

- “Feirante não chega à feira 8:00 horas.” ou - “Agora que você chegou? A Feira já acabou.”

Os feirantes trabalham a manhã toda, alguns cortam alimentos e embalam deixando pronto para o consumo direto do freguês. Homens, mulheres, jovens e algumas crianças apresentam as mãos ásperas, calejadas e unhas de quem lida com a terra, algumas vezes até machucadas, com cortes profundos.

No entanto, devemos tirar o chapéu para eles, a agilidade com os números muitas vezes aprendida com a prática é de causar inveja aos mais variados profissionais e especialistas, sejam eles matemáticos, engenheiros ou economistas. Sem o uso de qualquer dispositivo tecnológico, como calculadoras, são capazes de somar, dividir, multiplicar, fracionar dúzias em unidades e multiplicar pelo preço que será em seguida somado aos diversos produtos.

A sensação é que eles parecem brincar com os números, sem medo de errar, sem denotar dúvida naquilo que fizeram uma capacidade significativa que, eu, acredito que poucos aprenderam no âmbito escolar.

E não somente, pelo uso dos números que os sujeitos feirantes se sobressaem, eles também articulam e criam possibilidades por meio da linguagem para provocar e chamar a atenção dos fregueses, podendo mencionar:

“Para que serve o cheiro-verde? Para cheirar.” (Joaquim, 31 anos – banca de verduras e legumes).

Esse enunciado foi seqüencialmente seguido de explicações:

- Que “tá bonito, colhido hoje, vai deixar a comida do domingo a mais cheirosa do mundo, a nora e o genro vão até elogiar.”

Esse discurso se torna um chamariz para as donas de casa que fazem do dia de domingo um dia importante, de encontrar e de receber os parentes, de servir uma comida bem feita e que seja apreciada por todos os familiares ou amigos. As donas de casa após depositar todo carinho para fazer o almoço, esperam sempre receber um elogio.

Sob esse olhar o feirante produz um discurso capaz de convidar aquelas que desejam fazer o melhor na cozinha, não somente no domingo, mas também durante a semana toda, é com essa artimanha que ele seduz e envolve os fregueses levando-os a compra dos produtos.

Percebe-se, desse modo, que os feirantes são articuladores e diferentes do aglomerado de sujeitos que vemos na contemporaneidade, sempre com dispositivos tecnológicos em punho, celular ou palm top, como se os aparelhos fossem extensão do corpo, porém não foi possível ver os feirantes fazendo uso de celulares, não durante o período do acontecimento da feira, o momento é destinado ao trabalho, “*ao ganha pão*” (Teresa, banca de verduras e legumes).

O que não significa que eles estão distantes da tecnologia ou são contrários a ela, em diversas situações observei eles oferecendo aos fregueses seus números de celulares, ainda mais quando os fregueses vêm à procura de algo especial, um mimo e um meio de agradar por demonstrarem preocupação em conseguir aquilo que o freguês deseja.

Os feirantes mimam muito seus fregueses, demonstrando que se envolvem com eles e com seus desejos de consumo sobre determinados produtos. Um mimo até mesmo lucrativo para o freguês, já que os feirantes fazem questão de colocar sempre um algo a mais na sacola e, enfatizar por meio do discurso que estão colocando duas bananas a mais, alface, um pacotinho de pimenta do reino, um mamão, enfim é o meio que eles encontram para trazer aquele freguês novamente para perto deles.

O mimar pode aqui ser entendido como o cuidado destinado ao freguês, eles fazem com que isso se torne um jogo de sedução, elogiam demais as mulheres, as tratam pelo nome, elogiam seus cabelos, pele e quando não se recordam do nome usam de tratamentos como: “*linda, menina, minha querida.*”

Essa sedução não se trata de um galanteio, é uma maneira de promover primordialmente que seja mantida uma relação harmoniosa, uma forma prazerosa de convívio social, e também de possibilitar laços de confiança.

A sedução do feirante está presente em seu discurso, e portanto, viva em suas ações, pois ao organizarem os produtos alguns feirantes deixam atrás das bancas caixas do tipo gaiolas destinadas a guarda dos produtos dos fregueses, como um “guarda volume”, assim o freguês não precisará andar pela feira toda carregando a sacola ou até mesmo peso.

Essa ação é também uma adequação do espaço, do uso do recurso disponível para melhor atender as exigências dos fregueses, pensando sempre naquilo que se possui e que pode ser de agrado deles e não naquilo que não é possível fazer ou oferecer a eles.

Assim, como nesse espaço não existem recursos sofisticados, eles criam e fazem questão de realizar a chamada “*maçaria*”³ como um ato inventivo se atentam aos detalhes.

³ Maçaria: nome dado por eles para fazer os maços de verduras.

Exibem os maços de espinafre, rúcula, e outras folhas, como se fossem grandes buquê de flores, seria como oferecer ao freguês um presente cheio de afeto.

O afeto também se traduz em preocupação na entrega do produto, já que quando os fregueses esquecem suas sacolas sobre a banca, são interpelados pela correria que o feirante faz. Os feirantes deixam seus espaços sozinhos com caixa de dinheiro e saem correndo atrás do freguês, uma confiança e uma preocupação que não vemos em outro lugar, a não ser nesta comunidade.

Algo que ficou claro que, não é aceitável por eles, é o pedido de desconto que o freguês faz. Eles ficam em algumas circunstâncias muito irritados, já que os produtos que constam da tabela específica do Governo para formulação de preços, são consideravelmente mais barato do que em outros locais como mercados e quitandas.

E, é por esse motivo que ocorre um choque entre os “chineses” e os feirantes. Os chineses querem sempre desconto, chegam a implorar, e quando não agradados falam em voz alta e grosseiramente que os produtos dali são ruins, estão duros, estragados, demoram cinco horas na panela de pressão para ficarem prontos. Manifestam nervosismo na língua chinesa, ou seja, eles fazem um espetáculo à parte.

Os feirantes diante da situação ficam firmes e não arredam o pé. Segundo eles, vão aprendendo a lidar com os chineses, que dão duas voltas na feira e retornam na banca que fizeram o maior estardalhaço e compram sem desconto, como se nada houvesse acontecido.

Madalena que planta, colhe, higieniza, descasca e pica, vende produtos direcionados a esse público, como nabo, flores comestíveis, enfim agradados da culinária chinesa e japonesa, e diz que os feirantes devem “*tirar sarro dos chineses*”, ai eles param de “*atazanar*”.

Ela é uma feirante, com um comportamento bastante extrovertido, se diverte o tempo todo com os fiscais, com outros feirantes e conversa muito com os fregueses, e ao vê-la recebendo uma chinesa, foi possível perceber que os trata diferente dos demais feirantes, quando eles se aproximam ela não espera que eles pronunciem uma palavra se quer, ela se antecipa:

Madalena: - Cadê aquele marido feio que você tem?

Chinesa: - Tenho marido feio, mas não vendo verdura estragada, tudo estragado ai.

Madalena: - Ah! Mais desse jeito você vai levar a minha banca inteira, isso tudo é expressão de quem ama meus produtos... e ri.

A chinesa escolheu couve e outros produtos, reclamou um “pouquinho” do preço, pagou e foi embora.

E no desenrolar da feira livre um fato que merece atenção e que nos remete a grande preocupação da contemporaneidade são os inúmeros sujeitos, homens e mulheres que buscam produtos “milagrosos” para o emagrecimento. Sujeitos, muitas vezes magros, que não se sentem felizes com seus corpos, um movimento avassalador sobre a necessidade de atender as questões estéticas que cercam os sujeitos contemporâneos.

Para acompanhar mais de perto, fiquei uma manhã toda na banca dos produtos naturais e iguarias. A percepção clara é que a mídia exerce sobre os sujeitos uma proposta poderosa de produtos que ingeridos antes ou após das refeições provocam rapidamente um estímulo no processo digestivo.

A procura nesse dia foi por pó de feijão branco, que misturado ao suco ou água e ingerido trinta minutos antes das refeições se torna um catalisador de gordura, a qual é colocada para fora do organismo, via urina ou fezes.

De acordo com a proprietária da banca, Joana de 36 anos, ela não precisa assistir a TV, pois no dia seguinte quando a procura é fora do contexto normal, ela já sabe que houve algum programa exibido por uma das redes de televisão, que incentivaram a procura e a compra. Segundo ela tamanho é esse fio que liga os sujeitos que “*chega a faltar o produto de tão procurado*”.

Os produtos de maior procura são sempre os de cunho digestivo, muito mais do que aqueles destinados à saúde, ou apenas aqueles que deixam a comida ainda mais gostosa como tempero baiano, por exemplo, ou as diversas pimentas que comercializa como a biquinha, a dedo de moça e muitas outras.

Outra procura costumeira nessa banca é do Fubá Branco, muito consumido pelos Italianos. Nesta cidade houve outrora uma imigração elevada de italianos para o cultivo da uva, aqui construíram suas vidas e hoje dão continuidade a alguns hábitos e as comidas típicas da época.

Para tratar da saúde na comunidade, a receita ou o produto indicado não fica na banca de produtos naturais, mas na banca de alface do Manoel. Ele produz e comercializa o vinagre de maçã, com a poderosa semente que ele não diz o nome por se tratar de um segredo. Informou outros ingredientes como cenoura, trigo e aveia.

Segundo ele, e os fregueses que conversei e que consomem o produto, alegam que ele é capaz de reduzir a taxa de glicemia em diabéticos, do colesterol e do triglicérido,

produzindo além disso efeito tonificante e equilibrador do sistema nervoso, e promovendo melhorias em crise de asma, esquecimento e artrite.

Nessa banca fiquei um domingo todo, estranho ou não, médicos e nutricionistas vão a essa banca para fazerem uso desse produto que custa R\$ 12,00 (doze reais) e deve ser consumido antes das refeições, em meia xícara de água morna com uma colher de sobremesa do vinagre. Segundo o Manoel, o nome científico da prática do preparo do vinagre de maçã é “agroecologia”.

Os clientes de algumas nutricionistas também procuram pelo vinagre de maçã, que é facilmente localizável pela Internet como milagroso no combate das doenças acima mencionadas. Cheguei a pensar: Será o fim da indústria farmacêutica? Será que as doenças são da psique e não do corpo? Por que médicos optam pelo produto? Será indicado ele para os seus pacientes?

O fantástico é que ao explicar as diversas benfeitorias desse produto, entre uma conserva e outra, algo aconteceu que não é comum em nosso cotidiano, mas que lá parece ser totalmente natural. Sujeitos param no meio da feira para ouvir o que está sendo dito pelo feirante e, também pelo freguês com quem conversa. O sujeito que para motiva outros a promoverem o mesmo movimento, de manterem-se estáticos e com os ouvidos bem abertos, alguns chegam a entrar no meio da conversa e participar como se fossem convidadas a darem suas opiniões.

Esse fato foi notado diversas vezes, mulheres param costumeiramente quando se trata de receitas culinárias e pedem sem qualquer constrangimento que se repita, já que ao chegarem não pegaram a primeira parte.

Por ouvir inúmeras vezes a mesma receita foi possível assimilar a informação:

“Bolinho de folha de cenoura: fermento, sal, ovos e folha da cenoura bem picadinha, somente quando a gordura estiver bem quente, se deve usar o mesmo processo do Tempura (comida típica do Japão), que é colocar na massa água gelada até dar a liga e levar a gordura bem quente, fica crocante porque ocorre um choque-térmico.

A feira livre que assim se desenrola entre o estético e o lúdico é capaz de transformar os momentos dos feirantes e dos fregueses, aparentando que o envolvimento entre eles é mais completo do que a frieza da padronização dos grandes hipermercados, além da possibilidade que se constitui por meio da oralidade de novas aprendizagens.

As frutas são colocadas de modo que as cores fiquem aparentes, é como se estivessem arrumando e ajeitando durante o seu acontecimento uma bela vitrine, ou como se estivessem expondo um quadro com cores vivas, digno de uma obra de arte, é o estético em movimento.

E o lúdico, pois a permissão dos jogos na prática feirante, que aqui entendo como uma diversão ou como um passa tempo que é expresso pela jocosidade dos feirantes produzidos pelo discurso e que, atravessa os sujeitos fregueses, propiciando momentos agradáveis, reflexivos e de expansão de saberes.

Compreendido assim, que nos tempos modernos a feira livre não está na moda, não é chique, porém, é uma comunidade abastada, que ainda tem as raízes fincadas na hospitalidade, na cordialidade e no prazer de servir e seduzir o outro, aspectos esses que nunca deveriam sair de moda.

1.3 A Xepa: Agitação e melancolia na realidade da feira livre

O finalizar da feira livre se dá para os feirantes, costumeiramente, por volta das onze horas, é sempre um momento de muita agitação, já que é nesse instante que eles conseguem realizar as últimas vendas do dia. Por isso, baixam os preços, colocam sobre as bancas pacotes e bacias coloridas com frutas que muitas vezes não serão reaproveitadas no dia seguinte, dando início as atividades dos “marreteiros”, chamando todos que passam pelos corredores, enfatizando calorosamente que o preço do produto baixou. É uma gritaria garantida.

É também um momento de troca para eles, que criam conjuntos de frases, que são respondidos por outros feirantes que vendem o mesmo produto. Podendo mencionar:

“Mulher bonita aqui não paga, mas também não leva. Só que vai levar sim. Três pés de alface americanos por um R\$ 1,00 real. É barato demais.” (Joaquim, banca de verduras)

Imediatamente o outro responde:

Não leva dele não moça bonita, vem aqui que por esse preço você leva quatro.

Poderia nesse fim de trabalho diante de tal acontecimento, ser iniciada uma relação conflituosa em decorrência do discurso utilizado para a chamada dos fregueses, porém isso não acontece. Eles riem e também se divertem ao ver os fregueses sem saber para que lado caminhar e por qual banca optar, já que os produtos se findam rapidamente, quem pegar pegou, a xepa é o fim da feira.

Finalizada a comercialização dos produtos e, também, a agitação é momento de iniciar a desmontagem das bancas, primeiramente são guardados os produtos, sempre embalados de forma que não sejam feridos no transporte, envoltos por jornais, alocados em caixas de papelão, caixotes de madeira ou plástico, e dependendo do tipo do produto tem ainda uma divisória feita do mesmo material das caixas de ovos. É um trabalho demorado e de paciência, que requer cuidado e atenção.

Mas nos parece que eles levam jeito até no pegar a fruta, enquanto um sujeito comum demoraria alguns minutos para proceder com a embalagem, eles levam segundos. É o hábito que se dá nesse momento, é como se o cérebro já houvesse assimilado ou reconhecido o peso a ser colocado nas mãos para o manuseio do produto.

Em seguida a guarda dos produtos, da balança e do dinheiro, é momento de retirar a fita estendida de um ponto a outro no banca, como se fosse um varal de roupas, mas o que ela estende são as folhas de papel sulfite com escritos a mão, contendo o nome e os preços dos produtos. Estranhamente em uma era da digitalização e impressão os preços são colocados com caneta pincel em tons de azul, preto e vermelho, sem o uso formal da escrita. É nesse “varal” que também fica à mostra um documento muito importante: o certificado de licença que sempre plastificado, é retirado e bem guardado.

Após essa arrumação, se inicia a retirada da grande lona, que é em seguida esticada no asfalto. Nesse momento os feirantes se ajudam, muitos deixam seus espaços para auxiliar o outro, a dobra é realizada corretamente ao meio, depois ao meio novamente, e assim sucessivamente, alguns feirantes utilizam uma madeira presa nos extremos das lonas, o que possibilita que ela seja enrolada, facilitando o carregamento.

Dando seqüência, se dá a desmontagem da estrutura de madeira, sendo as primeiras aquelas que sustentavam a lona, em seguida as de baixo ao alcance das mãos, muitos utilizam cavaletes, um meio mais fácil de sustentar a banca.

Os feirantes idosos fazem tudo praticamente sozinhos, nas ocasiões de montagem e desmontagem das barracas são ajudados pelos demais feirantes, mas sem fazerem a solicitação, é realmente um momento de muita cooperação na comunidade feirante.

Da mesma forma como montam, desmontam as bancas, parece que brincam de “lego” ao encaixar e, também, ao desencaixarem as peças, para então guardá-las, não em caixas, mas sim em caminhões que irão levar tudo para os seus lares. Alguns feirantes possuem condução própria, outros esperam sentados sobre as madeiras a chegada do veículo do município. Todo

esforço físico é realizado pelo feirante, em nenhum momento foi possível visualizar o motorista do veículo municipal ajudando-os a guardar as coisas.

Durante a desmontagem das bancas é iniciado de maneira lenta, uma movimentação de sujeitos marginalizados economicamente, que tentam a todo custo pegar as sobras que irão alimentá-los durante alguns dias. Em alguns casos as sobras alimentaram até famílias.

Ver o fim da feira é um momento de muito espanto e de choque, pela condição que se observa o sujeito, no que se refere às questões econômicas, de pobreza, e que nos coloca diretamente em reflexão ao subdesenvolvimento, e a pensar que o Brasil ainda tem muito que fazer pelos seus brasileiros, já que é perceptível que esses não são assistidos pelo poder público.

Mas caberia aqui uma pergunta: Será que esses sujeitos querem mudar?

Segundo alguns feirantes, os economicamente desprovidos, assim os chamarei, evitando denominá-los como sujeitos marginalizados, ou pobres, recusam-se a receber produtos em sacolas plásticas, há casos em que eles viram a sacola e jogam os alimentos no chão, para então recolhê-los e colocá-los dentro de suas próprias sacolas, que estão sempre sujas. Os feirantes habituados a ver essa cena procuram não entregar mais nada a eles, dentro ou fora das sacolas.

É perceptível que os sujeitos economicamente fragilizados não fazem uso de uma boa higiene, pois, estão sempre sujos e cheirando mal, não é de nosso conhecimento se eles têm moradia, ou se ficam na rua, vivendo de um lado para outro. Mas é perceptível que eles gostam de garimpar, gostam de encontrar seus próprios alimentos, de apalpar as frutas e em grande maioria comê-las a maneira como as pegam, sem cerimônias para lavar ou retirar algumas partes estragadas.

Difícil colocar esse modo de vida dessa maneira, mas parece que alguns agem como ratos, de forma naturalizada, talvez um modo de vida e um comportamento para demonstrar que eles podem sobreviver com aquilo que é descartado por muitos. Uma opção de vida ou uma questão de sobrevivência e de urgência.

Na visão de Bauman (1999) ao abordar sobre os aspectos da miséria em espaços territoriais globalizados, essa lamentável cena, de pobreza é necessária politicamente, pois ela é o que promove um discurso político em torno dos sujeitos que necessitam de ajuda para o alcance de uma condição de vida melhor, e para o autor o melhor “não é suprir a equação: pobreza = fome”. Mas sim atender a outros aspectos complexos da pobreza, como a destruição das famílias, ausência de laços sociais e a educação.

E, o acontecimento de garimpo de alimento na feira livre, faz com que se compreenda a sua perspectiva, já que o alimento pode ser alcançado, mas o não compartilhar da família estruturada, capaz de orientar e educar ou ainda de promover a inclusão à educação, acaba se tornando um agravante para a continuidade da miséria.

Contudo, dentre os fragilizados economicamente existe também pais de famílias, que me pareceram que foram tomados a essa ação pelo desespero de vir a colocar sobre suas mesas o alimento. De poder oferecer a sua família o mínimo para que permaneçam vivos. Estes são diferentes dos outros, pois aparentemente apresentam-se mais limpos. Recolhem alimentos, e também, as latas, os plásticos e o papelão compreendido como fonte de renda e promoção do ganho de algum trocado, nesse mundo da sustentabilidade ou da reciclagem.

É notável como estes chegam tímidos, alguns constrangidos pelo ato de garimpar alimentos, pareceu-me que eles não querem adentrar por essa via, mas é o que pode ser feito naquele momento, fazendo uso da oportunidade ali surgida. Eles não estão pedindo esmolas, eles estão pegando o que está ali para ser levado pelo jato de água da grande mangueira dos caminhões pipa.

Há aqueles que pedem esmolas, não no findar da feira livre, mas sim em seu acontecimento, em grande parte se trata de crianças maltrapilhas, sujas, com um olhar que é de partir o coração, e que ao mesmo tempo nos remete também a indagações: Ajudar ou não? Se ajudar isso poderá no futuro tornar-se um hábito?

Alguns fregueses ajudam, e dão atenção às falas das crianças, outros nem olham ou pouco se comovem. Os feirantes já adaptados à rotina diária até apelidaram alguns, foi possível vê-los cobrando sobre a escola, e perguntando de um amigo ou irmão que esteve com eles na feira em algum momento.

Os feirantes não gostam de quem pede, eles se recusam, acreditam que a ociosidade não poder existir e que para tudo o que se deseja, é necessário que se trabalhe e pedir é algo que, com o passar do tempo, se torna fácil. Conforme Sr. Adão (Presidente da Associação dos Feirantes): - *“Quem pede a gente não dá, a gente dá para quem a gente quer”*.

Tanto que há nesse espaço um jovem rapaz que olha os carros todos os domingos, e com o pouco de dinheiro que ganha, vai aos feirantes no fim da feira negociar os produtos para sua família, diz ele que se trata de um meio de não pedir, e de garantir que os dois filhos comam frutas e legumes. Este se comporta de modo diferente dos demais, ele trabalha no espaço da feira livre e dela provê o alimento familiar.

Uma relação de emancipação e não de submissão, ele poderia dentro deste contexto ser mais um, porém existe um a mais que o faz agir de forma pensada, elaborada, encontrando uma oportunidade de sobrevivência e de governo de si mesmo. Nesse aspecto podemos então perceber que as oportunidades são criadas por cada sujeito, elas não florescem sem que seja plantada.

O que mais consterna nesse findar é que antes que chegue toda essa população de sujeitos economicamente desprovidos, aqueles sujeitos que criam animais como porcos, cavalos, galinhas, entre outros, são de certa maneira presenteados pelos feirantes que deixam em alguns caixotes as sobras, folhas soltas, frutas “passadas” e que já conhecem os criadores, que, chegam, fazem o cumprimento, perguntam sobre as sobras e enchem sacas de farinha desses alimentos.

Os animais irracionais recebem os produtos encaixotados, enquanto que os animais racionais se fartam das sobras, deixadas no chão, alocadas embaixo das bancas ou nas guias, por conseguinte, um pequeno cuidado do feirante para que os alimentos não sejam pisoteados pelos fregueses.

Após a saída de todos, feirantes, fregueses e sujeitos economicamente desprovidos, se dá lugar a sujeira, que parece ser interminável, é chegado o momento da faxina que é realizada com ajuda de um caminhão pipa da Prefeitura e com o apoio de mangueiras de água. Chega também um veículo oficial da guarda de trânsito, que retira as placas indicativas de “transito impedido”, e o fluxo de veículo começa lentamente a tomar conta do espaço público, dando lugar à normalidade do local.

1.4 Fazendo parte da feira livre: descobertas e enganos no percurso da pesquisa

Houve por minha parte primeiramente, uma leitura imediata que seria muito fácil participar da comunidade feirante para a realização da pesquisa, porém ao me deparar com obstáculos impedindo a minha observação da prática feirante, compreendi imediatamente que, havia cometido um erro, havia me enganado ao pensar que, o acesso à comunidade feirante seria de imediato.

Confesso que, à primeira vista por vê-los conversando alegres com os fregueses imaginava que, seria fácil participar da prática, contudo percebi que eles sabem bem separar o

trigo do joio. Uma coisa é o tratamento com o freguês e outra coisa era permitir uma pesquisa olhando e falando sobre eles.

Assim, o meu caminho foi marcado por inúmeros enganos que, somente dentro da feira livre foi possível perceber a leitura equivocada de que ao se tratar de um espaço público todos estariam plenamente disponíveis a me estender as mãos, facilitando a minha trajetória.

Mas mesmo encontrando dificuldade em participar as distinções existentes na prática feirante, era aguçada constantemente em mim uma curiosidade e, inúmeros questionamentos acerca dessa atração que, é a feira livre.

Porém, a partir dos questionamentos, me colocava refletindo sobre as possibilidades: Mas afinal de contas que relação social é essa que se estabelece? O que eles têm em comum? Por que os fregueses freqüentam a feira livre e não vão para um hipermercado com ar condicionado? Por que a feira livre contagia sujeitos de todas as idades?

Foi exatamente essa relação de encontrar não as respostas para as perguntas, mas de criar a partir delas possibilidades de uso na vida cotidiana, que me fez dar continuidade a pesquisa e poder ali estar visando à aceitação, não como um membro da comunidade, um feirante, mas como pesquisadora interessada na valorização dos saberes que circulam na prática da feira livre e nas relações sociais estabelecidas nesse espaço por meio dos jogos discursivos.

O primeiro dia nessa comunidade foi marcado por acreditar que, ao conhecer um dos feirantes, a aceitação para a realização da observação se faria de imediato. Entretanto, ao explicar a ele sobre a pesquisa a sua resposta foi de estranhamento, para mim ao ouvir a seguinte frase: - *“Não tem o que estudar aqui, é tudo igual”*. (Tiago – Banca de frutas).

No meu ponto de vista, esse discurso tornava a empreitada ainda mais difícil, pois se eles não acreditam que poderiam oferecer uma relação social diferenciada das existentes na contemporaneidade, ora, não me abriram as portas para a observação.

Mesmo assim, solicitei para ficar e, sem que, me oferecessem qualquer lugar para me sentar, fiquei em pé durante aproximadamente três horas, não havia mais posição e o desejo era de encontrar qualquer lugar para descansar.

Fiquei atenta aos discursos que se produziam entre os feirantes e os fregueses, e em suas formas de tratamento, e nesses momentos eu visava trazer Michel Foucault para aquele espaço, como se as leituras realizadas pudessem ali ser localizadas.

No segundo encontro, solicitei a esse feirante (Tiago) que me apresentasse a outros, ele não o fez. Solicitou que eu saísse andando, uns dez minutos de silêncio testando se ele não

mudaria de idéia, e durante esse tempo, alguns feirantes se aproximavam e estranhavam a minha presença, parecia que eles perguntavam a si mesmos: Quem é essa estranha? O que ela faz ali em pé?

Posteriormente, descobri que eles imaginavam que eu era uma fiscal da Prefeitura e que estava ali observando a prática. Após um período curto, como o Tiago não se mobilizou a me apresentar aos demais feirantes, fui caminhando pela feira, um pouco constrangida para me aproximar dos feirantes, mas olhando para eles e, tentando tomar coragem para a ação de interpelá-los e falar o que fazia ali.

Fui pega por curiosidade ao ver um feirante brincando e falando alto com seus fregueses, risonho e alegre. Era o alvo, um sexto sentido que me dizia: esse é o feirante que possibilitará a minha inclusão nessa comunidade.

Engano meu, pois ao realizar a apresentação e o falar sobre o assunto da pesquisa, ele sem qualquer cerimônia me apontou a guia para eu me sentar e observar a prática, algo insistente afirmava: Não desanime pelo menos ele lhe ofereceu a guia para se sentar, não ficarás tanto tempo de pé.

Ações geram reações, ao tentar limpar as folhas de couve que estavam na guia para me sentar e fui naquele momento interpelada: - *“Moça você não tá estudando a feira?”* Disse sim. - *“Então não tem nada que tirar as folhas, aqui é assim”.* (Joaquim)

Percebi que, não se trataria de uma tarefa fácil, lágrimas nos olhos, como se existisse uma força maior que impossibilitasse a ação de apenas observar, sem compreensão total de que era também um meio deles se precaverem contra um possível perigo. Será mesmo uma estudante? Medos e aflições fantasmagóricas que tomam conta de todos os sujeitos, com eles não seria diferente.

Mas como se diz popularmente que o sexto sentido feminino nunca se engana, ele era realmente um alvo, ou melhor, uma ponte, já que no terceiro encontro fui direto a sua banca, novamente ele me ofereceu a guia, porém me tratando de forma alegre, foi quando um senhor de cabelos brancos, já apresentando idade avançada, perguntou: *“- Filho, quem é essa moça?”* Joaquim respondeu: *“- É estudante pai”.*

Não esperando mais nenhuma pergunta, me levantei, estendi a mão para nos apresentarmos e falei sobre a pesquisa, ele entusiasmado com a idéia da pesquisa disse que havia fundado a associação dos feirantes, e me convidou para passear pela feira livre, alegando que era o Presidente da Associação e que conhecia todos os integrantes daquela comunidade.

Lágrimas nos olhos, mas agora elas eram de alegria, de acreditar que a partir dali tudo mudaria.

Durante a nossa caminhada, ele fez paradas pelas bancas e me apresentou a todos, desde os mais velhos até os mais novos. Incrivelmente, a receptividade era tamanha quando ele falava entusiasmado sobre a pesquisa que se realizaria no espaço da feira livre. Percebi que ao estar do lado de uma figura conhecida e respeitada abria uma fresta na porta da comunidade para o desenvolvimento da pesquisa. Como ele mesmo se posicionou:

– *“Eu não precisaria vir mais a feira, mas gosto de estar aqui, conheço todos e eles também me conhecem”*. (Adão)

Ao voltar para a banca de verduras e legumes de seu filho, agradei e fui tomar novamente o local de observação, ou seja, a guia. Porém, logo um discurso foi proferido: - *“Joaquim ajeita um caixote para a moça se sentar”*.

Puxa vida, diante de alguns encontros difíceis, agora era digna de ter um local mais aconchegante para a observação: um caixote de madeira.

O que do meu ponto de vista, havia aberto uma passagem para fazer parte da prática feirante, do ponto de vista de alguns feirantes não era bem assim. Durante muito tempo, a forma de tratamento por alguns deles se dava de maneira tosca e desconfiada. O que me fazia estar sempre “pisando em ovos”, alerta e cuidadosa selecionava os feirantes que respondiam favoráveis a minha presença e intenção para com eles.

A pior coisa a se fazer nessa comunidade é visar a praticidade, para eles parece um meio de afrontamento. Eu estava muito contente por levar para a feira livre uma cadeira de praia para me sentar e observar as trocas discursivas ali manifestas, porém ao chegar a feira, não houve sequer a possibilidade de montá-la, pois ao verem ela em minhas mãos, demonstraram imediatamente por meio do semblante a desaprovação da minha postura.

Compreendi que ali não era um lugar para conforto, mas sim um lugar que merecia respeito, destinado ao trabalho, e que nesse ambiente o melhor lugar para se sentar era no caixote e, jamais em uma cadeira, seja ela qual for.

Entendido o recado, e o valor que o caixote tem quando se trata de um lugar para se sentar, tratei rapidamente de manter a cadeira encostada e fechada, nada de se sentar, voltei nesse dia para a posição primeira: três horas consecutivas em pé.

O que deu grande alento ao coração, apesar desse ato impróprio, foram os feirantes que passavam pela banca e já brincavam com a minha presença, alguns sujeitos de modo engraçado, outros de maneira tosca: - *“Ei, agora você recebe qualquer um na sua banca?”*

Nesse momento já não era entendido como maldade, mas um meio de chamar a minha atenção e, de perceber que aos poucos, poderia dar encaminhamento ao que tanto eu desejava encontrar nos discursos validações a minha pesquisa. E, satisfatoriamente fui presenteada, ao perceber que eles de forma constante ou natural faziam uso dos jogos discursivos que foi intitulado por Michel Foucault como “jogos de verdade⁴”, que se mobilizam nas relações de poder-saber.

Portanto, para eles era latente a falta da crença de que poderiam apoiar na pesquisa, e de que eles ofereciam muito mais do que produtos, ofereciam saberes. Mas, fora ai iniciada as provas de fogo, pois a minha atenção na troca entre os feirantes e fregueses deveria ser redobrada, e sabia que, em alguns casos somente por meio de perguntas após o discurso dado na troca social, seria possível identificar os jogos de verdade.

Ative-me para chegar á feira livre mais cedo, e logo fui convidada a conhecer o “discurso do feirante”, levada para tomar café na banca do Sr. Orlando, fui em seguida convidada a ajudar na arrumação da banca. Aceitei muito entusiasmada, pois obviamente queria fazer parte e me sentir aceita por aqueles que ainda resistiam a minha presença.

Entregaram-me uma caixa de madeira com maçãs que mal dava para carregar, mas antes de qualquer queixa, ao olhar para o lado visualizei mulheres de mesma estatura e aproximadamente com o mesmo peso que eu, também fazendo o mesmo esforço. Sem titubear segui com certa dificuldade carregando a caixa que não era grande, mas pesada.

E, fui ensinada a organizar e arrumar as frutas na banca percebendo que, eles tentam brincar com o olhar dos fregueses, como se fosse um jogo de ilusão de ótica, de forma a agradar o olhar do freguês, o estabelecimento do lúdico e do estético no desenrolar da feira livre.

Foi a partir daí que percebi que já poderia me locomover para outras bancas, as mais movimentadas e que não haveria a necessidade de permanência no mesmo local sentada ou de pé, por tanto tempo.

Ética ou comportamento natural da comunidade, não sei explicar, eles nunca me questionaram sobre a venda do outro feirante, sobre o movimento na banca do outro feirante, o que me parece mais que uns torcem pelo sucesso dos outros, não há por meio de observação uma competição econômica, a não ser que ela seja tratada de forma velada por eles.

⁴ O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história das funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças às múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. (FOUCAULT, 1979, p. 12)

Adentrando a estação chuvosa do ano, percebi como a dinâmica deles não se altera muito menos o senso de humor ou o tratamento aos outros. Algumas vezes preocupados, por temerem sobre o movimento, mas sem fazer disso um obstáculo.

Um novo engano foi o de acreditar que uma capa de chuva seria comum nesses dias, questionada pelo uso, imediatamente fui levada a perceber que como eles, eu deveria estar à mercê do tempo, sem qualquer tipo de proteção, a não ser as lonas que recobrem as bancas, e que não impedem que nos molhemos nesses dias.

A cada domingo na feira livre, a minha presença era para eles uma surpresa, mesmo com tantos desafios, sempre diziam: - *“Você não desistiu ainda?”* ou - *“Você de novo?”*

Quem diria que a minha presença ali já fazia parte daquele espaço, pois ao afirmar que sairia alguns dias para férias no mês de julho, acreditaram que eu não retornaria mais, pois os dizeres na despedida foram os mesmos: - *“Viu feirante não tem férias”*.

Na despedida vários presentes como verduras, legumes e frutas, e já entendido que uma vez presenteada não seria de boa educação para com a comunidade recusar, já que se tratava de uma maneira de premiação pela aprovação no teste de fogo, ser aceito pela comunidade.

Retomando o desenvolvimento da pesquisa e as visitas a feira livre, fui recebida alegremente por eles que demonstraram não acreditar que eu ali estava, foi também um momento de surpresa para mim enquanto pesquisadora que enganada acreditava que um período distante desta comunidade me faria voltar para a estaca zero.

Contudo, a volta foi surpreendente, fui promovida por eles, assumi postos de venda, mesmo alegando que estava ali somente para observar, eles pediam a minha ajuda. O que foi realmente gratificante, pois pude vivenciar as formas de comercialização, estabelecendo também contato com frutas da época, frutas exóticas e até desconhecidas, verduras e legumes de outras culturas como chinesa, japonesa e indiana e até suas formas de plantio, cultivo e conservação.

Passei a ter contato com especiarias e grãos, que posso afirmar é praticamente impossível lembrar o nome de todos, e também afirmar de que forma podem ser utilizados, pois cada novo freguês possibilitava uma forma diferente de consumo.

Estar do lado de dentro, sentada ou em pé, fez com que os fregueses me percebessem, e dois momentos foram marcantes durante a realização da pesquisa. O primeiro foi encontrar uma Professora conhecida (Carla), que imediatamente a me ver do lado de dentro utilizou-se

de um discurso muito comum da educação, sem antes exercer os bons hábitos de cumprimento, como bom dia!, Olá! Oi! ou Tudo bem? Se pós a falar:

- *“É Professor não ganha nada mesmo hein! Vale mais a pena ser feirante!”*

Fiz questão de não dar qualquer explicação, em respeito aos feirantes e disse apenas é mesmo. Veja como a Professora já se rotula como preconceituosa, já que ela sem pensar que poderia afetar diretamente o sujeito da pesquisa, não teve freios em sua língua. Ora, não há nada de errado em ser feirante, muito pelo contrário, eles são alegres, unidos, simpáticos, ganham razoavelmente bem e trabalham muito.

Outra situação foi com uma prima (Terezinha), que espantosamente, também sem qualquer cumprimento de boas maneiras, foi logo dizendo:

- *“O que faz aqui? Você virou feirante? Cadê sua filha e seu marido?”*

A ela dei as explicações, por entender que a preocupação era maior do ponto de vista familiar e não econômico, mas assim mesmo, compreende-se que a feira livre é vista de um ponto de vista rotulado e economicamente falida, não sendo um trabalho digno para as exigências de status da atual contemporaneidade.

Os fregueses mais costumeiros também começaram a me ver como feirante, e indignados com a locomoção entre as bancas perguntavam:

- *“Mas afinal de contas em que banca você trabalha?”*

Ao explicar sobre a pesquisa, alguns sem entender muito bem do que se tratava e outros mais interessados as questões acadêmicas, sempre proferiam palavras amáveis, ressaltando a necessidade de valorização de espaços públicos para o desenvolvimento dessas atividades de estudo.

Tamanha a integração, que bem cedo quando passava pela frente das bancas, alguns feirantes bem animados, com música, me convidavam para dançar, cheguei até a ensaiar alguns passinhos, para dar a eles exatamente o que eles tentavam nesses instantes me dar, alegria de viver.

Eles também começaram a me ver, talvez em virtude do estudo, como um sujeito apto para encabeçar algumas estratégias de cunho político, pois ao receberem a informação dos órgãos municipais que, a feira livre que acontece aos sábados daria o espaço a um parque destinado ao lazer, me pediram para ficar a frente de uma lista de abaixo assinado para que a mesma ali permanecesse, e para isso queriam pagar alegando que se tratava de um trabalho em prol da continuidade da feira livre.

Quando eles me fizeram essa solicitação, revelo que fiquei muito nervosa, pois não havia interesse em participar a assuntos políticos, porém não poderia deixar de atendê-los, já que estavam naquele momento me reconhecendo como uma pesquisadora e como alguém que inspirava confiança.

Foi apenas depois de refletir que voltei a falar com eles e sem qualquer cobrança fiz aconselhamentos do ponto de vista da minha vivência nesse espaço, indicando que buscassem apoio principalmente nos que gostariam de ver a feira livre ativa – os fregueses.

Assim, ao participar da feira livre foi possível perceber que construímos situações em nossas mentes, que muitas vezes estão muito distantes da realidade, foram de fato inúmeras construções enganosas e que diante do acontecimento se materializada como algo contrário aos meus pensamentos.

Foi também possível perceber que ao participar da realização do trabalho feirante foi requerido esforços e adaptação, pois como as pesquisas se iniciaram próximo ao outono eu estava adaptada as temperaturas mais baixas e ao iniciar a estação da primavera sentia fortemente os efeitos do calor, tanto que, por volta das nove horas, me sentia cansada e sem animo para me atentar as atividades realizadas por eles.

Mesmo diante de todas as condições de dificuldade encontrada, chuva, sol, falta de lugar para se sentar, o que tenho a dizer sobre esse período participando a comunidade da feira livre é que a cada encontro eu absorvia um saber e a cada passagem por uma banca era um momento único, não seria mais vivenciado em outros lugares ou com outros sujeitos.

E, que ao se tratar de uma comunidade, mesmo que ela esteja em espaço aberto, público, e que, se locomova de um lugar para o outro, existe sem dúvida um pertencimento e um reconhecimento significativo aos que dela participam, existem regras de convívio já estabelecidas e que essas devem ser respeitadas e seguidas.

CAPITULO II

FEIRA LIVRE: ITINERÂNCIA E RESISTÊNCIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Entender a feira livre como uma comunidade não é apenas pensar sobre os aspectos de como ela se ergue no espaço de tempo, mas compreender o que a faz permanecer ávida até os dias atuais, apesar dos valores da contemporaneidade em torno das práticas de compra e venda.

A globalização se refere aqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. (McGRESW apud HALL, 2006, p.67)

Sob esse ponto de vista é interessante, olhar para os feirantes e suas diversas atividades, não apenas com o objetivo de localizar tarefas que são realizadas de forma semelhantes, mas em perceber nas ações, nas reações e no modo de condução da feira livre o que pode ser entendido como usos e costumes que constituem o processo de resistência desse grupo frente à contemporaneidade.

Nessa caminhada Thompson (1998) apoiará a pesquisa que, ao tratar da noção de usos e costumes aponta para a possibilidade de pensar sobre a existência de comunidades na contemporaneidade que resistem e tentam encontrar meios para permanecerem visíveis diante das imposições do modelo capitalista de venda e compra, ancoradas pelos usos e costumes.

2.1 A institucionalização da Feira Livre: O movimento de resistência pelos costumes e usos

Conversando com o Tiago, um feirante, que assumiu o lugar do pai após o seu falecimento, perguntei se a feira livre era uma comunidade e a resposta dele foi: - *“Ela é, não tão unida como era antes, mas eu a vejo como uma comunidade”*.

Posteriormente a esse discurso ele me disse que seu pai não queria que ele e o irmão fossem feirantes, queria que eles estudassem para ser alguém na vida, apesar desse desejo,

para eles não havia momento mais alegre do que o sábado e o domingo, pois enquanto os meninos de sua idade jogavam bola na rua, eles queriam era ir para a feira.

Ele sorrindo disse ainda:

- *“A minha mãe achava que nos queríamos ir com o pai para ganhar um dinheiro e gastar tudo com porcaria, mas hoje eu sei que não era isso, é porque eu e meu irmão sempre gostamos de estar aqui, naquela época não tinha as facilidades que se tem hoje, era tudo pesado e difícil. A gente tinha que ir andando e também não tinha tênis era de chinelo. É por isso que hoje eu gosto de chinelo”*.

Aqui ele expressa um sentimento de pertencimento de dar à feira livre, a condição de um espaço bom, benéfico e de possibilidade de crescimento não no que se refere aos aspectos financeiros, mas no que se refere às questões de fazer algo com carinho e dedicação, de se sentir envolvido com aquilo que fazia e faz.

Apesar de sempre vê-lo calçando tênis, ao comentar sobre o uso do chinelo, ele expressa que naquela ocasião o fato de caminhar com eles não era algo ruim, mas um momento prazeroso, pois estava indo para um local que o acolhia, que o fazia sentir-se bem.

Ao se recordar de seus pais, ele também denota satisfação em dar continuidade às atividades desenvolvidas por eles, e também seu irmão (Célio), pois eles trabalham juntos até hoje. O Tiago tem um jeito mais alegre, seu irmão já é um pouco mais introvertido, mas ambos tratam os fregueses com a devida atenção.

São unidos na hora da montagem e da desmontagem da banca e sempre estão organizados na hora do arranjo dos produtos sobre a bancada, pois enquanto um deles dá atenção para o lado esquerdo o outro dá atenção ao lado direito, e não nessa ordem necessariamente, mas sempre se ocupam igualmente das atividades.

Observei que algumas vezes o irmão mais velho faz correções, no arranjo realizado pelo mais novo, mas não há briga, há um semblante feio, amarrado, mas há também o respeito e o acerto.

Assim a realidade descrita pelo feirante, que ao contar que abdica de jogar bola com os amigos de sua idade, ou seja, de uma brincadeira própria da infância para ir à feira, significa que naquele espaço (a feira livre) também oferecia a eles aspectos lúdicos, ou situações que lhe despertavam maior interesse e, por conseguinte também lhe educavam.

Desse modo, presenciar os modos, as ações e reações do pai e também de outros feirantes fazia com que fossem inseridos nos usos e costumes dessa comunidade, tornando-os parte de um processo de construção que não haveria como voltar atrás, o ser feirante.

Assim, o pai ao desejar que eles fizessem parte de outro universo, que na perspectiva dele seria de reconhecimento social e profissional, de ganhos maiores de capital e de uma vida um tanto mais cômoda, ao sugerir que eles deveriam estudar e não ser um feirante, ele não demonstrava que era capaz naquela ocasião, talvez pela dura labuta, de pensar que ali estava a melhor forma de educação (não-formal) que suscitava a razão, mas também a paixão em fazer algo.

De fato que o pensamento do pai de Tiago, era também pensamento de outros feirantes, isso porque compreendiam que a feira livre era pouco reconhecida pela sociedade, e que requeria esforço físico para a comercialização dos produtos, pois eles plantavam, colhiam e carregavam os produtos em carriolas para execução da venda. E, havia ainda os feirantes que com apoio da carriola se deslocavam até os agricultores para a execução da compra, e em seguida se deslocavam até a feira livre para a realização da venda. (Sr.Sato)

Esse sacrifício, assim entendido, acabava de fato tornando o trabalho muito mais duro, mas não tão mais ameno do que ele é hoje, pois na ocasião os produtos carregados pelos carrinhos de mão eram em menor quantidade e, hoje são vários caixotes de madeira cheios de produtos.

De fato, há um encurtamento nesse esforço, pois com o decorrer dos tempos os feirantes incluem a prática o uso dos veículos, como apoio para deslocamento aos locais de desenvolvimento da feira livre, mais não se pode negar que: é necessário um grande preparo físico, pois o corpo ainda é muito requerido nessa comunidade, principalmente para carregar e descarregar esse “apoio” que é considerado também uma inovação da contemporaneidade.

Não é claro para os feirantes como tudo se rearticula na contemporaneidade, mas os feirantes mais velhos, contam que recebiam em suas casas os cidadãos interessados pelo mundo político e sentiam de forma “bem intencionada” as propostas que eles traziam.

Entendiam que o fato da feira livre ser colocada como uma atividade reconhecida pelo Governo em 1940, já era uma atenção significativa dada para a comunidade e, principalmente, foi dada a possibilidade de dar continuidade aos usos e costumes.

Pois um costume tem início e se desenvolve até atingir sua plenitude da seguinte maneira. Quando um ato razoável, uma vez praticado, é considerado bom, benéfico ao povo e agradável a natureza e á índole das pessoas, elas o usam e praticam repetidas vezes, e assim, pela freqüente interação e multiplicação do ato, ele se torna

o costume; e se praticado sem interrupção desde tempos imemoriais, adquire força de lei. (CARTER apud THOMPSON, 1998, p.86)

A feira livre é esse modo de acontecimento ao longo da história, pois pode ser considerada sem dúvida como benfeitora ao povo ou à sociedade, e por isso ganha reconhecimento, adentrando pelo mundo das leis, do controle e da vigilância.

Quando se pensa na lei dentro da comunidade feirante não significa exatamente uma norma escrita, documentada, mas regras que se constroem por meio da maneira como as atividades são realizadas, ganhando reconhecimento e significado para todos os sujeitos que dela participam.

De acordo com Thompson (1998) os usos e costumes são os aspectos que significaram uma série de leis, pois para documentá-las observavam as formas, normas e regras estabelecidas dentro das comunidades para, então, transformá-la em uma representação de lei.

Para exemplificar o autor nos coloca, na linha histórica, em um espetáculo ocorrido em meados do século XVIII, no qual os camponeses e os pobres que detinham o conhecimento sobre os arbustos e os atalhos existentes na floresta foram impedidos de utilizarem o espaço que fazia parte da passagem para o trabalho. Tal ação foi uma decisão da Rainha, dado o interesse que a mesma tinha de preservar aquele ambiente, e para impedir o trânsito dos camponeses exigiu que todo o espaço fosse cercado.

Os camponeses ao se depararem com a cerca ficaram indignados e solicitaram aos juízes que as cercas fossem retiradas, contudo tal ação mobilizou manifestações contrárias gerando conflito na comunidade, pois alguns camponeses ficaram temerosos, por contrariar uma decisão Real.

Entretanto, em nome dos usos e costumes, eles não se acuraram, e levaram a solicitação adiante.

O juiz entendeu que a decisão da Rainha, contrariava os atos de uso e também o costume daquela população, dando a causa aos camponeses e solicitando que a Rainha retirasse a cerca, deixando o espaço disponível para o uso público.

Pode-se desse modo, através dessa passagem perceber que a decisão da Rainha designou uma ordem que interrompia os usos e costumes, em uma ocasião histórica em que a lei somente era funcional se não houvesse por trás dela um costume impregnado.

Constituindo apenas um pequeno laço com essa paisagem apresentada por Thompson (1998) na Inglaterra do sec. XVIII, percebe-se que a feira livre na cidade de São Paulo tem início em meados do século XVII e sofre uma grande expansão também no início do século

XVIII, os governantes da época ao observarem seu crescimento e sua prática cotidiana, trataram de reconhecê-la como uma prática rural e um modo de trabalho, e é partir dessa mobilização que se expede o exposto de lei em novembro de 1955, organizando-a para o mundo capitalista como uma instituição.

Dessa forma, para que as feiras livres fossem mantidas enquanto uma organização, elas, inevitavelmente deveriam compor um sistema de cunho jurídico, levadas então à abertura de empresas e conseqüentemente, ao pagamento de impostos para a realização de suas atividades.

Em 1988 o Governo abre mão do controle da feira livre, e a responsabilidade pelo seu acontecimento passa a ser dos Municípios, não é sabido pelos feirantes se essa mudança foi uma reivindicação dos Municípios por meio das Secretarias de Agricultura, mas segundo eles, nessa ocasião “*a feira livre estava mais forte e já acontecia em vários lugares (Sr. Sato)*”.

Porém, mesmo a feira livre articulada para assumir uma posição legal perante o legislativo, ela não se desloca e permanece sob o mesmo alicerce erguido em tempos que remontam a história, “os usos e o costume”.

A lei pode estabelecer os limites tolerados pelos governantes; porém na Inglaterra do século XVIII, ela não penetra nos lares rurais, não aparece nas preces das viúvas, não decora as paredes com ícones, nem dá forma à perspectiva de vida de cada um. (THOMPSON, 1998, p.19)

Igualmente ao excerto de Thompson (1998) a lei não penetra com grande impacto na feira livre na contemporaneidade, entre a lei escrita o uso e costume, é a força do costume que toma lugar e que rege as relações que lá se estabelecem.

Contudo, a feira livre sobre a responsabilidade do município e entendida com uma atividade itinerante, contou com alguns subsídios para a continuidade da atividade, pois o município garante a muitos deles um caminhão para apoiá-los em suas atividades, e essa ação se desenrola até os dias atuais.

Foi também por conta da intervenção do Município, que os feirantes passaram a usar bancadas de madeira para exporem os produtos, para que estes não ficassem no chão.

Essa ação permitiu de certa maneira, um reconhecimento da prática feirante e um respeito mútuo, colocando os que vendem em mesma postura e posição corporal daqueles que compram.

É, também, de competência dos órgãos públicos executarem a higiene do local de acontecimento da feira livre, antes e depois do evento, porém observamos que falta nesse

espaço distribuição de lixeiras para que os fregueses possam optar por não jogar o lixo no chão.

Desse modo, mesmo que a comunidade feirante compreenda que em um dado momento histórico a intervenção do poder público foi por eles compreendida como benéfico, na contemporaneidade, há uma maior clareza sobre o “muro invisível” erguido pelos poderes para conter as atividades itinerantes no Município, como é a feira livre.

2.2 O espaço da feira livre, pertencimento e significado para a comunidade feirante

A contemporaneidade na feira livre é marcada pelos embates existentes no município, a comunidade feirante visa a todo custo se rearticular para dar continuidade às atividades e observa o movimento de tensão que existe entre as secretarias do poder executivo.

No município da pesquisa, a secretaria da agricultura responde hierarquicamente pela feira livre, contudo, enquanto ela tenta fazer da feira livre uma prática a ser respeitada e, que possibilita aos agricultores locais comercializarem seus produtos no próprio município, ela se depara com a secretaria de desenvolvimento e planejamento que pensa na beleza dos locais e no desenvolvimento dos comércios fixos.

Assim, se desencadeia uma verdadeira batalha entre os poderes do executivo, pois de um lado temos aqueles que brigam pelos interesses da feira livre e dos agricultores e do outro lado temos aqueles que brigam pelos interesses da pós- modernidade, considerando que o modelo estético requerido na atualidade no que se refere ao consumo, não está na feira livre.

Mas, também diante das ações tomadas pela Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento é nítida a percepção de que há um pensamento restrito sobre a comunidade feirante, pois ela é visualiza unicamente como um comércio, não compreendida como um local de manifestação de diversas culturas, de diversos sujeitos e diversos discursos.

Essa posição é nítida ao olharmos para o mapa disponibilizado pela secretaria da agricultura dos locais de acontecimento da feira livre, pois é percebido que os locais onde estão os imóveis mais caros da Cidade, elas não acontecem.

A feira livre nessas regiões é realizada nos estacionamentos dos locais públicos como em parques, ou privados, como no estacionamento de um shopping, afastando-a geograficamente da moradia da classe alta.

Obviamente que, nos dias de acontecimento da feira livre tudo ao seu entorno não recebe um olhar sob o ponto de vista de uma cidade perfeita, pois há veículos velhos estacionados, em grande maioria as Kombis dos feirantes tomam conta do local indicado para parada dos veículos, caminhões antigos, que nos remetem a lembrança dos veículos militares da década de 60 e 70.

Há caixotes de madeira espalhados pelas guias, atrás das bancas, há sacolas plásticas penduradas nas bancas, facilitando a atividade do feirante. Há papel sulfite com canetas das mais variadas cores indicando o nome e o preço dos produtos.

Na grande maioria das vezes as palavras expostas no papel sulfite não são escritas de acordo com a norma escrita do português padrão, e sim outra forma de escrita. Como exemplo o termo “assucar” que substitui a palavra açúcar.

“Para a Prefeitura não importa o que estamos fazendo com amor, o que eles querem é ver a gente cada vez mais longe, bem na periferia (Tereza)”.

Essa fala proferida pela feirante valida, a perspectiva de que a comunidade da feira livre nada agrega às aparências de cidade perfeita, do ponto de vista dos que detém maior poder aquisitivo na região, e esse fator mobiliza a secretaria de planejamento e desenvolvimento à tomada de ação de alocá-los á margem da Cidade.

Assim, como a feira livre tem em si, em seus usos e costumes, a possibilidade do trânsito dos mais variados sujeitos, independente da classe social que se inserem, acaba sendo vista como uma atividade mais associada à periferia da cidade.

Diante disso, a feira livre, apesar dos novos valores conferidos pelo modelo capitalista e da contemporaneidade, onde a prática de compra e venda, estão sendo alocadas em grandes centros comerciais, ela apresenta ainda assim um movimento de resistência e de luta pela continuidade da atividade feirante. Uma forma foi a criação de uma associação dos feirantes.

A associação se forma como uma instituição, um corpo num movimento de resistência e antecipação, para mediar às relações entre a comunidade e o órgão municipal. Seu idealizador o Sr. Adão, é um dos feirantes mais antigos, conhecido e respeitado pela comunidade.

Esse feirante antes se posicionava junto aos vereadores e governadores locais, recebendo-os para reuniões em sua própria casa, para manifestar as reivindicações da comunidade feirante.

Como percebeu que as mudanças aconteciam de forma muito lenta, havia pouco interesse pelos políticos, ele mobilizou-se e criou uma associação de feirantes que se articula

como uma organização hierarquizada com Presidente, Vice Presidente, Tesoureira. A partir disso, as manifestações passaram a ser tratadas de outra forma pelo poder público, mais pontual e em alguns casos com respostas imediatas.

Segundo eles, a percepção por parte dos governantes quanto às solicitações da feira livre, vem se modificando consideravelmente já que o executivo tem tratado de atendê-los com maior atenção. Os feirantes foram capazes de tornar a relação com os políticos, uma via de mão única, ganhando reconhecimento e dando à comunidade maior consideração.

Os feirantes ao fundarem a associação permitiram que a comunidade funcionasse como uma engrenagem junto ao executivo, pois ela se instaura como um grupo organizado politicamente para dar continuidade aos usos e costumes.

De acordo com Thompson (1998, p.95) “o costume também pode ser visto como um lugar de conflito de classes, na interface da prática agrária com o poder político.”

E essa ação articulada da comunidade conquistou novos subsídios, como o banheiro móvel para todos os locais de acontecimento da feira livre (pequenas, médias e grandes) com um profissional para a realização da limpeza.

Conquistaram também a possibilidade de ter circulando e transitando na feira livre um guarda municipal, prevenindo que os fregueses sintam-se temerosos em ir para feira livre, já que a mesma acontece em espaço aberto e público e, a atual realidade nas grandes cidades urbanas é marcada pela violência.

Um dos aspectos mais relevantes da comunidade também está na possibilidade dada da participação da associação nas reuniões da secretaria da agricultura. E o estar presente nessas reuniões possibilita que os feirantes saibam quais articulações e das demais secretarias sobre as atividades da feira livre.

Os feirantes ao terem as informações, conseguem a possibilidade de se articularem favoravelmente ou contrariamente ao que será posto, tencionando de modo que as ações que serão dadas sobre o futuro da feira livre sofram impactos que dificultem a atuação do poder público.

E, recentemente, eles lutam para que a feira livre que acontece aos sábados não seja transferida para outro local, pois existe um projeto já aprovado pelos órgãos públicos para a construção de um parque para lazer dos cidadãos. Aliás, diga-se de passagem, que o Município tem encontrado nesses espaços para lazer um veículo para a aceitação partidária, convertendo as ações em votos dos eleitores.

A comunidade feirante indignada, pois por muitos anos a feira livre acontece naquele local, se articulou por meio da associação dos feirantes saindo em busca de apoio político, de partidos opostos a atual administração e, principalmente, tentando estabelecer junto aos fregueses uma força capaz de cessar os desejos da prefeitura.

Os feirantes para levantar bandeira junto aos fregueses, organizaram um espaço para o abaixo assinado daqueles que desejavam que a feira permanecesse naquele lugar, para isso, a associação pagou a uma pessoa, que foi indicada por um dos feirantes, para ficar durante a realização da feira conversando com os fregueses e coletando as suas assinaturas.

Com essa ação, eles não se indisputaram diretamente com os órgãos públicos, mas em contra partida, mostraram a eles que tentaram agir para que houvesse maior respeito pelo espaço de acontecimento da feira livre. O abaixo assinado foi entregue a Secretaria da Agricultura, mas pouco surtiu de efeitos positivos em nome da feira livre.

Compreende-se que essa ação do órgão público interrompe com um uso costumeiro do espaço, contudo vale ressaltar que não nos localizamos no século XIII conforme o exemplo citado por Thompson (1998) entre a Rainha e os Camponeses, na nossa realidade os feirantes foram marginalizados e um novo local foi destinado à feira livre.

Essa ação apresenta o despreparo existente nos órgãos do executivo para lidar com esse modelo de comunidade na contemporaneidade, já que o espaço para a comunidade representa pertencimento. Os feirantes parecem criar raízes nos locais em que realizam as atividades da feira livre ao serem podados do direito ao uso, vêem nos órgãos públicos forças contrárias à continuidade de suas atividades.

Para a comunidade da feira livre, o espaço não é meramente um dado geográfico, é parte significativa da construção do que é hoje a feira livre, e que geralmente se vê de forma natural como se estivesse sempre ali daquela forma. Para eles o espaço mostra as bancadas, os fregueses, os feirantes, e tudo o que envolve o ambiente da comunidade feirante.

O espaço nessa condição da comunidade feirante é também sinônimo de autonomia. Eles não participaram do processo de decisão, eles tentaram intervir sobre uma decisão já tomada, e conseqüentemente, essa sensação trinca o sentimento de liberdade da comunidade, podendo-os igualmente do processo autônomo ali existente.

De fato que, o executivo ao promover essa mudança do local para o acontecimento da feira livre, desencadeia uma nova forma de atuação da comunidade feirante, pois a mudança não é individual, ela é coletiva e requer da comunidade a readaptação.

A coletividade nessa instância facilita o processo de aceitação, e de certa forma é o que promove um significado positivo, pois engloba na consciência de todos aqueles que dela participam a necessidade de seguir adiante e de melhorar ainda mais aquilo que é realizado.

Para Thompson (1998) o costume é a própria consciência do sujeito, que rege sua forma de atuação, sua conduta e seu comportamento nas relações sociais que se estabelecem, e por consequência na própria comunidade que está inserido, e isso inclui sem dúvida as mudanças.

O espaço ainda é o local que contribui e significa o aprendizado não formal, que se dá pela riqueza das trocas possíveis entre os sujeitos, mencionemos o simples fato dos feirantes serem flexíveis para transitar entre o tradicional e o contemporâneo, pois, aprenderam com seus familiares e repassam os saberes a seus fregueses.

Dessa forma, o corpo social que ocupa o espaço da feira livre motiva e mobiliza uma rede de saberes, de usos e costumes antigos com uma dose de modernidade, bem ao gosto do atual modelo capitalista.

Assim sendo, mesmo que exista um inegável ânimo em quebrar com os usos e costume da feira livre por meio dos governantes locais, há algo em que a lei e a política não conseguem romper, o seu acontecimento em espaço público.

E nesse enfrentamento que se produz, o espaço público é um estopim conflituoso, criando uma água divisória, pois ao lado do município estão os comerciantes locais e ao lado da feira livre, só lhe restam os fregueses.

“Não é somente a Prefeitura, existem os grandes mercados aqui que querem a gente fora”. (Sr. Adão)

Permanece assim, um conjunto político e econômico que na contemporaneidade se articula contrário a esse modo de comercialização estruturado nos usos e costume, já que infelizmente a representatividade de poder da feira livre não é suficientemente capaz de conquistar o espaço “público” como dado, contudo e, felizmente tal movimento de resistência tem constituído nessa comunidade novas estratégias, novos saberes e novas articulações de resistência, na crença de que um dia, quem sabe, sejam capazes de lutar igualmente pela manutenção de seus espaços.

2.1.2 As articulações políticas e os embates para a continuidade da Feira Livre

Olhar os movimentos de resistência da feira livre leva ao mesmo tempo a observação para as formas como as forças de cima para baixo exercem pressão e se estabelecem na comunidade feirante. E isso contribui com a perspectiva que nas ações e reações manifestadas pelo feirante nas trocas sociais com os poderes públicos, tem-se impregnada uma revelação de oposição.

É sabido que a feira livre recebe esse nome por comercializar produtos diversificados e acontecer em um espaço público, destinado na contemporaneidade pelos órgãos municipais, mas seguem regras, normas e devem atender à lei que a regulamenta e que torna possível o seu acontecimento.

Os feirantes pagam para exporem e comercializarem seus produtos, ou seja, pagam para fazerem o uso do espaço “público”.

Porém, segundo o Sr. Orlando (banca de legumes), um dos mais antigos feirantes da Cidade, essa regulamentação ocorrida em meados de 70, veio beneficiar a feira livre. Os produtos eram comercializados no chão e havia “briga” constantemente, pois aqueles que estavam acostumados com a vida na feira livre tinham previamente locais estabelecidos, quando um novo sujeito chegava e acabava ocupando aquele espaço ou não queria receber ordens de um feirante mais velho, estava feita a confusão.

Assim, a regulamentação pôs fim a esse tipo de situação, já que existe uma determinação de dimensão do local e da cor a ser utilizada para identificação do produto comercializado.

A dimensão da banca pode chegar a sete metros de frente, a contagem dessa metragem pelo feirante se dá pelo número de passos, já que alguns alteram o tamanho da banca durante a semana, outros que usam sempre o mesmo tamanho compram as madeiras (pranchas) no tamanho certo não sendo necessário fazerem a medição.

O local segue praticamente um mapa dado pela Secretaria da Agricultura Municipal, que visa organizar a feira livre de modo que os alimentos fiquem separados de produtos como utensílios domésticos, adereços para cabelo, brinquedos, chinelos etc.

Ao adentrar nesse espaço vemos a avenida do lado esquerdo com os produtos alimentícios ocupadas dos dois lados, a banca do pastel ao meio com muitas mesas espalhadas

sobre a rotatória gramada e, que permite a separação do lado direito onde os feirantes expõem os produtos manufaturados. Assim organizada, há aproximadamente quatorze barracas de cada lado.

Os produtos e suas respectivas cores são de conhecimento de todos os feirantes, que conforme explicado pelo Tiago (banca de frutas):

- a) *Fruta (exceto banana): verde*
- b) *Peixe e cereais: vermelha*
- c) *Manufatura: azul*
- d) *Ovos e Banana: amarela*

Ao observar o espaço ao longe, é possível perceber as cores nitidamente, já que estão sempre desbotadas pelo sol e pela chuva, assim a vermelha fica em tom alaranjado, a amarela em tom cru, apenas a verde e a azul ficam nítidas, mesmo com pouca coloração.

A feira livre ocorre em um espaço delimitado e que me parece ter a forma geométrica de um retângulo, aberto e amplo, dessa forma o que diferencia a tipologia dos produtos são as lonas coloridas, elas devem ser bem esticadas, porém como são pesadas são sempre deixadas com uma folga pelos feirantes.

É um espaço permissível para a visibilidade abrangente que, pode a qualquer instante identificar tumultos e estabelecer meios para contenção imediata, entretanto fica também, disposta de modo que os feirantes possam conversar e fazer trocas uns com os outros.

A organização que se dá nesse espaço físico me permitiu um questionamento: A feira livre é um modelo de sinóptico⁵ ou um modelo de panóptico⁶?

A partir de Bauman (1999) podemos até pensá-la como um sinóptico onde muitos vigiam poucos, pensando assim nos fregueses, que exercem o papel de vigilância sobre os feirantes.

“Nós podemos reclamar de tudo para a Prefeitura, nada acontece, mas se um freguês ligar para o número 156 no dia seguinte o fiscal está aqui.”

Teresa (Banca de Verdura):

Contudo, pode-se também compreender o número de telefone “156” (reclamações) como um olhar dos poderes públicos, que coloca o sinóptico em movimento, já que nesse

⁵ O sinóptico está aqui apresentado sobre a perspectiva de Bauman (1999, p.60), compreendido como uma natureza global, no qual o ato de vigiar faz com que muitos vigiem poucos. O sinóptico “seduz as pessoas a vigilância”.

⁶ O panóptico foi um modelo de arquitetura proposto por Bentham (in Foucault, 2009a), onde de um ponto em uma arquitetura, como presídio, era possível a promoção constante da vigilância sobre os sujeitos, como um olhar alerta por toda a parte, capaz de moldar os corpos ao comportamento desejado, instituindo uma relação de poder.

sentido o panóptico (número do telefone 156) se faz como ponto central que vigia a todos mas, que depende de vigilância dos fregueses sobre os feirantes ao exigir que medidas sejam tomadas, e como resposta o órgão municipal coloca em alerta, para possível processo de punição, um representante do poder, isto é o fiscal.

De tal modo, os fregueses e, também, os contribuintes ocupam dois papéis fundamentais no tocante da existência da feira com referencia ao sinóptico, porque eles vigiam e agem. Enquanto que, o fiscal, que em suma tenta manter uma relação política e amigável com os feirantes, promovendo sempre a lembrança ao invés da cobrança, faz valer o panóptico de que estão sendo, vigiados durante todo tempo.

Para os fiscais, o que não pode faltar em hipótese alguma pendurado nas bancas são os certificados que garantem a licença para ali estar, e que permitem a fácil identificação dos feirantes, um meio de controle e regulamentação.

O fiscal para exercer a relação de poder e vigilância nessa comunidade – um panóptico, caminha por toda a feira livre, fazendo dez vezes o mesmo percurso, e entre uma brincadeira e outra, manifesta o poder ao apontar uma falha detectada, um método de disciplinamento.

Na maioria das vezes a “lembrança” se faz pelo não uso do uniforme que, o feirante deve utilizar e que parece ser um meio de transgressão à ordem, pois eles rejeitam o uso. Os feirantes satirizam em seu discurso ao serem lembrados da necessidade do uniforme.

Como respondido pela Lucia (banca do peixe):

- *“Ah! Mas não sou bandida e nem sirvo cafezinho, por que tenho que usar uniforme?”*

Outra passagem que possibilita enfatizar a posição de poder exercida pelo fiscal foi quando o mesmo ao chegar à banca de Mario (frutas) contou uma piada:

- *“No açougue chegou um torcedor do São Paulo e pediu 5 kg de carne moída, depois entrou um torcedor do palmeiras e pediu 5 kg de bife, em seguida chegaram três torcedores do Corinthians – os manos – e perguntaram: - Se tem costela ai? O açougueiro respondeu: - Sim. Então, mostra ela pra nós porque é um assalto”.*

O feirante ri, e em seguida é interpelado pelo fiscal:

- *“O caixote de frutas usa uniforme? É porque é ali que está o seu jaleco”.*

O feirante tenta não ligar e responde: - *“Muito boa a piada, hein”!*

Parece desse modo, que ao transgredirem a regra, oferecem uma resistência às normatizações, querem demonstrar que são livres e que não querem ter seus atos coagidos pelo órgão Municipal, querem autonomia.

Entende-se que os feirantes não querem ser tratados como aqueles que ocupam os espaços das instituições públicas com os presos e nem como aqueles que estão nas instituições privadas como os operários, conforme sugere a fala de Lucia (banca de peixes) anteriormente mencionada, entendendo que eles não fazer julgamentos dos sujeitos mencionados, mas que para ele o uso padronizado do avental pode ser uma maneira de constituir amarras.

Essa ação indica que o poder público ao impor o uso do uniforme ou a padronização, está impondo uma forma de normatização como um meio de disciplinar a comunidade feirante.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e retirar, tem como função maior adestrar; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. (FOUCAULT, 2009a, p.164).

Essa hierarquização disciplinar está também ligada à economia, pois como meio de punição é emitida uma multa, que pode até custar o certificado de licença do feirante, e interromper temporariamente as suas atividades.

Foucault (2009a) ao abordar os aspectos relacionados à vigilância nas Instituições de sequestro em meados do século XVIII nos faz refletir o quanto ela ainda é viva nas relações que se instauram na contemporaneidade, o excerto abaixo nos aponta para um olhar sobre a disciplina dada na Escola, mas que pode ser tomada também para este modelo que foi institucionalizado.

Pela palavra punição, deve-se compreender tudo o que é capaz de fazer as crianças sentirem a falta que cometeram, tudo o que é capaz de humilhá-las, de confundil-as:...uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto. (FOUCAULT, 2009a, p.172)

E, tomando a visão deste autor, sobre essa relação hierárquica e normalizadora já que para ele foi uma das maiores invenções técnicas do século XVIII, essa observação por parte de uma fiscalização e, conseqüentemente, da Prefeitura, resultam numa relação de vigilância do poder público que ao mesmo tempo permite que se estabeleçam novas regras de convívio social na comunidade feirante.

Trata-se de um movimento discreto para não pesar sobre a atividade da prática feirante. Ao grau que observa, nesse caso o papel da fiscalização, faz com que o feirante se mobilize para aquilo que se deseja, ou para aquilo que o poder deseja enquanto uma ação disciplinar.

Nesse sentido, o fiscal assume o papel de “observatório” da multiplicidade humana, ele é também uma figura que se faz presente de modo permanente e capaz de promover o movimento nos feirantes, já que foi por diversas vezes notado que mesmo que ele não esteja lá, todas as medidas são tomadas como se ele pudesse aparecer a qualquer momento, ou como se ele lá estivesse.

Tanto que, ao iniciar às minhas observações da pesquisa fui questionada se era a nova fiscal da feira livre. Os feirantes passavam por mim, olhavam e, não entendiam muito bem o que eu estava fazendo parada na banca do Tiago (Frutas), somente após ele esclarecer aos demais que eu era estudante foi que a movimentação deles na frente da banca de Tiago parou.

Há, portanto, nessa relação do Executivo para a Comunidade feirante, um poder que representa disciplina e que tem subentendida a punição, já que promovem um agir mecanizado, talvez por tal fato eles se mobilizem contra o uso do uniforme por se tratar de uma forma direta de coagi-los, uma ação de poder aparente.

Os feirantes não querem identificações de cunho hierárquico, querem continuar a executar a sua prática pautada nos usos e costumes, e por isso sustentam essa relação política, entendido assim que a feira livre não é tão livre quanto imaginamos.

Essas relações de poder-saber não devem então ser analisada a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimento são tantos outros efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis de conhecimento. (FOUCAULT, 2009a, p.30)

Como um novo movimento que tem mobilizado as relações sociais na feira livre, pode-se mencionar a convocação da Secretaria da Agricultura, pouco a pouco, aos feirantes para conhecerem o tipo de feira que acontece na Cidade de Curitiba-SC.

Os feirantes dessa região do sul do país, não utilizam mais as bancas de madeira, eles possuem as bancas dentro de um tipo de carro como um *trailer*, que pode também ser organizado em um caminhão ou em Kombi adaptadas.

Os feirantes de Curitiba chegam à feira livre, estacionam seus veículos, já prontos à espera dos fregueses.

Contudo, os feirantes dessa comunidade, se posicionam contrários dizendo que terão que custear, e que acima de qualquer valor em dinheiro, a feira livre nunca mais será a mesma.

“Estou na feira livre desde os treze anos, tenho trinta e oito anos, a feira sempre foi isso, agora vai mudar dessa forma, ah não!”. (Joana - Banca de Especiarias).

Independente da aceitação pela mudança ou não, ocorre aí uma troca valiosa do que tem acontecido em algumas regiões com referência à feira livre, possibilitando a eles considerar, ou não, novas formas de desenvolvimento das atividades, mas espantosamente enquanto os sujeitos contemporâneos buscam a praticidade para a realização das atividades diárias e cotidianas, com a finalidade de ganhar mais tempo para outros afazeres, os feirantes nessa comunidade não, pois preferem manter o trabalho da maneira como ele está sendo conduzido, sobre as bancadas.

É claro que, do ponto de vista objetivo do mundo do trabalho e da racionalização das atividades, compreende-se como um aspecto positivo, já que os feirantes não precisariam se levantar tão cedo para estar na feira livre, ou, não precisariam chegar no local de acontecimento da feira livre na madrugada, poderiam usar o tempo livre para o descanso.

Como consequência o trabalho não seria tão pesado, não seria necessário carregar caixas de madeira com frutas, legumes e outros produtos, bem como não seria necessário o descarregar das madeiras e da lona para a arrumação da banca e exposição dos produtos.

Tampouco, haveria a desmontagem das bancas, não haveria o momento da xepa, e nem a limpeza da avenida pelos garis da Prefeitura.

Analisando parece-nos bastante vantajoso, mas não é para quem tem em seu corpo, em seus movimentos e em seu cotidiano o costume impregnado, o feirante.

Para ele a economia de trabalho e o esforço físico são rejeitados, porque entendem que a montagem da barraca, a utilização das madeiras, das lonas, o aspecto rústico da banca, a desmontagem e a xepa é o que promove a beleza da feira livre, e também o que a identifica enquanto uma feira livre e o que promove identificações com outros sujeitos.

Indo além, a exposição dos produtos ao ar livre é um ingrediente mágico para a realização da atividade costumeira dos feirantes, sem essa tarefa que remonta a história ela não seria completa, haveria então um corte dos usos e costume.

Qualquer ruptura sobre os usos e costumes é passível de provocar um sentimento de vazio sobre os sujeitos da comunidade, já que eles nascem atravessados pela forma de fazer ou de desenvolver a atividade, ou aprendem no decorrer da vida e percebem o significado que aquela atividade passa a ter para a sua concepção de mundo.

Thompson (1998, p. 107) apresenta o olhar pelo qual os costumes eram amplamente vistos na Inglaterra do séc. XVIII, a partir da seguinte temática: “Os costumes são definidos como uma lei ou direito não escrito que, estabelecido pelo longo uso e pelo consentimento de nossos antepassados, tem sido e continua sendo diariamente praticado”.

Para essa comunidade iniciar os trabalhos durante a madrugada, realizando os esforços necessários para a recepção dos fregueses, perpassa o simples conceito de apresentação visual, para eles a montagem e desmontagem é um ritual sagrado, podendo ser paralelamente compreendido através do apontamento de Thompson (1998) sobre o significado de costume do séc. XVIII.

O órgão público tem também se engajado para oferecer aos feirantes treinamentos para que consigam visualizar melhorias na atuação da prática, porém sem muito sucesso. Uma das vezes que fui convidada a participar de um curso de Atendimento ao Cliente, o palestrante, especialista em administração, tentou por diversas vezes explicar sobre como melhorar o atendimento ao cliente do ponto de vista empresarial, dotado de formalidade, e tomando como ato de atender bem o cliente o uso do jaleco limpo, mãos limpas, eles sem qualquer constrangimento o deixaram falando sozinho.

Em uma sala com aproximadamente 30 (trinta) feirantes, em aproximadamente 30 minutos havia somente um participante, eu.

A sensação para o ocorrido, é que faltou sutileza do órgão que deveria considerar que os feirantes sabem melhor do que muita empresa realizar a dinâmica de comercialização, eles possuem protocolos de vendas, leis de atendimento ao cliente pelos usos e costumes, e que ao lidar com produtos cheios de terra, por mais que passem pelos processos de higienização, torna-se impossível permanecer durante o tempo da feira com um jaleco branco.

Segundo a Teresa (Banca de Verduras) que se pronunciou sobre o ocorrido:

- *“Existem dois caipiras, o da roça e o da Cidade. O da roça olha para tentar fazer. O da cidade acha que mandioca dá no pé de árvore e ainda quer ensinar”*.

E nesse contexto, não que os feirantes sejam rebeldes, mas optam pela manifestação ao não uso do avental, fazendo uso das roupas que estão habituados no cotidiano da realização da atividade, em geral camiseta e calça jeans e calçam em seus pés chinelos de dedo.

Mesmo que as intervenções sejam do ponto de vista dos governantes formas positivas para a execução das atividades na feira livre, os mesmos não estão mergulhados no costume do feirante, o que cria implicações conflituosas, já que para o município a feira livre deve seguir regras de organização, de padronização e articulação como qualquer comércio que deseja trabalhar, pagando impostos e atendendo as regras estabelecidas para órgãos privados.

Mas o feirante respira a comunidade da feira livre, muitas vezes não compreende essa relação econômica e jurídica que se estabelecem, pois ainda com perspectivas passadas e calcadas na vida rural apenas pensam na produção e na venda, e muitos deles apresentam essa percepção pelo fato de que foram construídos ali, como diz a Lucia (Banca de peixe):

- “A minha mãe só me ensinou a lidar com o peixe na feira livre, não aprendi outra coisa. Eu sou feirante”.

Parece-nos, portanto, que inexistente nessa relação entre o órgão público e a comunidade, a busca de um entendimento sobre a prática do feirante, como uma atividade única, como um modo particular de estabelecimento de relações com os outros, como um espaço que é de todos e que agrada aqueles que passam a conhecê-la como ela é: dotada de saberes ali produzidos, visíveis e, repartido com todos, bastando apenas aceitá-la.

2.3 Artimanhas e gracejos no trabalho feirante

A comercialização dos produtos que se manifesta por meio da venda é sempre um atrativo na feira livre, segue um protocolo que teve início ao longo da história da atividade feirante, fazendo parte integral dos usos e costumes.

Toda venda, deve obrigatoriamente ter um comprador, temos assim os fregueses, que assumem esse papel no processo de comercialização.

É percebido, dois procedimentos observados no ato da venda na feira livre, o primeiro se dá quando a iniciativa de se aproximar da banca do feirante é do freguês.

Inicia-se nesse momento um jogo de sedução, pois o feirante possibilita ao freguês uma liberdade para a escolha dos produtos, deixando-o pegar na fruta, estendendo-lhe uma

bacia para alocação dos produtos escolhidos, lhe oferece ajuda e sutilmente começa a falar de outros assuntos, envolvendo-o para a realização da compra.

A segunda situação se dá quando o feirante visa convencer os fregueses a aproximarem-se da banca. Neste caso os feirantes usam manifestações do corpo, como levar os braços e as mãos, dançar, fazer malabarismos com as frutas, alterar a entonação da voz para dizerem algumas frases prontas. Como nesse caso, os feirantes denotam bom humor, são poucos os fregueses que não se aproximam, e ao se aproximarem também são tomados por jogos de sedução, como elogios, ou como colocações do tipo:

- *“Olha vou escolher o melhor produto da banca para você”!*

Esse discurso é sempre recebido muito bem pelo freguês, que sorri, ou que responde obrigado, ou que o desafia dizendo: - *“Quero ver hein”!*

E, nesse ritmo cordial de comercialização, ambos os casos nos apresentam a mesma forma costumeira da atividade do trabalho do feirante, o uso da oralidade, pois é sem dúvida o momento da venda dos produtos que mais se promove trocas, pois os fregueses se sentem a vontade para o “bate papo”. E, vale ressaltar que bate-papo que se desenrola não é comum a contemporaneidade e as redes de serviço que atualmente se faz uso, pois em redes de restaurantes “self service” a organização para a compra se resume na entrada, na escolha do alimento e no pagamento, sem que alguém aborde e, descontraidamente converse.

Se, hipoteticamente, a comunidade feirante utilizasse da escrita para a comercialização de seus produtos, ela perderia o seu encantamento, já que a escrita não atenderia a rápida dinâmica de comercialização da feira livre, dessa maneira a escrita seria fria e até mesmo indiferente para os fregueses.

A escrita, não permitiria esse movimento que a oralidade carrega em si na troca entre os feirantes e fregueses, pois é ela que promove o resgate da memória do feirante, quando o mesmo está efetuando a venda, apresentando os benefícios dos produtos, informando como o produto é plantado, colhido e até mesmo modificado geneticamente.

“As feiras sazonais não só propiciam um nexo econômico, mas também um nexo cultural, além de um grande centro para informações e troca de novidades e boatos.” (THOMPSON, 1998, p. 44)

São nessas manifestações, que o feirante é capaz também de resgatar outros acontecimentos que fizeram parte da sua vida e que naquele dado momento se torna pertinente trazer a tona.

Nesse tocante, o uso da oralidade pela comunidade feirante é convidativo para os fregueses, eles não usam palavras rebuscadas ou de prestígio na sociedade, usam da simplicidade, da cortesia e da artimanha, e essa dinâmica permite re-significação para os feirantes e se instaura, também, como um momento de troca de experiência, dando a vez ao freguês.

Para Thompson (1998) foi negado aos pobres o acesso à educação, ao aprendizado da leitura, da escrita e da matemática, e por esse motivo não restava outra possibilidade a não ser recorrer à transmissão oral, dada como o costume. Embora hoje em dia a questão do acesso à leitura e escrita seja dada de forma mais extensiva à população, existem muitos segmentos das camadas populares em que a oralidade tem uma força maior em relação à escrita.

Assim, a oralidade na feira livre toma corpo coletivamente, tanto que os feirantes e os fregueses a utilizam para as trocas, além de encontrar no espaço uma maneira enriquecedora do uso possibilitando saberes além dos que são predominantes em ambientes escolarizados.

Outro ato, costumeiro no processo de venda, é a exposição dos produtos na bancada que deve estar completamente coberta por frutas ou legumes, não havendo espaços vazios, denotando a sensação de fartura, nos espaços que não puderam ser completados com os produtos comercializados os feirantes colocam as bacias plásticas coloridas, que podem ou não conter produtos menos viçosos aos olhos dos fregueses.

As reposições dos frutos, e a arrumação das bacias nos espaços vazios ocorrem o tempo todo, o que garante dinamismo ao trabalho realizado pelos feirantes. Nesse momento ele usa da artimanha para lidar com os fregueses, pois de maneira astuta é capaz de promover uma ilusão ao tirar e colocar, inúmeras vezes, frutas dentro das bacias.

Os feirantes durante o ato da venda não entram em choque, em conflito, eles brincam uns com os outros, pois se reconhecem como feirantes unidos pelo costume de fazer a feira. Eles se respeitam enquanto uma comunidade de usos e costume.

Entretanto, ao detectarem nessa comunidade outros sujeitos querendo fazer parte por meios ilícitos, estes são tratados como forasteiros, tornado-se inadmissível a presença deles naquele espaço.

Os costumes estão claramente associados e arraigados às realidades materiais as realidades sociais da vida e do trabalho, embora não derivem simplesmente dessas realidades, nem as re-expressem. Os costumes podem fornecer o contexto em que as pessoas talvez façam o que seria mais difícil de fazer de modo direto (...), eles podem preservar a necessidade da ação coletiva, do ajuste coletivo de interesse, da expressão coletiva de sentimentos e emoções dentro do terreno e do domínio dos que deles co-participam, servindo como uma fronteira para excluir os forasteiros. (SIDER apud THOMPSON, 1998, p.22)

Os feirantes se mobilizam coletivamente para que ações sejam tomadas contra os “forasteiros”.

Uma passagem que chamou muita atenção, dois homens montaram no espaço da feira livre uma banca de bebidas alcoólicas. Os feirantes se indignaram no primeiro dia que os viram. Muitos fregueses paravam no local para perguntar os preços e conhecerem os produtos que ali estavam sendo comercializados.

Aquela manhã estava muito tensa, os feirantes com a expressão preocupada, comentavam sobre a nova banca que ali havia se erguido, considerando as necessidades de autorizações especiais e, quanto às proibições existentes para o comércio daquele tipo de produto na feira livre.

Nesse mesmo dia alguns feirantes desconfiados foram até a banca para verificarem o que os homens ofereciam e, concluíram que se tratava de algum meio ilícito de comercialização de produtos, já que estavam oferecendo um uísque por preços irrisórios, quando o mesmo produto apresenta alto custo em redes de hipermercados.

Angustiadados, não fizeram nada nesse dia, na semana seguinte ao incidente, os homens estavam novamente naquele local, os representantes da Associação dos Feirantes, que integram aquele grupo, chamaram o policial que responde pela segurança da feira livre que, logo chegou acompanhado de outro policial e com o fiscal da Secretaria da Agricultura.

Muita mobilização, fregueses assustados ao ver naquele espaço policiais armados, com um andar pesado em direção àquela banca, que teve os produtos apreendidos e um dos homens detido.

De fato, não era a comercialização que contava mais nesse cenário, mas sim o fato desses sujeitos se distinguirem dos feirantes, isto é, de não fazerem parte de seus rituais, dos seus modos de venda, de seus costumes, apresentando a partir do não conhecimento dos usos e costumes, que se tratava de forasteiros, tornado-se uma ameaça àquela comunidade.

Não que, para se erguer na feira livre enquanto feirante seja necessário seguir um ritual de cunho tradicional, mas existe sim a necessidade de se conhecer, aprender e se desenvolver sobre mesmas perspectivas da comunidade, conhecer e fazer parte dos usos e costumes que instituem esse espaço social.

Thompson (1998) que, trata da “venda de esposas” no século XVIII, nos permite perceber o quanto a feira livre está mergulhada nos usos e costumes, sendo pertinente

olharmos para a venda não como uma atividade organizacional de cunho administrativo, mas sim como uma atividade que segue o que outrora fora estabelecido pelo uso e pelo costume.

O autor nos coloca em um panorama passado onde havia possibilidade dos maridos de colocarem suas esposas expostas em mercados públicos para a venda, desde que o casamento estivesse em crise. Alguns escritores da época enfatizam que esse costume foi uma invenção, pois para a época não havia formas de divórcios.

A mulher era leiloada, sem direito a negação daquele que pagasse por ela. O que hoje seria tido como algo totalmente improvável e se viéssemos a presenciar um caso deste, trataríamos logo de chamar uma autoridade local ou a mídia em manifesto de maus tratos á mulher, porém para a época tratava-se de um costume, de um manifesto de divórcio e de separação reconhecido para aquela sociedade.

Esse ato de vender a mulher em praça pública seguia um cerimonial, no qual elas eram amarradas, expostas e para validar a legalidade da venda deveriam ser entregues com uma corda amarrada ao pescoço.

Para o autor não havia nesse costume formas de exposição, ou de humilhação das mulheres, e sim um uso e um costume que tratava de um ritual envolvendo três sujeitos que estavam em pleno acordo.

Havia sempre uma platéia que aqui se pode compreender como os fregueses, interessados nas mulheres que ali seriam comercializadas. Havia também aquele que oferecia a esposa, fazendo os preços, manifestando em alto e bom som os atrativos daquela mulher, seguindo obviamente as instruções do marido.

O marido, também, se manifestava visando vender a mulher, e por ela receber algum dinheiro, os homens adaptados aquele meio de comercialização as compravam sem julgá-las pela rejeição, pela castidade, ela não seria apontada pela sociedade como uma mulher vendida em praça pública. Bem como, o homem também não seria ridicularizado por executar a venda ou expor a sua esposa como se esta fosse um produto.

O que se tem com a venda das mulheres, nada mais é do que um modelo de comercialização que também forneceu perspectivas para que se fundasse leis apropriadas aos divórcios, porém para aquela ocasião atendia plenamente aos ideais daquele povo.

Percebe-se, desse modo, que mesmo se tratando de produtos completamente distintos, claro que de um lado se tem os feirantes e seus produtos e, de outro, seres humanos e relações familiares, mas a maneira de realização da venda parece não se alterar, ela segue praticamente

o mesmo cerimonial de séculos passados, para que o outro, nesse caso o freguês seja tomado pelo desejo de consumir.

Por tal motivo, Thompson (1998) esclarece que o costume não está enraizado em uma tradição, como o que permanece de geração em geração, mas sim como aquilo que está implícito na natureza humana, possível do sentimento de pertencimento e ao mesmo tempo de liberdade para o desenvolvimento das atividades, como aquilo que nasce no passado, mas que também evolui e atende às características do presente.

E, assim tornando possível compreender que a feira livre, resiste aos modelos capitalistas impostos à sociedade contemporânea, mas também é entrelaçada pelas perspectivas neoliberais, para que continue sendo mantida sob os usos e costumes.

Assim, os feirantes preocupam-se com as cotações dos produtos que são comercializados na feira livre e as flexibilizações econômicas, já que o aumento do preço dos produtos provoca um movimento em cadeia que vai do plantio ao consumidor, o freguês.

O preço que era outrora uma decisão dos agricultores e dos feirantes passou a sofrer as implicações dos órgãos governamentais. Entretanto, os feirantes mesmo calcados pelos usos e costumes, compreendem a importância desse jogo econômico para o processo de compra e venda e aceitam as regras estabelecidas sobre as comercializações dos produtos.

Parece assim, que o perfil do feirante no mundo capitalista, ganha notoriedade particular, pois mesmo em condições desiguais, econômicas e de formação escolar, conseguem com muita flexibilidade, adequarem-se às novas formas de comercialização e ainda continuam cativando os seus fregueses de diversas camadas sociais, convencendo-os à realização da compra.

Um exemplo que pode ser mencionado foi uma mudança sugerida por um órgão governamental e que se refere à comercialização da banana.

Até o ano de dois mil e nove a banana era comercializada por dúzia, com a nova regulamentação a mesma passou a partir do ano de dois mil e dez a ser comercializada pelo peso.

Entretanto, foi observado que muitos feirantes que comercializavam a banana se esqueciam da montagem da balança, e que somente na primeira venda do produto no dia se davam conta da necessidade da máquina.

Uma cena freqüente era de ver um os feirantes na primeira venda, usando a balança dos feirantes vizinhos que já estavam com a balança montada.

O freguês, também, pareceu um pouco perdido, já que mesmo sabendo da mudança estabelecida para comercialização, custava a fazer a solicitação pelo peso, tendo sempre em sua fala a dúzia como referência.

Essa alteração na atividade do feirante traz a eles uma melhoria, pois antes a banana era no Brasil abundante, muitas famílias tinham em suas casas a bananeira, sendo a mesma de acesso a todos, porém com o advento da exportação de frutas, as moradias reduzidas a pequenos espaços, a banana passou a ser reconhecida e de difícil acesso, e o feirante passou também a compreender que ao vender o produto por quilo acabava obtendo um lucro maior em sua comercialização.

Assim, algumas mudanças são operadas na atividade de comercialização da feira livre, mas uma forma de resistência se dá pelos usos e costumes, pois ao observar os comércios convencionais, percebe-se o quanto vorazmente a tecnologia toma a frente das atividades humanas.

Os preços não mais produzidos em reais e sim em códigos de barras, máquinas de cartões de crédito e débito, as comandas dos garçons sendo substituídos por “*palm tops*” ou “*tablets*”, uma grande parafernália tecnológica oriunda da contemporaneidade e que se expande em decorrência da globalização, mas que está distante de substituir o uso e os costumes da comunidade da feira livre.

Mais do que qualquer outra coisa, “globalização” significa que a rede de dependências adquire com rapidez um âmbito mundial – processo que não é acompanhado na mesma extensão pelas instituições passíveis de controle político e pelo surgimento de qualquer coisa que se assemelhe a uma cultura verdadeiramente global. (BAUMAN, 2003, p.89)

Claro que todos os sujeitos estão presos aos processos que envolvem a globalização na contemporaneidade, mas é observado que o movimento que ela produz de deslocamento das coisas, do imediatismo da compra, da supremacia dos novos e mutantes produtos, não se aplica à comunidade feirante, no sentido de que ela em sua essência se mantém pelos usos e costumes.

Obviamente, a feira livre é um espaço como todos os outros da contemporaneidade, no sentido de estar conectado aos acontecimentos do mundo, um espaço de muito “stress” onde tudo acontece de forma muito rápida, o atendimento, a embalagem dos produtos, a prática de cálculo e pela quantidade excessiva de sujeitos circulando, mas que visa manter os jogos discursivos como um saber efetivo, capaz de diferenciá-la de outros espaços contemporâneos.

Assim, a feira livre se traduz em um espaço de “luta” que resiste para manter acessa a prática social de compra e venda de produtos, de servir ao outro em locais abertos, de manifestações astutas visando a sua permanência como uma comunidade.

CAPITULO III

FEIRA LIVRE: JOGOS DISCURSIVOS NA MOBILIZAÇÃO DE SABERES

Diante do espaço da feira livre e das relações sociais que são tecidas entre feirantes e fregueses, serão apresentados nesse capítulo, como os saberes e os processos de aprendizagem se mobilizam, sem pensar em tomar a feira livre somente sob a perspectiva do movimento mecânico em prol da sociedade, mas em valorizar a vivência do feirante, o seu compromisso com o ato do fazer a feira.

Salientando o uso dos jogos discursivos como um meio de galantear, de suscitar desejo e de convencer os fregueses a realização da compra. De tal modo que, os eixos norteadores para essa discussão se darão por meio da perspectiva da comunidade de prática, para discorrer sobre a organização dada pelo feirante no processo de suscitar significados e compartilhamento mútuo dos saberes e, pelas relações de poder-saber que permitem na prática feirante o dinamismo nas trocas discursivas.

Assim, será significado, a partir da perspectiva de Foucault (2009) os jogos discursivos na prática dos sujeitos feirantes como formações que não residem na mentalidade e nem na consciência deles, mas que estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam e desejam falar em um determinado campo discursivo.

3.1 Saberes e aprendizagens na Comunidade Feirante

Naturalmente, para nos comprometer em uma prática devemos estar vivos em um mundo no qual possamos atuar e interagir. Devemos ter um corpo com um cérebro que funcione o suficiente para participar em comunidades sociais. Devemos ter maneiras de nos comunicar com os demais. Mas centrar-se na prática não equivale simplesmente adotar uma perspectiva funcional para contemplar as atividades humanas, incluindo as atividades nas quais participam muitos indivíduos. Não aborda simplesmente a mecânica – os aspectos práticos – de conseguir fazer algo, individualmente ou em grupo; não é uma perspectiva mecânica. Não inclui somente corpos (nem sequer corpos coordenados) e não inclui somente cérebros (nem sequer coordenados), senão também aquele que dá significado aos movimentos dos corpos e ao funcionamento dos cérebros. WENGER, 1998, p.75 (Tradução nossa)⁷

⁷ Cf. original: Naturalmente, para comprometer nos em uma prática debemos estar vivos em um mundo em el que podamos actuar e interaccionar. Debemos tener un cuerpo con un cérebro que funcione lo suficiente para participar em comunidades sociales. Debemos tener maneras de comunicarnos com los demás. Pero centrarse em la práctica no equivale simplemente a adoptar una perspectiva funcional para contemplar las actividades humanas, incluyendo las actividades em las que participan muchos individuos. No aborda simplemente la

Acompanhando a atividade realizada pelo Célio da banca de frutas, que trabalha com seu irmão mais novo, percebe-se que eles possuem uma forma sistemática para a utilização das bacias coloridas utilizadas para a exposição das frutas que são vendidas por um preço menor.

As bacias plásticas e coloridas não atendem somente às questões estéticas de arrumação da banca e de jogo lúdico com o tamanho dos produtos, mas também respondem positivamente com a rotina diária do feirante, apoiando-os na realização e facilitação da atividade.

Os feirantes realizam uma pré-seleção para a alocação das frutas nas bacias, de modo que em cada uma delas tenha um total de quatro frutas, sendo que duas ruins⁸ e duas boas⁹, ou, três boas e uma ruim, no total em cada uma eles colocam aproximadamente quatro frutas.

A cor é um meio de representação para o feirante, pois para cada uma faz uma conexão com um tipo de fruta, assim destina a bacia de cor verde para as peras, de cor vermelha para as maçãs, de cor amarela para bananas, de cor rosa para as mangas e as brancas para as frutas que são comercializadas em menor quantidade, como o kiwi e o melão.

Essa mesma organização, também, se dá na banca de verduras e legumes do Rodrigo, mas nesse caso as bacias coloridas são dispostas para os legumes mais caros, e as bacias brancas para todos os tipos de verduras que foram colhidas no dia anterior, ou que não são frescas, pois devido à retirada das primeiras folhas acabam ficando com o maço pequeno, nesse caso unem dois ou três maços e a venda desse produto é por um preço mais barato.

Para os feirantes que vendem verduras e legumes, os legumes mais baratos são colocados em saquinhos plásticos transparentes e amarrados, onde também usam o mesmo método daqueles que comercializam as frutas, misturando legumes bons com os ruins.

O fato da comunidade feirante, usar as bacias plásticas e ter todo um trabalho para alocar corretamente os produtos em cada uma delas, não significa que eles não deixem os fregueses fazerem suas escolhas, contrariamente, os fregueses tiram produtos de uma bacia e colocam em outra, e até o próprio feirante faz esse troca-troca para o freguês.

mecânica – los aspectos prácticos – de conseguir hacer algo, individualmente o em grupo; no es una perspectiva mecânica. No incluye solo cuerpos (ni siquiera cuerpos coordinados) y no incluye solo cérebros (ni siquiera coordinados), sino también lo que otorga significado a los movimientos de los cuerpos y al funcionamiento de los cérebros. (WENGER, 1998, p.75)

⁸ O termo “ruim” não significa que o produto está impróprio para o consumo, algumas vezes eles estão machucados pela forma indevida de escolha do freguês. Ou, já atingiram o ciclo completo de amadurecimento não podendo ser guardado por mais que dois dias.

⁹ O termo é utilizado para aquele produto que ainda teria uma durabilidade de três a quatro dias na geladeira.

Entende-se como um modo de agradar ao freguês e realizar a venda, e é interessante ressaltar, que após a comercialização, eles redistribuem os produtos nas bacias, e essa ação possibilita uma dinâmica na atividade feirante, dado pela constante arrumação dos produtos.

Na perspectiva de Wenger (1998) esse modo de organização dos feirantes é uma forma de atuação da prática, já que existe um significado para aquilo que eles fazem, além de fortalecer a relação com os fregueses no contexto social da feira-livre.

Fazendo um comparativo dessa ação do uso da bacia dos feirantes aqui acompanhados com a narrativa da pesquisa desenvolvida pela Almeida (2009), é percebido que na Cidade de Montes Claros em Minas Gerais, especificamente no bairro de Milton Prates, eles ainda fazem uso da exposição dos produtos no chão, soltos ou os apóiam em madeiras que ficam sob os caixotes utilizados para carregar os produtos e os produtores fazem uso da carroceria de seus caminhões, o que nos permite compreender que há uma diferenciação que está associada à organização da feira livre na contemporaneidade no interior de São Paulo, pois o uso da bacia é um modo de organização que foi pensada, testada e aplicada.

O conceito de prática conota fazer algo, mas não simplesmente fazer algo em si mesmo; É fazer algo em um contexto histórico e social que outorgue uma estrutura e um significado ao que fazemos. Nesse sentido, a prática é sempre uma prática social. WENGER, 1998, p.71. (Tradução nossa)¹⁰

Mesmo que cada feirante venda produtos distintos, eles labutam pelo mesmo objetivo: a comercialização, a venda e a permanência da atividade feirante. Assim a feira livre pode ser compreendida como uma comunidade de prática, no qual os feirantes se ajudam mutuamente em prol de um objetivo compartilhado.

E para que a atividade seja sempre pensada e repensada, os feirantes trocam experiências, pensam em melhorias para o grupo e sobre os produtos, comentam sobre formas de plantio, de conservação e de venda. Fazendo desse modo, funcionam como um time, pois cada jogador tem seu próprio lugar em um determinado espaço, mas estão todos focados no resultado final.

Wenger (1998), ao traçar uma perspectiva da prática assinala dois pontos fundamentais para a comunidade de prática, a participação e a coisificação, sendo elas capazes de terem o mesmo peso na relação da atividade desenvolvida pelo sujeito.

¹⁰ Cf. Original: El concepto de práctica connota hacer algo, pero no simplemente hacer algo em si mismo; Es hacer algo en un contexto histórico y social que otorga una estructura y un significado a lo que hacemos. Em este sentido, la práctica es siempre una práctica social. (WENGER, 1998, p.71)

A participação é explanada pelo autor como um modo de se tornar parte de um processo e de relacionar-se com os demais sujeitos. Para ele a participação está diretamente relacionada à identidade, pois à medida que o sujeito identifica-se com o que executa e com aqueles que fazem parte de sua rotina de atuação, constitui-se um sentido que o apoiará em suas responsabilidades cotidianas.

Dessa forma, qualquer assunto que na feira livre se manifeste entre os feirantes sobre os produtos mobilizam todos, e pela questão do costume, primeiramente, são os feirantes mais velhos que manifestam as suas opiniões e posições.

Somente quando requeridos os mais jovens, que considerados pelos mais velhos como mais estudados, tomam as iniciativas e buscam soluções ou novidades com os grandes agricultores, com órgãos específicos ou por meio de dispositivos tecnológicos, visando um aprofundamento dos saberes para a comunidade feirante.

Os feirantes tentam estar no contexto moderno, alertas às inovações dos produtos e aos novos saberes que permeiam a prática, mas nem sempre favoráveis às mudanças propostas pela biotecnologia.

Algo que, no ponto de vista do Sr. Manoel, não condiz com a perspectiva da feira livre são os formatos propostos para as frutas e para os legumes, pois segundo sua fala: *“Agora querem que a gente venda melancia quadrada”*.

É nítida a acidez em seu discurso, sobre os experimentos que os estudiosos estão fazendo em laboratórios com as frutas, os legumes e as verduras, ressaltando que o cruzamento realizado em laboratório pode modificar substancialmente o sabor e nem sempre agradar o consumidor.

Os feirantes manifestam ainda uma repulsa sobre os produtos alterados em laboratórios, pois para eles foi um alimento dado por “Deus”. Geralmente os discursos sobre as transformações dos produtos, são iniciados pelos fregueses que perguntam se eles viram no jornal ou na televisão sobre as alterações das formas, dos sabores ou sobre dois produtos que estão sendo unificados.

Mas, se DEUS nos deu a fruta desse jeito, todo mundo come assim, porque o homem tem que mudar? (Sr. Manoel).

E ainda, sentem-se à margem, ao relatarem que nunca souberam de agricultores ou feirantes que vieram a opinar sobre tais modificações, e talvez eles fossem sujeitos indicados para tal contribuição. Pois, eles detêm um saber sobre os gostos dos fregueses, mesmo que

não fossem consultados para a modificação da cor, sabor ou formato, poderiam ser consultados pela aprovação no mercado consumidor.

Eles ainda são contrários à utilização dos produtos químicos utilizados nos produtos, pois promovem riscos à saúde, algo que para a prática feirante é um aspecto muito importante, pois ao consumirem um produto natural a expectativa primeira é que ele seja saudável ao organismo.

Outro aspecto é a iniciativa de grandes agricultores de promover o rápido amadurecimento dos produtos, pois não estão visando o ciclo natural dele, apenas a agilidade para a venda no mundo capitalista.

A Fátima que vende bananas ensina os seus fregueses que devem comprar a banana amadurecendo, pois as que são retiradas verdes da bananeira podem não atingir o ciclo natural de amadurecimento, ou ainda, aquelas que foram rapidamente retiradas para amadurecimento podem apodrecer e se tornarem impróprias para o consumo.

Ela dá um segredinho para quem quer levar da feira livre banana verde:

- *“Caso você veja que a banana não está ficando madura na sua fruteira enrola a penca no jornal para que fique aquecida e vai dando uma olhadinha para que não apodreçam”.*

Nessa acepção, a participação do feirante na prática da feira livre não assume somente o papel de colaboração com os fregueses, mas é também o envolvimento, que responde pelo desenvolvimento e o compromisso com o que ele faz e, conseqüentemente, com todos os sujeitos envolvidos com a feira.

Assim sendo, a participação está diretamente relacionada às questões de cunho cognitivo, motor e afetivo que ganham dinamismo com a humanização de suas ações e a interação que os feirantes estabelecem com aquilo que realizam.

E nesse aspecto os saberes adquiridos na feira livre são transformados em ações, que para Wenger (1998) é o que determina a coisificação, que facilita a compreensão do sujeito sobre o que ele executa cotidianamente, dando nome a cada uma das atividades que realiza.

Uma dessas atividades realizadas pelos feirantes é o agrupamento das folhas de verduras que eles denominam de maçaria, que são os cuidados dados na formação dos maços de verduras que envolvem: a escolha das folhas mais bonitas, a quantidade de folhas e a amarração. A perspectiva da maçaria é de deixar cada maço com o aspecto bonito aos olhos dos fregueses, agradando-o e envolvendo-o, permitindo que a escolha seja mais ágil facilitando a comercialização dos produtos.

Para Wenger (1998), a coisificação tem o interesse de demonstrar que se trata de uma forma de facilitar aquilo que se realiza rotineiramente, ou seja, um meio de administrar e de reconhecer as atividades desenvolvidas e assim, significá-las.

É essa união da participação e da coisificação que não permite entender a prática da feira livre somente como a realização de uma atividade de forma mecânica e impensada, ou como um conjunto de procedimentos definidos e realizados inúmeras vezes de forma igualitária, ou apenas mecânica.

Ao contrário, Wenger (1998) aponta que essa união é capaz de permitir que as atividades iguais desenvolvidas sejam rotineiramente pensadas de forma diferente, renovadas, para que o sujeito seja sempre capaz de fazer o melhor.

E a renovação acaba se tornando uma técnica que impulsiona a prática feirante, é sabido que existe um apelo grandioso na atualidade, as preocupações da sociedade giram em torno dos produtos naturais evitando aqueles que possuem pesticidas. Esses produtos são na contemporaneidade denominados de orgânicos, são custosos nos supermercados e, mesmo assim, muitos consumidores compram na perspectiva que ao pagar o valor estão consumindo um produto saudável para o organismo.

Alguns feirantes olhando para essa onda capitalista promovem seus produtos, como pode ser notado no discurso de Madalena (banca de verduras) que faz questão de ressaltar a seus fregueses que os produtos que ela comercializa não possuem agrotóxico, para evitar lagartas, larvas e outros vermes próprios da natureza, usa uma mistura de *“água com fumo de corda.”*

Segunda ela, essa mistura é suficiente para que as larvas não se aproximem, e ao lavar e higienizar corretamente as verduras a mistura é removida, não causando danos á saúde do consumidor.

Ela também conta aos fregueses que em seu sítio, onde as verduras são plantadas, usa a água da mina para regar os produtos e o único meio de cultivo da terra é com esterco de galinha.

Após a realização da colheita passa as verduras por três tanques de água, reforçando que não é por causa da mistura utilizada de água e fumo de corda, nem por larvas, mas sim pelas joaninhas.

Assim, ela apresenta a técnica utilizada e demonstra aos fregueses o significado que isso tem para a atividade que realiza, voltando-se para oferecer produtos de boa qualidade,

não se tratando somente do “fazer” e sim do sentido que esses fazeres tem para os sujeitos que executam as atividades.

Para Wenger (1998) o significado é compreendido como uma questão filosófica que está diretamente relacionado à vida, à experiência, ao ato de impregnar naquilo que se faz e no desenvolvimento de um trabalho o que foi em outro momento aprendido e ser capaz de re-significá-lo.

O significado, então, é na realização do trabalho aquilo que permite que cada sujeito, seja competente para construir individualmente as melhores formas de realização de suas práticas, e que essas sejam apropriadas para apoiar o desenvolvimento da atividade de outros.

Como a Madalena é uma feirante falante, ela ensina também a cultivar a orquídea, que usa para enfeitar a sua banca e que se torna um atrativo para que as mulheres se aproximem.

As plantas são belíssimas, mas não comercializadas, a cada nova freguesa a Madalena faz questão de mostrar cada detalhe, cada mistura de cor, cada formato, enfatizando que esse tipo de flor “*gosta de sofrer*” porque quanto mais seco o local em que ela está plantada mais tempo ela dura.

Madalena, que usa como vaso as cascas de coco, indica a barraca que vende coco fresco para as freguesas ao ensiná-las como transformar a casca da fruta em vaso.

- *“Como o formato do coco é oval, ao cortá-lo ao meio, se faz duas bandas, sendo que em cada banda pode ser plantada uma muda de orquídea. Na parte inferior deve ser feito um furo com prego mesmo, para vazão de água, e a planta deve ser regada apenas duas vezes por semana”.*

Segundo ela a orquídea é linda, porém tímida, por isso deve ser pendurada em troncos de árvores, que serão responsáveis por dar a ela a iluminação necessária.

Para as freguesas que se queixaram por morar em apartamentos, ela também orientava para colocarem logo cedinho a planta para tomar sol e depois deixá-la dentro do apartamento em local com pouca iluminação.

A feirante ao trazer para a sua banca, uma flor denota criatividade e amabilidade com aquilo que faz, além de apoiar a prática de outro feirante, aquele que vende coco. Nesse ínterim “não importa o que se faz, e sim, de ser levado a pensar no significado daquilo que se está fazendo” (WENGER, 1998).

Wenger (1998) ao exemplificar sobre o significado comenta a forma como um pintor coloca em sua tela, uma arte. No principio trata-se apenas um espaço em branco, que vai

tomando corpo à medida que a criatividade invade o pintor, e para essa ação ocorre as interações que são próprias do ser humano, o cognitivo, o motor e o afetivo, é essa união que emana o significado.

Para o autor o significado, também, envolve um método de negociação, que não é simplesmente um acordo entre partes, mas sim algo que requer constante ajuste, como exemplificado por ele, sobre o trabalho realizado por Ariel em um escritório que ao receber solicitações, as classifica, as seleciona e as inclui em uma categoria, para então resolvê-las.

Essa dinâmica somente tornou-se possível à medida que Ariel foi participando e envolvendo-se com a realização da prática, pois segundo ela nos primeiros dias de trabalho era muito difícil compreender a dinâmica estabelecida ao tratamento das solicitações, mas com a realização rotineira as questões vieram a se tornar familiares.

Assim sendo, a negociação se torna uma maneira de conhecimento sobre o fazer, e ao passo que novas experiências vão surgindo e uma nova dinâmica de tratamento vai sendo construída pelo sujeito, são os novos saberes que emergem.

Ao ficar com a Madalena, outra descoberta permitida e significativa foi sobre os vários tipos de almeirão que são comercializados na feira livre, e que somente chamou atenção ao perceber que os fregueses perguntavam que verduras eram aquelas expostas em sua banca.

Madalena percebeu que pouco se tinha na feira livre da culinária chinesa, por isso se interessou e buscou conhecer todos os produtos que eles consomem, estudou as formas de plantio e, por meio da internet realizou compras de mudas e equipamentos específicos para o corte e renovou.

Ela tem paciência para transmitir os saberes que obteve sobre os produtos, mostra aos fregueses, pega o produto e entrega nas mãos deles para que possam conhecer o que é o almeirão pão de açúcar, o almeirão radite, o almeirão catalonia e o almeirão comum. Em seguida, explica como ele pode ser utilizado na cozinha.

E como ela disse: - *“Aprendi as coisas com o tempo, e para facilitar a vida das freguesas dou as dicas”*.

O processo de participar em uma prática sempre implica que toda pessoa atue e conheça ao mesmo tempo. Na prática, a chamada atividade manual não é reflexiva e a atividade mental não é incorpórea. E nenhuma delas é o concreto solidamente evidente, nem o abstrato transcendentemente geral (...) (WENGER, 2001, p.71 e 72 apud MIGUEL & VILELA, 2007, p. 115)

O excerto apresentado permite uma conexão com a ação realizada pela Madalena e de outros feirantes, a de entregar os produtos para que os clientes possam senti-los, parece

estranho já que eles serão ingeridos, mas a relação das mãos, do tato parece também uma forma de saber, de reconhecimento e de significação.

Nesse caso, o tato parece assumir na comunidade feirante a posição do paladar como forma de uma primeira degustação do produto, seria como se as mãos fossem capazes de conhecer o produto antes do paladar, mas na realidade o feirante propicia ao freguês o sentir e o vivenciar.

Na visão de Wenger (1998) o vivenciar é peça fundamental para a constituição do saber, e tomar posse da localidade da feira livre e de seus conteúdos como um meio de conotar sentido para a aprendizagem na contemporaneidade, torna-se relevante.

Desse modo, a relação que existe com o corpo e o produto parecem ser fortalecedores da prática e dos saberes, pois os fregueses ao realizarem a seleção dos produtos apalpam, pegam, olham e, então, realizam a escolha. O feirante permite essa ação, deixa o freguês a vontade com o produto, mesmo sabendo que o mesmo poderá ser machucado.

Porém, os feirantes possuem uma relação de toque no produto diferente do freguês, eles não apalpam apenas pegam levemente, parece que a relação de força que é dada no produto é antecipadamente calculada.

Isto é, também, o seu saber e conseqüentemente peça fundamental da sua prática, pois eles estão adaptados àquele peso, àquela densidade, àquela forma, àquele movimento e quando é necessário o uso dos braços e das mãos, eles sabem a força que devem colocar para não danificar o fruto, e conseqüentemente, não estragá-lo.

“Desta forma, evidencia-se a ação como inseparável da vida da comunidade que a desenvolve, tornando possível ligar os indivíduos às comunidades e o cognitivo ao social”. (SANTOS, 2002).

E, um exemplo que pode ser considerado é o da maçã. O freguês precisa pegar o produto na mão para senti-lo e aproximá-lo por completo dos olhos, mas o feirante o reconhece pela coloração e pela viscosidade da casca.

Na contemporaneidade, muitos fregueses não sabem o tipo de produto que estão comprando, geralmente todos são tratados de mesmo modo, como no caso da maçã, pois ao olhar para elas parecem ser iguais, mas ao participar a prática da feira livre percebe-se o quanto são diferentes, pelo nome, pela cor, pelo tamanho, pelo cheiro e pelas formas de uso.

Foi possível apreciar as maçãs: Gala, Golden, Fuji, Smith e Red. Todas podem e devem ser ingeridas ao natural, mas podem também ser utilizadas na cozinha, sendo a Gala e

a Red adequadas para fazer purê, molho e suco. A Golden e a Smith para fazer torta e geléia e a Fuji indicada para saladas e doces.

Cada uma possui uma coloração diferente o que permite aos feirantes a identificação rápida, a Gala é vermelho-clara, a Golden é verde-amarelada, a Fuji é vermelha rajada, a Smith é verde brilhante e a Red é vermelha e lisa. As propriedades, também, são diferentes, pois, a Gala é aromática e adocicada, a Golden de sabor suave, a Fuji, a Smith e a Red são ácidas.

Outrora os sujeitos eram ensinados a dominar essas peculiaridades domésticas sobre o produto consumido, porém com o avanço industrial e o constante movimento que os sujeitos foram colocados por meio das preocupações voltadas para o capital, esses saberes específicos foram, pouco a pouco, tornando-se irrelevantes.

Porém, veja como se torna importante um doente que não pode ingerir o alimento ácido, saber que as maçãs Fuji, Smith e Red não são indicadas para ele, mas que ele pode consumir tranquilamente as maçãs Gala e Golden.

Outro aspecto relevante é no uso doméstico culinário, pois para a dona de casa as receitas não indicam o tipo de maçã para se fazer um bolo ou uma torta, apenas trazem a informação da quantidade de maçãs, sabendo-se que as mais indicadas para esse tipo de alimento são a Golden e a Smith se torna mais fácil o fazer e, talvez mais saboroso.

As propriedades dos produtos, também, fazem parte da prática da feira livre, pois os feirantes sempre procuram elucidar ao freguês, ao realizar suas compras, sobre essa questão, tanto que ao serem solicitados para o corte dos talos eles fazem questão de apontar o que o cliente perde ao fazer a retirada.

Como se o feirante realizasse um alerta ao freguês, por exemplo, ao retirar o talo da couve eles explicam aos fregueses, que a maior quantidade de fibra está no talo e que este pode ser cozido junto com as folhas. Outro exemplo são os talos de beterraba que, quando solicitado a retirada, eles salientam que a maior quantidade de ferro está no talo.

Além da atenção dada aos tipos, propriedades e benfeitorias dos produtos, eles fazem questão de ensinar como conservar o produto na geladeira por mais tempo, como exemplo para as folhas, deve-se colocar de molho em água com uma colher de chá de água sanitária, ou com uma colher de sopa de vinagre, as folhas deverão ficar nessa mistura por cinco minutos para higienização, depois deverão ser lavadas em água corrente, enxugadas em guardanapos limpos e em seguida colocados em uma vasilha plástica que tenha tampa, antes de fechar é necessário colocar por cima papel toalha para absorção da água.

No caso da cenoura, se for para mantê-la em geladeira ao natural, pronta para o uso em saladas, deve-se descascá-la, passá-la na água e depois ralá-la, para então guardá-la em uma vasilha plástica com tampa. E alertam que se o procedimento não for realizado, a cenoura ficará escura no dia seguinte e imprópria para o uso.

Todavia, todo o conteúdo apresentado não se trata de simples saberes, de fácil assimilação, para conhecer realmente o produto, seus tipos, suas propriedades, suas formas de conservação, uso e consumo, torna-se necessário o aprofundamento da prática dos feirantes.

Nesse sentido, “existe uma correspondência entre conhecer e aprender, entre a natureza da competência e o processo pelo qual esta se adquire, se divide e se amplia.” WENGER, 1998, p.132. (Tradução nossa)¹¹

Ao ouvir a história da Joana (banca de condimentos) percebi como a prática é capaz de manifestar-se positivamente na formação do sujeito, pois ela começou a trabalhar na feira livre ainda criança, aos onze anos. A banca de condimentos era de seu vizinho que estava à procura de um ajudante para lhe apoiar nas atividades, a mãe dela ao saber da necessidade do vizinho, candidatou a sua filha, que foi aceita.

Joana, após trabalhar com ele por dois anos, recebeu a informação dele que já não conseguia mais dar continuidade ao trabalho, pois estava cansado e considerando-se com idade avançada para a realização das atividades, e lhe informou que venderia a banca.

Ela ficou apreensiva, pois pensava o que iria fazer, estava feliz e adaptada à realização das atividades, onde fazer algo tão prazeroso como era o sentimento de estar na feira livre. Resolveu ter uma decisão de um adulto, de solicitar a seu pai que comprasse a banca para ela trabalhar. O pai não tinha renda suficiente, somente um veículo velho, que propôs ao feirante como parte de pagamento, a outra parte seria pago em parcelas mensais que proveriam do próprio esforço de Joana.

Hoje, ela é dona da banca, trabalha com o marido e a filha e, sente-se realizada com a decisão que tomou na infância; é alegre, demonstra envolvimento, conhece todas as especiarias que comercializa, está sempre atenta às novidades que as envolvem e sente-se integrada à comunidade feirante.

Conforme aponta Wenger (1998, p.76), “A prática se refere ao significado como experiência da vida cotidiana” (Tradução nossa)¹², dessa forma ao pensar na feira livre sob esta perspectiva traz contribuições para pensar os processos de aprendizagem e produção de

¹¹ Cf. Original: “existe una correspondencia entre conocer y aprender, entre la naturaleza de la competencia y el proceso por el cual ésta se adquiere, se comparte y se amplia” (WENGER, 1998, p.132)

¹² Cf. Original: La práctica se refiere al significado como experiencia de la vida cotidiana.” (WENGER, 1998, p.76)

saberes relacionados à vivência do feirante e ao trabalho que ele realiza cotidianamente, podendo dessa forma ser vista, tal como considerado por Lave (apud MIGUEL & VILELA, 2008) como prática situada, ou seja, um meio de aprendizagem que se manifesta e que produz significados aos feirantes a partir do ato de agir.

Nesse tocante, os saberes são constituídos no contexto da prática, baseados nas interações dos sujeitos feirantes com os sujeitos fregueses no espaço da feira livre, o que permite olhar ainda para a relação estabelecida nas práticas de cálculo, não somente sob a formulação do preço dos produtos e da venda, mas nas relações existentes com o produto comercializado.

3.2 As práticas de cálculo na comunidade feirante

Os feirantes aprendem e usam os números na prática da feira livre de forma significativa para a realização do trabalho e, por esse motivo, cabe dar a essa prática de cálculo, uma atenção especial, no sentido de entender como elas fazem parte do cotidiano do feirante e das relações sociais estabelecidas.

Assim, para apoiar essa perspectiva torna-se imprescindível observar a temática do numeramento, buscando considerações que direcionadas à questão do uso dos números na comunidade de prática feirante, entrando no campo do numeramento.

O numeramento é tratado por Mendes (2007), como uma noção elaborada a partir das visões da Etnomatemática¹³ e do Letramento¹⁴, para a discussão em torno dos usos relacionados às formas escritas presentes em diversas práticas matemáticas, em contextos sociais distintos.

Assim, é a partir desta temática que se compreende o uso dos números na feira livre, como um saber necessário para o desenvolvimento do trabalho, realizado enquanto prática situada, já que os feirantes ao usarem a moeda corrente necessitam encontrar formas de produção de saberes relacionados às operações de adição, divisão, multiplicação e subtração.

¹³ Monteiro (in Sisto, 2001): A Etnomatemática objetiva, entre outros aspectos, legitimar esses saberes construídos no interior dos grupos etnos ou sociais, elegendo diferentes discursos que são excluídos e renegados por não corresponderem aos padrões acadêmicos.

¹⁴ Mendes (2007, p.18) assume o letramento como aquele que procura observar a escrita relacionada aos seus contextos sociais de uso, sob a perspectiva de que diferentes grupos sociais dão ênfases diferentes sobre a aprendizagem da escrita e fazem usos específicos do meio oral, os quais variam conforme o tempo, o espaço e os objetivos.

E, além do uso da moeda corrente, cada produto estabelece uma forma específica para ser comercializado, com valores unitários, por dúzia, por quilo ou por bacia. Esses fatores acabam se tornando um movimento impulsionador para que o feirante aprenda rapidamente a lidar com os números.

Da mesma forma que na idéia da pluralidade de práticas sociais em torno da escrita, o numeramento pode ser pensado no sentido das diversas práticas em que são produzidas diferentes matemáticas, entre as quais existem aquelas que diferem das práticas escolarizadas. (MENDES, 2007, p.17).

Cabe ressaltar que não foi observado durante a realização da pesquisa, se os feirantes são capazes de resolverem problemas escritos que fazem parte da matemática da forma como os sujeitos são ensinados nas Instituições Escolares, contudo, foi possível observar que os feirantes são aptos na realização mental dos cálculos e se envolvem, aprendem e encontram na prática de cálculo um exercício necessário para a realização do trabalho.

Alem das especificidades que caracterizam a aprendizagem situada, importa aqui destacar que a aprendizagem em Lave não é encarada como um processo de adquirir saber, de memorizar procedimentos ou fatos, mas é considerada como *uma forma evolutiva de pertença, de ser membro, de se tornar como* (Santos, 2004, p.27 apud Miguel e Vilela, 2007, p. 114). Neste sentido, aprender está intimamente ligado a idéia de comunidade. (MIGUEL e VILELA, 2007, p. 114)

O excerto apresentado permite destacar o discurso de um feirante:

- *“Eu trabalhava desde os dez anos em uma carvoaria, via que ia morrer, aí vim trabalhar na feira porque o meu irmão me arrumou esse emprego, gostei tanto que levanto às 3h e 30 da madrugada e durmo às 22 horas. Não estudei e aprendi a matemática na feira, eu sou bom!” (Edilson de 24 anos - banca de verduras).*

Para esse sujeito sofrido por se ver em um trabalho que o levaria à morte, encontrou na feira livre um trabalho capaz de motivar ou de constituir o desejo de saber e usar as práticas de cálculo, como uma forma de vida, de se ver e se localizar no mundo.

Esse desabafo permite reafirmar que as feiras livres funcionam como local de trabalho e como um espaço que possibilita as construções mediadas por saberes, e os seus participantes, os feirantes, estabelecem novas construções a partir das possibilidades que são oferecidas por meio do vivenciar, onde cada um contribui significativamente para que esse saber seja lançado e transferido aos demais.

E os saberes sobre as práticas de cálculo utilizadas pelo feirante não cessam, pois são visualizadas na familiarização que eles têm com o uso do peso, as mãos parecem ser trabalhadas durante a prática para atuarem como balanças.

Muitos feirantes brincam com os fregueses por meio de jogos de adivinhações, a cena mais comum que foi presenciada entre eles: os fregueses ao solicitarem um quilo (1 kg) de feijão, são surpreendidos pelo questionamento do feirante ao colocar o produto em embalagem de papel pardo: - *Aqui tem ou não 1 kg?*

Alguns clientes brincam: - *Se tiver eu não vou pagar né?*

Outros palpitam: - *Não! Não tem!*

O feirante todo orgulhoso, mostra que tem exatos um quilo.

Ao olhar para essa forma de relação com a massa, observa-se a ação fortalecedora que a prática exerce sobre os sujeitos feirantes, pois cada produto comercializado possui uma densidade distinta dada pela forma ou pelo tamanho dos grãos, ou seja, o quilo do feijão é bastante diferente do quilo do arroz.

E, as adivinhações não eram somente com o grão de feijão, mas com grão-de-bico, com o milho de pipoca e outros grãos observados. Assim como os acertos dos pesos não eram somente para números inteiros, mas também para gramas.

Joana (Banca de Condimentos) tem um saber com pequenas massas, como gramas dos produtos em pó. Além do saber, ela é extremamente ágil na formação dos preços, ao transformar quilos em gramas.

Segundo ela, procura sempre trabalhar com números inteiros, que facilita a multiplicação e, também, facilita o troco para o freguês.

Eu, entusiasmada por assistir várias vezes às cenas, não consegui manter-me quieta:

- *“Por que vocês usam a balança?”*

Joana: - “Para mostrar ao freguês que ele está levando o peso que pediu”.

Nesse caso a balança valida a legitimidade do saber do feirante, e comprova a aprendizagem que se estabelece nesse espaço social-educativo, mas vale refletir que se os feirantes não usassem a balança ou não conferissem os valores a serem pagos pelos fregueses, seriam esses fatores causadores de estranhamento, o que inevitavelmente provocaria reações negativas àqueles sujeitos alfabetizados e familiarizados com a matemática escolar.

E, essa relação de embate entre o feirante e o freguês, não é um aspecto de interesse para a comunidade feirante e a sua prática, contrariamente, o desejo do feirante está exatamente em manter o relacionamento positivo com o freguês e, por esse motivo, os

feirantes utilizam cotidianamente em sua prática os jogos discursivos, para seduzir, convencer e vender.

3.3 Os jogos discursivos na prática da comunidade feirante: poder e sedução.

Na feira livre a linguagem é própria da comunidade, eles apresentam dinamismo discursivo para compor a troca com o outro, inclusive a língua para eles assume um caráter estratégico, pois fazem uso de outra língua que não a materna como meio de ofuscar aos fregueses aquilo que querem dizer.

É a língua japonesa que é aprendida e exercida na prática da feira livre, ela é um código criativo, capaz de gerar espanto e curiosidade aos fregueses.

Foram poucas as vezes que observei os fregueses questionando os feirantes sobre o que estava sendo dito, seria como se eles compreendessem que aquela linguagem é permitida somente aos membros da comunidade feirante.

Nas poucas vezes que foram questionados na minha presença, desconversaram ou apenas respondiam que estavam brincando entre eles de falar em japonês. Algumas palavras que aprendi nesse período da pesquisa e, que são usuais entre eles serão traduzidas conforme pronuncia e significação dada pelos feirantes:

Benjo ou Toere: Vou ao banheiro

No core: A salada é de ontem

Na micude: Tem lesma nas suas verduras

Quirei na mumu nessa: moça bonita

Shiri: bunda grande

Desse modo a linguagem traduz as formas como os sujeitos interagem entre si e com os outros que venham a participar de uma mesma comunidade.

Neste sentido a linguagem, não é a fala e nem a língua dos sujeitos, mas sim um movimento na prática social, se realiza enquanto jogo discursivo. E assim o sujeito deve ser observado, em seus momentos de trocas com outros sujeitos, pois a sua prática é algo que manifesta e materializa a linguagem, o que dá e o que conota efeitos de sentido vivencial.

Para Silva & Mendes (prelo), a linguagem pode ser traduzida

num movimento de mão dupla, um critério de inteligibilidade, traz uma lógica para ver o mundo e, ainda, pode ser reveladora, porque expressa o que é importante numa forma de vida, ela dá indícios das características culturais de uma comunidade.

Nesse espaço a linguagem pode ser entendida como prática social, capaz de transformar e de mobilizar coletivamente os saberes, desse modo, o sujeito ao estar presente em uma determinada comunidade tem enraizado a linguagem da mesma.

Para Veiga-Neto (2007, p.89), pensar a linguagem sob o ponto de vista de Foucault significa “assumi-la como constitutiva do nosso pensamento e, em consequência, do sentido que damos às coisas, à nossa experiência, ao mundo”. Desse modo, o que tem um determinado significado para um sujeito para outro pode não ter.

Destarte, a comunidade feirante ao inserir em seu contexto o uso da língua japonesa emprega discursos adotados por eles, o que segundo Wenger (1998) é próprio de uma comunidade de prática que “tem seus próprios estilos e rompem com que é comum”.

É a linguagem, que produz e estimula as relações entre os feirantes que serão construídas por meio do discurso.

Atualmente há na Cidade uma política pública que reduz o uso de sacolas plásticas comuns nos mercados, essa obrigatoriedade chegou também à feira livre que, assim como os mercados deveriam usar e cobrar pelas sacolas ecologicamente corretas, que possuem um fator de absorção pelo solo e sem causar danos à natureza.

Os feirantes, ao questionarem os discursos dessa imposição dada pelo Município, testaram a nova sacola plantando mudas de flores para investigação, pois sabiam que as antigas funcionavam como vasos plásticos, e por surpresa a nova sacola plástica se desfez como se fosse papel.

Esse discurso acaba sendo disseminado na feira livre. Entretanto, os feirantes recusam-se a cobrar dos fregueses pelas sacolas plásticas a quantia de vinte e cinco centavos cada uma, pois compreendem que ao vender o produto devem oferecer meios para que eles sejam carregados.

...O poder se dispõe numa rede, na qual há, de fato, pontos de resistência, mas que não são extraídos de “um lugar de grande recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura de revolucionário”, mas que são, sim, gerados dentro da própria rede, às vezes amplamente abrangentes, mas em geral, minúsculos, transitórios e móveis. (VEIGA-NETO, 2007, P.125).

Nessa perspectiva o sujeito feirante, é de fato precavido, eles se denominam desconfiados e por isso buscam comprovações e usam os questionamentos, sempre com um

olhar apurado sobre o discurso do outro, o que possibilita que ele seja, também, um sujeito de conhecimento.

Para Foucault (2003) o conhecimento não é um resultado natural, mas sim uma soma de práticas ou de impossibilidades que cercam os sujeitos em sua rotina cotidiana que são estabelecidas ou construídas por meio das práticas discursivas.

Entretanto, tais práticas discursivas não são aquelas que seguem a ordem da linguagem formal, “mas é todo o conjunto de enunciados” (Veiga-Neto, 2007, p.93) e que constituem uma relação de poder, dá-se assim, o sujeito do conhecimento.

Como coloca Foucault (2003, p.10), que seria de interesse:

Tentar ver na história como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história.

Dessa forma à medida que o sujeito é fundado e refundado é colocado em movimento, frente às diversas possibilidades de conhecimento respondendo pela corrente transformação, constituem, portanto, uma dinâmica, pois ao estar em luta para a manutenção de suas práticas na feira livre é capaz de produzir novos saberes. Essa luta, também, se traduz em implicações e embates que se manifesta nas trocas com outros sujeitos.

Foucault (2003) aponta que o conhecimento é da ordem do duelo, e para que seja possível construir sempre novos conhecimentos, se torna necessário estar sempre em combate, é isso que faz com que o sujeito venha a emergir.

“O sujeito moderno não está na origem dos saberes; ele não é o produtor de saberes, mas, ao contrário, ele é um produto dos saberes. Ou talvez melhor, o sujeito não é um produtor, mas é produzido no interior dos saberes.” (FOUCAULT apud VEIGA-NETO, 2007, p.44)

Madalena que deixa as orquídeas para embelezar a banca, traz as freguesas como se essas fossem beija-flores, num processo de sedução pelo estético, pela beleza. Os fregueses parecem ver na feirante uma fonte de referência para o que envolve as questões naturais.

E nessa banca, foi possível ver a aproximação de uma senhora que reclamou das formigas pequenas em sua cozinha e no jardim, afirmando que há poucos meses havia passado veneno e que elas não morreram.

Madalena pára um pouco, pensa e responde a ela:

“- A senhora deverá fazer o seguinte: Escolha quatro dentes de alho grandes, coloque em uma panela meio litro de água, coloque os alhos

inteiros, deixe ferver bem. Desligue a panela e deixe essa mistura de um dia para o outro. No dia seguinte, retire os alhos e coloque a água em um esborrifador (ela mostra para a senhora a embalagem plástica que usa para regar as verduras), e jogue essa mistura nas plantas, na pia, e em todos os lugares que a senhora ver formiguinhas. Não dou mais de dois dias para não ter mais nenhuma, e sempre que aparecerem é só usar essa mesma mistura, não precisa jogar fora”.

Ela se estende:

- “Aqui atrás nas bancas que vendem utensílios para cozinha a senhora vai encontrar essa garrafinha por R\$ 1,00 (um real)”.

A senhora satisfeita, diz:

- “Nossa! Quem iria imaginar que alho mata formiga, não sabia disso. Vou fazer”.

Nessa perspectiva, os feirantes estabelecem relações de poder com seus fregueses ao fazerem com que os saberes se mobilizem internamente e que sejam formuladas estratégias que venham contribuir com o exercício de um poder que seduz para a compra.

Assim, ao observar que a freguesa reconhece na feirante uma rede de saberes, que ela não possui, e que ao verificar que um produto que todos os sujeitos possuem em seus lares, o alho, pode ser um agente que promoverá o desaparecimento da formiga, inserem-se em uma rede de saber-poder.

Desse modo, na extensão em que esse poder-saber atravessa a freguesa, a mesma também será difusora em um dado momento desse saber constituindo redes que, se conectam e possíveis de promoverem movimentos contínuos nas relações sociais.

Veiga-Neto (2007, p. 123) ao abordar a noção de relações de poder em Foucault ressalta o aspecto “relacional: o poder não existe (no sentido definido do artigo e no sentido duro do verbo), mas existem práticas em que ele se manifesta, atua, funciona e se espalha universal e capilarmente”.

Compreende-se que, mesmo se tratando dos fregueses mais velhos, eles reconhecem que os feirantes possuem um saber, construído e modificado em determinado momento histórico, e que esse saber é significativo no que se refere a prática feirante. Um saber que pode ser utilizável por outros sujeitos em outras situações, que não necessariamente na feira livre.

Ao olhar para esse acontecimento, é possível observar uma maneira de tornar a freguesa um sujeito de conhecimento, pois quando a feirante para e pensa, busca em seu

interior saberes e, soluções, para que a freguesa não saia do espaço sem uma resposta. Assim, a feirante, também, se reconhece como uma referência de poder-saber para o problema dado.

Uma vez ocorrida essa relação que se implica pelo poder, ela conseqüentemente, será propulsora de outras relações de poder com outros sujeitos, assim, o poder não atua somente em “um sentido ou em uma direção”, mas no todo e em todas as relações.

Dessa forma, o poder não está implícito como algo que se manifesta de modo repressivo, antagônico ou entre rivais, mas como um fio conector capaz de alocar cada vez mais sujeitos, de produzir ações sobre ações, e de explicar como se fundam as relações de saberes nas práticas sociais.

O saber nessa relação seria como uma regra necessária para fazer parte do jogo que se estabelece entre os feirantes e os fregueses. Os fregueses ao solicitarem aos feirantes meios para tratamento de insetos, para guarda e higienização de produtos, formas de consumo, receitas culinárias, entre outros, os identificam como sujeitos que possuem um saber específico que, “é valorizado, distribuído, repartido, e de certo modo atribuído”. (FOUCAULT, 2009c)

Observando uma jovem freguesa escolhendo cenoura, beterraba, batata e tomates, foi possível vê-la questionando a feirante como ela poderia fazer um molho de tomate. A feirante rapidamente respondeu:

- “*Você vai congelar ou consumir na hora*”?

Sorrindo diz a jovem moça: – “Os dois”!

- “*Bem, não precisa tirar a casca do tomate como muita gente fala, você deve picar bem, colocar todos os temperos que gosta na panela, alho, cebola, cheiro verde. E, presta atenção, pois os tomates devem estar bem madurinhos, senão demora demais no fogo e não fica tão bom. Refogue o tempero e coloque os tomates no fogo, quando eles começarem a soltar água, antes de grudar na panela, você deverá colocar azeite. E, nada de colocar açúcar para tirar a acidez, **isso não existe**, coloque uma cenoura ou meio descascada quando colocar a água. A cenoura vai deixar o molho encorpado, e saboroso. Depois de pronto, quando levantar fervura, tire a cenoura e a jogue fora, pode colocar no macarrão que tá prontinho*”.

A jovem freguesa poderia na contemporaneidade buscar as informações por meio de dispositivos tecnológicos, como a internet, por exemplo. Perguntar aos sujeitos mais velhos, ou próximos, porém a dúvida que o freguês apresenta sobre o uso dos produtos pode ser

sanado no momento da compra, pois compreende que, o sujeito feirante é atestado, possui propriedade sobre os saberes que circulam na prática feirante relativa aos produtos que são vendidos e como fazer uso deles na culinária.

Contudo, são essas articulações que dão dinâmica às relações de poder, “é bem por isso que o saber é apreensível, ensinável, domesticável, volumoso. E poder e saber se entrecruza no sujeito, seu produto concreto” (DREYFUS & RABINOW apud VEIGA-NETO, 2007, p. 130).

Desse modo, o poder e o saber funcionam como uma engrenagem que estão sempre se movimentando, o que permite olhar para a prática do feirante e para os discursos com os fregueses que também são pautadas em relações de poder-saber.

Assim, o que será próprio de uma relação de poder é que essa relação é um modo de ação sobre as ações. Ou seja, as relações de poder, encontram-se profundamente arraigadas no nexos social, e não constituem, por cima da sociedade, uma estrutura suplementar com cujo desaparecimento se possa sonhar. De qualquer forma, viver em sociedade é viver de modo tal que seja possível que uns atuem sobre as ações dos outros. Uma sociedade sem relações de poder é uma abstração. (FOUCAULT apud VEIGA-NETO, 2007, p. 122).

A troca assistida na banca de frutas do Tiago mostra um exemplo dessa ação sobre a ação do outro. Quando um senhor de idade avançada, apresentava uma queixa sobre sua saúde, alegando que o intestino não estava bem há alguns dias, o feirante lhe recomendou a banana maçã como um “santo” remédio para o seu problema, alegando que houvera sofrido do mesmo mal e somente após o consumo da banana apresentou melhora.

O freguês, demonstrando satisfação lhe respondeu: *me veja uma dúzia delas, mas não tão madura para a semana*, realizando a compra do produto.

Eu, sensibilizada com o feirante, lhe perguntei após a saída do freguês:

- *“Nossa! Você ficou doente? Hoje, tudo se justifica como virose, não se tratava de uma delas?”*

Ele respondeu: - *Eu, nunca tive nada, eu contei uma mentirinha, que não fará mal nenhum a ele, mas olha não conte isso para ninguém.*

Quando Tiago afirma que a fruta não fará mal ao freguês, ele também mostra que, não se trata de uma ação maldosa, algo que possa lesar ou ferir o outro sujeito, tampouco mudar-lhe a consciência, mas de certa forma transfere a ele um saber sobre o produto e produz uma ação sobre a ação do freguês em relação ao seu problema de saúde.

E, o freguês, ao expor seu problema ao feirante, entende que ali está um sujeito autorizado a falar, a lhe propor algo para que se sinta melhor, ou ainda, um sujeito capaz de lhe indicar uma solução.

Nesse acontecimento localiza-se também uma forma em que o feirante encontra de dominar o freguês por meio do discurso, uma ação que somente torna-se possível trazer à tona, quando aflora o desejo da pesquisadora de ir além do dizível, do enunciado e do discurso colocado pelo feirante.

...a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório; esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2009c, p.9)

A relação de poder tem uma característica da prática, e não da consciência, de tal modo que, o sujeito possa também resistir às relações de poder. A forma de resistência que Foucault (apud Veiga Neto, 2007) se refere não é aquela de enfrentamento ou de embate caloroso, mas aquela que dentro de um determinado contexto social o sujeito consegue traçar estratégias para não se deixar conduzir, ou para conseguir conduzir a ação do outro.

Os feirantes ao serem interpelados pelos fregueses para concederem desconto, como dito anteriormente, não se agradam, eles se esquivam sem a necessidade de entrar em confronto direto com o freguês.

Uma senhora ao perguntar quando havia custado a sua compra, pergunta ao feirante:

- *“Tem desconto”?*

O feirante (Sr. Antonio) responde: - *“Tem que falar com o dono”*.

E aponta para um conhecido que estava conversando com ele, que entende o recado e fecha a cara sem dar um sorriso. A freguesa convencida de que não teria qualquer desconto, paga e vai embora.

O Sr. Antonio era o dono da banca, porém ao alegar que ele não era o dono da banca, propõe algo diferente, sem criar diretamente embate com o outro. Nesse caso, ao apontar para o sujeito que estava conversando, aponta também para o sujeito, hipoteticamente, de poder.

Esse sujeito de poder não necessita de uma fala, pois o discurso é nesse caso, o seu silêncio, e a sua negação é a forma como deixa transparecer e materializar o seu desagrado com o pedido.

Esse jogo discursivo foi em várias ocasiões observado e em bancas diferentes, sendo, portanto, uma estratégia comum entre eles, e que pode ser considerada uma regra da

comunidade feirante, algo que ocupa um lugar específico na formação discursiva da comunidade de prática.

O repertório de uma comunidade de aprendizagem inclui rotinas, palavras, instrumentos, maneiras de fazer, relatos, gestos, símbolos, gêneros, ações ou conceitos que a comunidade há produzido ou adotado no curso de sua existência e que passaram a fazer parte de seu aprendizado. O repertório combina aspectos de coisas e de participação. Inclui o discurso pelo qual os membros da comunidade criam afirmações significativas sobre o mundo, além dos estilos por meio dos quais expressam suas formas de afiliação e sua identidade como membros. WENGER, 1998, p. 110. (Tradução Nossa)¹⁵

Assim, também é comum entre eles a arte de galantear os fregueses, aplicando um jogo de palavras agradáveis capaz de envolvê-los e de promover nesses um sentimento de alegria, mesmo que momentaneamente, pois os semblantes dos fregueses mostram que gostaram do que ouviram.

Essa sedução exercida pelo feirante é um gracejo, e é também um poder, nesse aspecto o poder não é algo que reprime, mas é algo que agrada o outro, que promove no outro um bem estar e que faz com que ele também reproduza palavras agradáveis.

Em um dia de grande movimento na barraca de fruta do Tiago, dado a um feriado prolongado, e que o irmão participaria de um retiro católico, foi presenciado os diversos atendimentos realizados por ele.

Quando conhecia os fregueses, brincava e os deixava a vontade para escolher os produtos, e concentrava maior atenção aos novos fregueses, porém uma senhora freguesa, lhe disse:

- *“Só por que a banca está cheia não vai me atender, não”?*

Ele respondeu: - *“Oh, **minha amigona** de jeito nenhum, é pra já que vou parar tudo e pegar as frutas que a senhora quer. Pode falar...”*

Mas, durante essa fala ele continuava a atender os outros, e a envolvia cada vez mais:

- *A carambola está docinha hoje, dá uma olhadinha na bacia.*

E continuava a atender os outros fregueses. Antes que ela respondesse sobre a carambola, ele disse:

¹⁵ Cf. Original: “El repertorio de una comunidad de práctica incluye rutinas, palabras, instrumentos, maneras de hacer, relatos, gestos, símbolos, gêneros, acciones o conceptos que La comunidad há producido o adoptado em el curso de su existência y que han pasado a formar parte de su práctica. el repertorio combina aspectos cosificadores y de participación. Incluye el discurso por el que los miembros de la comunidad crean afirmaciones significativas sobre el mundo, además de los estilos por médio de los cuales expresan sus formas de afiliación y su identidad como miembros.” (WENGER, 1998, p. 110)¹⁵

- *“Dá uma olhadinha na banana maçã tá boa para a semana, separa uma dúzia **amiga**”.*

E assim seguia os atendimentos, hora conversando, envolvendo e agradando a senhora e, outras atendendo todos os fregueses que ali paravam. Somente quando a banca desafogou, foi que ele disse:

- *“Vamos lá **amigona**, vamos ver o que a **gente** separou para você hoje”.*

Estranhamente ele não havia separado nada para ela, ela é quem havia promovido a seleção sozinha, contudo sentiu-se acolhida ao ser chamada de amigona, ao receber dele palavras amistosas e que, de certa forma davam, a ela a sensação de estar sendo constantemente atendida.

Por outro lado, antes que a senhora saísse descontente com seu atendimento, ele lhe recomenda alguns produtos, para que ela se ocupe e o deixe um pouco mais a vontade para atender aos demais fregueses que se aproximavam da banca, exercendo uma forma de poder em relação a ela.

De fato, aquilo que define uma relação de poder é um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. Uma ação sobre a ação, sobre ações eventuais, ou atuais, futuras ou presentes. Uma relação de violência age sobre o corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro pólo senão aquele de passividade; e se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhes são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder que “o outro” (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido, mantido até o fim como o sujeito da ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis. (FOUCAULT, 1995, p. 243)

O Sr. Antonio (banca de legumes) recebeu em sua banca um vereador que ficou conhecido no município por ser jovem e estar infiltrado no mundo político, e ao observá-lo interagindo com ele, percebi a troca discursiva que se estabeleceu:

Sr. Antonio: - *“Olha estou te conhecendo, você é vereador, né?”*

O rapaz responde: - *“Sim, eu sou”.*

Sr. Antonio:

- *“Você sabe que eu sempre gostei de política, fui para Brasília participar da inauguração, e quando voltei à Cidade foi um alvoroço, fiquei muito conhecido, fui convidado para ser gerente de uma grande metalúrgica, mas a família toda era da feira, então, preferi ficar aqui.*

O rapaz responde: - *“E que não deixa de ser uma forma de política, pois lida com gente o tempo todo não é?”*

Sr. Antonio: *É verdade!*

O Sr. Antonio tem 52 anos, não foi necessário pesquisar a data da fundação de Brasília, pois de certo que ela ocorreu há muito mais tempo, ora se o arquiteto que respondeu pela obra já passou do centenário, obviamente que o feirante não poderia ter participado da inauguração e, menor ainda a chance de voltar para a Cidade e assumir uma posição de gerente, somente por ter ido presenciar esse momento histórico.

Há nessa troca discursiva algo a mais, pois o sujeito de poder era dado à posição política ocupada pelo freguês, e rapidamente o feirante encontra formas de participar com ele de uma rede de poder, de posicionar-se em um mesmo patamar de saber-poder, e tornar-se igual, além de lhe agradar ao manifestar interesse pela política desde tempos remotos.

Outra questão relevante nessa troca, é que o jovem vereador não contradiz ou questiona o feirante sobre a veracidade dos fatos, ele entra no jogo discursivo e, de certa forma também garante a sua posição política ao entrelaçá-la ao feirante, quando afirma que *“ser feirante também é uma forma de política.”*

Foucault (2009a) ao olhar para a trama social permite entender as relações de poder como, um movimento contínuo nas relações sociais, no qual cada sujeito a sua maneira estabelece com o outro uma relação de poder, conectada ao saber. Essa visão provocada pelo autor permitiu um distanciamento do poder como fator exclusivo e localizado nas estruturas mas presente na microfísica, nas tramas sociais existentes, portanto, pertinente ao espaço da feira livre.

Assim, o estabelecimento do poder se realiza através de jogos discursivos que se mobilizam na trama social, capaz de promover significado ao outro. Nesse caso o freguês não teria permissão de questionar sobre a veracidade da história contada e ele respeita inteligentemente o espaço que está inserido, pois também elogia e devolve ao feirante outro significado, de que a política é também o trato com outros sujeitos, e assim, o feirante é dessa forma um sujeito político.

“Pareceu-me que, enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas”. (FOUCAULT, 1995, p.232)

Nesse tocante o posicionamento de Foucault, permite perceber o quanto o sujeito se torna flexível e cria condições de maneira rápida para se mover discursivamente, assim o

discurso é dado como uma ligação do desejo do feirante em constituir relações de proximidade com o freguês ao assumir uma posição de interesse político, não exibindo total transparência sobre o que diz, mas trazendo à tona um acontecimento importante na história do Brasil.

A percepção considerada como valiosa no que se refere ao poder que se dá nas trocas sociais da feira livre, pautam-se sobre a possibilidade de expressar-se livremente, o que permite constantes construções tanto pelo feirante como pelo freguês, resultando em novos saberes.

Desse modo, o poder-saber na feira livre, não é algo que se constitui por meio de imposições de regras capazes de direcionar os comportamentos, mas é aquilo que remete a todos, feirantes e fregueses, a um jogo de condutas pautadas no saber.

Em outro momento, percebi uma grande movimentação na feira livre, foi em função da presença da rede de jornalismo do SBT que estava buscando informações sobre as promessas milagrosas de emagrecimento e realizando um paralelo com os produtos comercializados na feira livre. Pude acompanhar a entrevista realizada com o Sr. Adão:

Repórter: - *“O Sr. acredita que se o Ronaldo - Fenômeno, jogador do Corinthians, comesse mais legumes ele estaria magro?”*

Sr. Adão: - *“Não ele estaria pobre”.*

O repórter ao ouvir a sua resposta, sorri, agradece e segue para outra banca, sem qualquer comentário.

Percebe-se nessa troca que o feirante se manifesta, porém sem agredir o jogador, apresentando uma conduta coerente por meio do jogo discursivo, pois deixa aberta a resposta para que o repórter crie as possibilidades e seja capaz de construir suas próprias perspectivas, fazendo emergir uma relação de poder-saber.

Pensando nas possibilidades que se abrem a partir da resposta do Sr. Adão, é possível elaborar hipoteticamente respostas que poderiam ser, por exemplo, que talvez se o jogador não tivesse tanto dinheiro saberia se alimentar melhor, ou ainda, que a pessoa com maior condição econômica encontra prazer em comer comidas boas e calóricas, ou, que já era dado o momento do jogador parar de jogar, pois ganhou dinheiro suficiente para viver bem.

É importante ressaltar que o feirante se coloca naquilo que acredita ser correto naquele instante, o de não opinar, o de não estabelecer julgamento sobre a aparência do jogador e de não se dobrar às imposições que a mídia tenta estabelecer por meio do jornalista e de sua pergunta maliciosa, e de perceber que está também preso a uma relação de poder.

Nesse acontecimento, o feirante ao ser colocado em uma determinada situação é capaz de propor uma mudança, invertendo o que é dado e rearticulando, por meio do jogo discursivo, um universo de possibilidades.

Para Foucault (2009c), é o calor do momento, no acontecimento, que será permitido observar e analisar o discurso, pois é nessa ocasião que ele aparece vivo, claro e intenso entre os sujeitos e suas relações de poder-saber.

“A análise do discurso assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra a luz do dia, o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação”. (FOUCAULT, 2009c, p. 70)

Isso nos leva a concordar com Foucault (2003), que é na prática¹⁶ que o sujeito se funda, e que faz emergir uma rede de saberes que, estão conectados com o poder e com a produção da verdade, e que unidos servem e funcionam nos grupos sociais.

Na comunidade feirante é comum vê-los dando continuidade aos discursos de outros feirantes, e foi durante uma brincadeira de um feirante, alegando uma excursão somente de ida à Comunidade do Rio de Janeiro, um grupo de fregueses agradecendo e rejeitando o convite, divertiam-se com a brincadeira, foi quando um dos jovens feirantes (Yuri, 33 anos) aproveitando-se do momento iniciou o seguinte discurso:

- *“Muito das lutas que acontecem são por falta de comunicação, as pessoas não sabem conversar, o meu pai foi militar da Guerra de Pearl Harbor, a guerra se deu por culpa dos Estados Unidos e não do Japão como eles contam. O problema foi que não havia um tradutor na Ilha para que o Japão e o EUA pudessem conversar e, aí acabaram não se entendendo. Mas ainda bem que o Japão ganhou porque o meu pai estava lá e ele me trouxe para o Brasil, mesmo com esse negócio do Rio de Janeiro aqui não tem guerra”*.

O feirante conta a história a sua maneira, dando prosseguimento ao discurso do outro feirante e aproveita para continuar a chamar atenção, a envolver e a encantar os fregueses, que em momento algum perguntam sobre sua idade e a de seu pai, que não se aprofundam sobre o discurso dito, mas que param e escutam atentamente ao que está sendo apresentado pelo feirante.

¹⁶ Pela prática Foucault não pretende significar a atividade de um sujeito, [mas] designa a existência objetiva e material de certas regras a que o sujeito está submetido desde o momento em que pratica “o discurso”. (Lecourt apud Veiga-neto, 2007, p. 45)

Os fregueses se esquecem do discurso anterior, sobre a atuação avassaladora na Comunidade do Rio de Janeiro e atentam-se a beleza do Brasil, trata-se, portanto, de uma maneira pelo qual o discurso se forma nas múltiplas relações sociais da prática da feira livre, dando a um acontecimento do passado uma nova ordem, e o feirante, ao elogiar o Brasil em seu enunciado, aflora nos fregueses uma sensação de agrado, de nacionalidade, que estava acomodado no interior de cada um, e que ganha força e mobilidade ao ser trazido à tona, passando a ser significativo e capaz de aflorar novos sentidos aos fregueses.

Desenvolver seu repertório, seus estilos e seus discursos: renegociar o significado de diversos elementos; produzir ou adaptar instrumentos, artefatos, representações, registrar e recordar eventos; inventar novos termos e redefinir ou abandonar os antigos; contar y tornar a contar historias; criar e romper rotinas. WENGER, 1998, p.125. (Tradução Nossa)¹⁷

É a capacidade que o feirante possui para negociar o significado com os fregueses, que permite que os saberes ganhem vida na prática da feira livre e que, manifestos no discurso permaneçam como verdadeiros, desse modo a relação entre discurso e poder-saber é acima de tudo uma relação de produção, onde o poder se manifesta pelo discurso e esse por sua vez produz saber.

Desse modo, a grande significação está em pensar que ao haver, sujeito e discurso há relação de poder manifesta, atuando como mediadora das relações sociais e ao mesmo tempo atuando como forma de promoção de saberes.

Igualmente, o poder-saber no discurso do feirante permite que ele discorra sobre os diversos assuntos que ali circulam, tornando-o capaz de posicionar-se estrategicamente e acima de tudo permitindo que conquiste dia-a-dia, o freguês, dando continuidade à comunidade de prática da feira livre, e porque não dizer, inovando a cada dia o seu repertório por meio dos jogos discursivos.

A percepção sobre o discurso do feirante é caracterizada por Foucault (2009b) que sugere que o discurso seja compreendido como uma dinâmica em espiral, no qual a partir de uma pequena informação se constitua várias energias que vão se movimentando, impulsionando o sujeito a novos saberes, que se inicia lentamente e ganha corpo, força e aceleração e que se dispersa e se reconstitui em determinados instantes. O que não tinha

¹⁷ Cf. Original: Desarrollar su repertorio, sus estilos y sus discursos: renegociar el significado de diversos elementos; producir o adaptar instrumentos, artefactos, representaciones, registrar y recordar eventos; inventar nuevos términos y redefinir o abandonar los antiguos; contar y volver a contar historias; crear y romper rutinas. (WENGER, 1998, p.125)

forma passa a ganhar e o que não apresenta um significado passava a ter, sem visar o rígido, o linear e o previsível.

Portanto, o discurso de fato não é somente a fala, mas os atos de compra e venda, o que implica em discorrer sobre a manipulação dos produtos, sobre as trocas de receitas, sobre as características das frutas, verduras e legumes e, principalmente, sobre os jogos discursivos que implicam em artimanhas de sedução do freguês, no processo que envolve a produção e circulação de saberes e os processos de aprendizagem.

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Não foi de interesse da pesquisa, alinhar-se ao sensacionalismo comum à contemporaneidade, que pelos meios midiáticos apresenta dor e sofrimento como forma de alimentar leitores e telespectadores, mas de pensar nos aspectos positivos do espaço da feira livre e ter apresentado nessa pesquisa um ambiente onde o lúdico se imbrica com a construção de saberes, caracterizando a alegria contagiante existente nos sujeitos feirantes.

Entretanto, há um acontecimento que sempre toma as minhas lembranças e que envolve as crianças e as condições subumanas em que elas são apresentadas no momento da xepa no espaço da feira livre. Os quais, sem cerimônia, fazem dos restos de frutas, verduras e legumes o alimento mais valioso do mundo, e ainda são capazes de durante esse ato correr, brincar e permitir que a magia da infância esteja presente.

É, sem dúvida alguma, um choque fazer leituras sobre a desigualdade social, mas maior ainda é estar frente a frente com ela, de observar que a realidade brasileira na atualidade explode em violenta contradição, ocupando uma das maiores economias mundiais e não sendo capaz de romper as barreiras internas de empobrecimento.

A cena foi capaz de aflorar o sentimento de impotência, de perceber as necessidades do outro e de pensar o quanto fomos e somos privilegiados nesse mundo de enfrentamentos, o sentimento de que há uma força avassaladora que impulsiona os sujeitos à condição da pobreza, e que ela existe e está bem abaixo dos nossos olhos, com crianças dotadas de inteligência e carentes de apoio.

De pensar o quanto essa situação pode constituir naqueles pequenos seres humanos marcas permanentes, causadas pela falta de alimento, um alimento que não se resume somente naquele que ingerimos, mas no alimento que fomenta saberes e que os impulsiona a aprender a lutar por condições melhores.

No alimento familiar, de sentir-se amparado, aceito e independente da condição financeira de ter ao seu lado sujeitos capazes de conduzirem seus passos pelo caminho da vida, tornando a dura luta diária mais serena e mais motivadora por se dar coletivamente.

Por saber que mesmo diante de olhares de reprovação da sociedade pelo ato de garimpar o alimento, há pessoas que esperam pela sua volta, que zelam pela continuidade de seus estudos e que depositam neles a esperança de um mundo melhor.

Inúmeras foram às vezes que presenciei os feirantes **zelando** pela criança que ali estava, questionando sobre a participação na escola, alertando sobre a importância dos estudos, da necessidade de um trabalho e de uma renda para viver, contudo, era cada vez mais perceptível que ali elas estavam à margem do círculo familiar, à margem da educação e à margem do amparo público.

E, como lutar sem o apoio familiar? Como fazer para sair desse mundo que é dado? Como construir e ser construído de outro modo e sob outras perspectivas?

Nesse tocante, a feira vem a contribuir como um espaço de reivindicação de direitos, como uma esperança válida para se pensar nos saberes, valorizando e respeitando os costumes que ali se instauraram e propiciando um modo de dar vida por meio da realização do trabalho às formas de aprendizagem.

De expor que existe ali uma engrenagem que constantemente precisa de ajustes, mas que funciona e que valoriza as atividades desenvolvidas por cada feirante, e que unidos são capazes de articulações políticas que os mantêm intensos para lidarem com as adversidades do modelo capitalista que estamos inseridos.

De tal modo, a feira livre não é somente um espaço destinado à circulação de sujeitos, mas é um espaço de manifestação social capaz de apresentar a integração da família, dos amigos, dos namorados e de apontar que o ser humano precisa do outro, ele se constitui do outro, ele se apóia no outro e que a vida pode ser vivida mais feliz em comunhão.

É ainda, um espaço capaz de significar a vida no trabalho com a família, com os companheiros do dia-a-dia, de expor que juntos são capazes de prover o sustento, de pensar melhor sobre o que deve ser feito e o que se deve fazer, levando-nos a pensar que não se necessita de muito para ser aceito e bem sucedido, mas que está no desejo de realizar um bom trabalho, está na ação de desenvolver as tarefas cotidianas e de encontrar na prática coletiva o aconchego e o acolhimento.

De oferecer um espaço significativo capaz de propor às Instituições Escolares que muito pode ser extraído de seu entorno, não somente da feira livre, mas todos os espaços que abarcam a comunidade local, como as padarias com a arte da prática do padeiro ou as costureiras com a arte de copiar, cortar e costurar vestimentas transformando tecidos em roupas.

Essa permissão de agregar espaços ricos da educação não formal à educação formal remete a materialização de outros modos de se construir conhecimentos, propiciando que novas possibilidades **germinem** a partir da articulação da teoria e da prática.

Quem sabe, essa ação possa mobilizar educadores das mais diversas disciplinas, a voltarem-se, para a prática feirante e as manifestações discursivas como possibilidade para repensar suas atividades e seus papéis, visando por meio da jocosidade dos sujeitos feirantes edificarem novas relações com o que executam e com aqueles que participam rotineiramente de suas práticas.

Encontrando nesse rico universo que, não se prende a resultados exatos e nem a respostas exatas, admiráveis possibilidades de envolvimento por meio de sujeitos dotados de artimanhas, os feirantes, que são capazes de envolver, seduzir e convencer as crianças, os adultos e os idosos.

De antemão, que essa pesquisa tenha trazido a humildade e a simplicidade da feira livre, mas que tenha paralelamente explorado a grandiosidade dos saberes que integram e dinamizam as relações sociais que ali se estabelecem, e que a cada troca ganham novos sentidos, ampliando-a para além de um simples comércio itinerante.

Anseio também que, a partir deste trabalho um número maior de sujeitos alunos e pesquisadores, possam se interessar pelos contextos cotidianos e que possam deles extrair questões significativas para enriquecer e somar à Educação, pela criança, para a criança e para si mesmo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro. **Fazendo a feira**: Estudos das artes de dizer, nutrir e fazer a etnomatemática de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro de Major Prates em Montes Claros – MG. Universidade Estadual de Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução, Plínio Dentzien. _ Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Globalização**: As competências Humanas. Tradução Marcus Penchel. - Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1999.

Corracini, Maria José. **Identidades Múltiplas e Sociedade do Espetáculo**: Impacto nas Novas Tecnologias de Comunicação in Práticas identitárias: língua e discurso / Isabel Magalhães. Maria José Corracini, Marisa Grigoletto, (org). – São Carlos: Claraluz, 2006.(p.133 – 156)

DREYFUS, Humbert L. **Michel Foucault**, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica); tradução de Vera Porto Carrero. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia : Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**/Michel Foucault, tradução de Luiz Felipe Baeta Neves – 7.ed – Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2009b.

_____. **A ordem do Discurso**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009c.

_____. **História da Sexualidade 3**: O cuidado de si / Michael Foucault : Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque : revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. – Rio de Janeiro : Edições Graal, 1985.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão / Michel Foucault: Tradução de Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009a.

_____. **A verdade e as formas jurídicas** / Michel Foucault: Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes... et al. J. – Rio de Janeiro : NAU Editora, 2003.

_____. **Microfísica do Poder** / Michel Foucault: Organização e Tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro : Edições Graal, 1979. (p.01-97)

GRACIA, Tomás I. **O Giro Linguístico**, in Iniguez, Lupicínio, Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais, Petrópolis.

Glossário de Termos do discurso : projeto de pesquisa : **A aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso**: a posição do leitor-autor (1997-2001) / Orientadora: Maria Cristina Leandro Ferreira ; bolsista de iniciação científica Ana Boff de Godoy ... [et al.]. – Porto Alegre : UFRGS. Instituto de Letras, 2001. – 30 p.

GREGOLIN, M. R. V. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**. Diálogos e duelos. São Carlos : Claraluz, 2004.

GREGOLIN, M. R. V. **O enunciado e o arquivo**: Foucault (entre) vistas. In: SARGENTINI, V e NAVARRO-BARBOSA, M. Foucault nos domínios da linguagem. São Carlos: Claraluz, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MENDES, Jackeline Rodrigues. **Múltiplos Olhares**: Matemática e Produção de Conhecimento / Jackeline Rodrigues Mendes, Regina Célia Grando (organizadoras), - São Paulo : Musa Editora, 2007.

MIGUEL, Antonio. **Percursos Indisciplinados na Atividade de Pesquisa em História (da Educação Matemática)**: entre jogos discursivos como práticas e práticas como jogos discursivos. Bolema, Rio Claro (SP), v.23, nº 35ª, p.1 a 57, abril, 2010.

MIGUEL, Antonio; VILELA, Denise Silva. **Práticas Escolares de Mobilização de cultura Matemática**. Caderno Cedes, Campinas, v.28, nº 74, p. 97-120. Jan/Abr.2008. Disponível em < <http://www.cedes.unicamp.br> > acesso em: 14/12/2011

SANTOS, Madalena Pinto dos. **Um olhar sobre o conceito de Comunidades de Prática**, 2002. Disponível em < <http://www.edu.fc.ul.pt/docentes> > acesso em: 14/12/2011

SILVA, D. & MENDES, J. **A linguagem como eixo de investigação na pesquisa em educação matemática: contribuições da filosofia e dos estudos do discurso**, no prelo.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da Educação**: estudos foucautianos / Tomaz Tadeu da Silva (org.). 6. ed. – Petrópolis: Vozes, 2008.

SISTO, Fermino Fernandes. Dobránszky, Enia Abreu. **Cotidiano Escolar**: Questões de leitura matemática e aprendizagem / Fermino Fernandes Sisto, Enia Abreu Dobránszky : Alexandrina Monteiro (org.). Petrópolis : Vozes : Bragança Paulista, USF, 2001.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí?/ Carlos Skliar: Tradução Giane Lessá. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. (p.18-64)

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum** / E.P. Thompson ; revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes, - São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In Rago, Margareth, Veiga-Neto, Alfredo (org) Figuras de Foucault. - Belo Horizonte : Autentica, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação** / Alfredo Veiga Neto. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autentica, 2007.

WENGER, Etienne. **Communities of practice**: Learning, meaning, and identity. Publicado en Inglés, en 1998, por The Press Syndicate of the University of Cambridge, Cambridge, Reino Unido. Dela traducción Gennis Sánchez Barberán. – Barcelona : Paidós Ibérica, 2001.